

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

MANOELA GRAZZIOTIN RODRIGUES

**ENTRE DESENHOS, CORES E HISTÓRIAS:
PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O MUSEU DE VACARIA/RS**

**VACARIA
2022**

MANOELA GRAZZIOTIN RODRIGUES

**ENTRE DESENHOS, CORES E HISTÓRIAS:
PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O MUSEU DE VACARIA/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em História, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Radünz.

**VACARIA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

R696e Rodrigues, Manoela Grazziotin
Entre desenhos, cores e histórias [recurso eletrônico] : proposta de material didático para o museu de Vácaria/RS / Manoela Grazziotin Rodrigues. – 2022.
Dados eletrônicos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.
Orientação: Roberto Radünz.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>
1. História - Estudo e ensino. 2. Museus - Vácaria (RS). 3. Material didático. 4. Educação de crianças. I. Radünz, Roberto, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 94:37

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

ENTRE DESENHOS, CORES E HISTÓRIAS: PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O MUSEU DE VACARIA/RS

Manoela Grazziotin Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Vacaria, 15 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Dr. Roberto Radünz (orientador)

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Rela

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Fabiana Oliveira

Universidade Federal de Alfenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), por oportunizar que a nossa cidade de Vacaria tivesse o seu primeiro curso de Mestrado Profissional. Às colegas Pâmela, Lisandra, Alessandra, Jade e Lisiara pelo companheirismo. Aos professores doutores Roberto Radünz, Eliana Rela, Juliane Cescon, Cristine Lia, Eliana Xerri, Katani Monteiro e Terciane Luchese, por compartilharem conosco seus conhecimentos e serem responsáveis pela realização do Mestrado, especialmente ao prof. Dr. Roberto Radünz, por sua orientação e acompanhamento.

Agradeço às pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa, Maxx Produtora com suas filmagens, Dr. Adhemar Pinotti com suas contribuições, ao arquiteto Cícero Alvarez, pelo compartilhamento de fontes e materiais. À Secretaria de Planejamento de Vacaria/RS pela disponibilidade dos materiais referentes à reforma da Casa do Povo. E, principalmente, minha ilustradora e designer de projetos gráficos, Gabriella Nuvolari, por ter materializado a ideia de produto com empenho e carinho.

Também exprimo minha gratidão à Escola de Educação Infantil Irmã Delma Gema Gotardo, escola em que trabalho como professora e que me ajudou a concluir essa dissertação, e às crianças que me constituíram como professora e muito me ensinam, todos os dias.

E, por fim, agradeço a Deus, a minha amada mãe, Elizandra, por ser tudo que é para mim, e ao Ramon, pelo companheirismo no processo.

DEDICATÓRIA

Ao Museu Municipal, às escolas de Educação Infantil, aos professores da infância e a todas as crianças do município de Vacaria/RS, com carinho.

RESUMO

Esta pesquisa estuda a História Local do município de Vacaria, a partir do acervo do Museu Municipal Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti, localizado a nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Apresenta uma narrativa histórica da constituição do município, aprofundando a análise econômica e política das décadas de 1970 e 1980, período que antecedeu a construção da Casa do Povo - Centro Cultural Marcos Palombini, única edificação projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer no Rio Grande do Sul. Desde o ano de 2020, a Casa do Povo abriga a Biblioteca Municipal Theobaldo Paim Borges e o Museu Municipal Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti, memorialista que realiza pesquisas sobre a História de Vacaria e região. Esse trabalho visa contribuir para o ensino de História na etapa do ensino básico, Educação Infantil. Oferece uma proposta de material didático para crianças que apresentem faixa etária de 4 a 5 anos. Trata-se de um livro/e-book didático para o Museu Municipal de Vacaria que, através do seu acervo, transmitirá de forma lúdica seleções da história do município. A proposta interdisciplinar traz desenhos para colorir e criar, jogos e questões reflexivas. O conteúdo é especialmente planejado e desenvolvido para o público mirim. Aponta-se que esse material também pode ser adaptado pelos profissionais de educação, a fim de ser utilizado em outras etapas do ensino básico. Nesta preocupação do ensino de História desde a infância, são analisados alguns referenciais teóricos que contribuem para o estudo, abordam conceitos de História Local, operacionalidade do Museu, produção de consciência histórica na infância e uso de materiais didáticos em espaços de memória. A dissertação está alinhada a área de concentração em Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul.

Palavras-chave: Ensino de História. Museu. Vacaria. Material Didático. Educação Infantil.

ABSTRACT

This research studies the Local History of the town of Vacaria, from the collection of the Town Museum Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti, located northeast of the state of Rio Grande do Sul. It presents a historical narrative of the constitution of the town, deepening the economic and political analysis of the 1970s and 1980s, the period that preceded the construction of Casa do Povo - Centro Cultural Marcos Palombini, the only building designed by the architect Oscar Niemeyer in Rio Grande do Sul. Since 2020, Casa do Povo has housed the Municipal Library Theobaldo Paim Borges and the Town Museum Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti, memoirist who conducts research on the History of Vacaria and the region. This work aims to contribute to the teaching of History in the basic education stage, Early Childhood Education. It offers a proposal of didactic material for children aged between 4 and 5 years old. It is a textbook/e-book for the Town Museum of Vacaria which, through its collection, will transmit selections from the history of the municipality in a playful way. The interdisciplinary proposal brings drawings for coloring and creation, games and reflective questions. The content is specially planned and developed for the young audience. It is pointed out that this material can also be adapted by education professionals, in order to be used in other stages of basic education. In this concern of teaching History since childhood, some theoretical references that contribute to the study are analyzed, approaching concepts of Local History, Museum operation, production of historical awareness in childhood and the use of teaching materials in memory spaces. The dissertation is aligned with the area of concentration in History Teaching of the Postgraduate Program in History at the University of Caxias do Sul.

Keywords: History Teaching. Museum. Vacaria. Teaching material. Child education.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
EI	Educação Infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
FEE	Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul
GEENF	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação Científica
HP	História Pública
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)
IMHC	Instituto Memória Histórica e Cultural
IPHAE	Instituto do Patrimônio Artístico Estadual
LEME	Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais
MON	Museu Oscar Niemeyer
PPGHIS	Programa de Pós-Graduação em História
PCNEI	Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Infantil
RCG	Referencial Curricular Gaúcho
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Artefato do Museu Municipal de Vacaria/RS, pedra jesuítica.....	26
Figura 2 – Desenho publicado no jornal Sentinela.....	27
Figura 3 – Fazenda do Socorro, Vacaria/RS.....	29
Figura 4 – Mapa do Rio Grande do Sul em 1900.....	31
Figura 5 – Arquiteto Oscar Niemeyer.....	32
Figura 6 – Fachada da Casa do Povo Centro Cultural Marcos Palombini – Vacaria/RS.....	38
Figura 7 – Recorte do jornal O Pioneiro - Notícia sobre a Casa do Povo.....	41
Figura 8 – Prefeito Elói Poltronieri e secretário da Cultura Leonardo Zamboni (2011) em conversa com o arquiteto Oscar Niemeyer para tratar de reforma na casa.....	45
Figura 9 – Recorte de notícia 1 do jornal Correio Vacariense - Primeira notícia jornalística encontrada sobre o museu da cidade.....	51
Figura 10 – Recorte 2 do jornal Correio Vacariense.....	52
Figura 11 – Recorte 3 do jornal Correio Vacariense.....	53
Figura 12 – Recorte 4 do jornal Correio Vacariense.....	54
Figura 13 – Recorte 5 do jornal Correio Vacariense.....	55
Figura 14 – Recorte 6 do jornal Correio Vacariense.....	56
Figura 15 – Planejamento para o Museu na Casa do Povo, Vacaria/RS.....	57
Figura 16 – Fragmento do livro educativo “Re Criando o Museu – para desenhar e colorir o Museu de Arte Sacra”.....	88
Figura 17 – Mapa de região da cidade de São Paulo, utilizado no livro educativo “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo”.....	90
Figura 18 – “Fragmento do livro educativo “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo” – Museu de Arte Sacra.....	91
Figura 19 – Fragmento do Catálogo “12000 anos de História – Arqueologia e Pré- História do Rio Grande do Sul”.....	93
Figura 20 – Seleção de fotografia do jogo “Caixa de brinquedos” do site do Museu da Infância.....	94

Figura 21 – Capa do livro educativo “Conhecendo o Museu - pontos culturais e históricos de Vacaria-RS”.....	100
Figura 22 – Momento de apropriação e criação de vínculo com o material educativo.....	102
Figura 23 – Ilustração colorida do Centro Cultural Marcos Palombini - Casa do Povo.....	103
Figura 24 – Prancha utilizada na obra na Casa do Povo.....	104
Figura 25 – Página da trilha explicativa.....	106
Figura 26 – Apresentação do mascote e da primeira peça do livro, a pedra de marco jesuítica.....	108
Figura 27 – Ilustração da Catedral Nossa Senhora da Oliveira.....	110
Figura 28 – Página reflexiva “o que eu faria como prefeito da cidade?”.....	112
Figura 29 – Ilustração da Fazenda do Socorro.....	114
Figura 30 – Ilustração de letreiro presente na Praça General Daltro Filho.....	115
Figura 31 – Desenho para colorir Casa do Povo.....	116
Figura 32 – Ilustração Monumento ao Ginete.....	117
Figura 33 – Jogo de relação de imagem e forma.....	119
Figura 34 – Jogo de labirinto.....	120
Figura 35 – Atividade “Museu sobre a minha vida”	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Renda interna setorial e global do município de Vacaria, Rio Grande do Sul.....	34
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A FORMAÇÃO DE VACARIA E A CASA DO POVO	22
2.1	VACARIA E HISTÓRIA LOCAL	22
2.2	O CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DA CONSTRUÇÃO DA CASA DO POVO	32
2.3	CENTRO CULTURAL MARCOS PALOMBINI CASA DO POVO - VACARIA/RS	38
3	MUSEU, ENSINO DE HISTÓRIA E PÚBLICO INFANTIL	46
3.1	MUSEU MUNICIPAL DE VACARIA DR. ADHEMAR ANTONIO MARTINS PINOTTI.....	46
3.2	MUSEU, MEMÓRIA, IDENTIDADE E CRIANÇAS	58
3.2.1	Museu, educação, memória e perspectivas	58
3.2.2	Crianças no museu	65
3.2.3	História pública e o fazer para o público infantil	70
3.3	ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA	73
4	MATERIAIS DIDÁTICOS NOS MUSEUS A FAVOR DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS	78
4.1	A LUDICIDADE PARA O MATERIAL DIDÁTICO	78
4.2	O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NOS MUSEUS.....	83
4.3	PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA O MUSEU DE VACARIA/RS	96
4.3.1	Processos de construção	98
4.3.2	A capa	99
4.3.3	Créditos e apropriações	101
4.3.4	Onde está o museu?	103
4.3.5	Apresentando o percurso museal	104
4.3.6	A pedra jesuítica e os indígenas	107
4.3.7	A Catedral	109
4.3.8	E se eu fosse o prefeito, o que eu faria?	111
4.3.9	A Fazenda do Socorro	113
4.3.10	A praça	114
4.3.11	Casa do Povo	116
4.3.12	Monumento ao Ginete	117

4.3.13	Percebendo a imagem.....	118
4.3.14	O caminho é um labirinto.....	120
4.3.15	Museu sobre a minha vida.....	121
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
	REFERÊNCIAS.....	128
	ANEXO A – CARTA ENDEREÇADA A OSCAR NIEMEYER.....	136
	ANEXO B – DOCUMENTO DE RECONHECIMENTO DE OBRA.....	139
	ANEXO C – ENTREVISTA VIA E-MAIL COM ADHEMAR A. M. PINOTTI ...	140
	ANEXO D – OFÍCIO DO IPHAE PARA A SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DE VACARIA AUTORIZANDO AS OBRAS NA CASA DO POVO.....	142

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação reflete sobre a atuação de museus na sociedade atual, principalmente no campo educativo, evidenciando o município de Vacaria/RS¹. A cidade possui um Museu Municipal, que esteve fechado por aproximadamente cinco anos e recomeçou as suas atividades em agosto de 2020, fechando por mais um período no ano de 2021, devido à pandemia Covid-19². No momento atual, o espaço procura reestabelecer sua permanência com as portas abertas para o público. O texto também aborda as funções sociais que os museus ocupam, pensando em ações e estratégias para alcançar o público que esteve distante fisicamente, nesse momento de reaberturas e recomeços, num momento pós-pandêmico.

Desta forma, pensar em ações museais é uma maneira de ressignificar esses espaços educativos, como possíveis potencializadores das atividades culturais desenvolvidas nesses ambientes, aliadas no processo de alcance das pessoas, pensando que “[...] é destacada a função social que os museus prestam à sociedade moderna, bem como a qualidade dos museus dinâmicos de serem fontes de pesquisas e conhecimento” (FARIA; POSSAMAI, 2019, p. 18).

O museu da cidade em questão, denominado Museu Municipal Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti, em homenagem a um reconhecido pesquisador de fontes históricas da cidade, possui em seu acervo informações sobre a formação do município, que teve como marco a passagem missioneira. Também conta com materiais sobre a pedra jesuítica, a formação das vacarias e a construção da Catedral. Através de ambientes expositivos que contam com fotos, acessórios, utensílios, vestimentas, etc., o espaço aborda temas como a educação, a política, a cultura, a religiosidade e a imigração italiana na região.

O museu foi inaugurado em 19 de setembro de 1996, estava alojado no prédio ao lado da Catedral, mas, após alguns anos, foi transferido para o Campus de Vacaria da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Por volta do ano de 2015, teve que cancelar as atividades por falta de estrutura, reabrindo apenas em 27 de agosto

¹ Para mais informações sobre a cidade, acesse o site da prefeitura do município. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/>. Acesso em: 5 jan. 2021.

² A doença causada pelo novo Coronavírus compromete principalmente o sistema respiratório e é transmitida pelo contato com infectados. Por conta disso, grande parte da população mundial esteve em isolamento social no ano de 2020, tentando conter o número de contaminados, enquanto as vacinas eram produzidas. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 dez. 2020.

de 2020, na Casa do Povo. Durante todo esse período, as pessoas não obtiveram acesso a esse ambiente e, conseqüentemente, ao seu acervo.

A Casa do Povo Centro Cultural Marcos Palombini é uma edificação localizada na cidade de Vacaria/RS, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer³. Antonio Giacomini, artista da serra gaúcha, considera essa construção como “a maior herança deixada pelo arquiteto Oscar Niemeyer aos gaúchos”⁴. Foi tombada como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE)⁵. A construção apresenta estrutura arredondada, moderna e foi executada com concreto aparente. Foi criada durante o mandato do prefeito Marcos Palombini (1983-1989), com o intuito de servir como local de realização dos eventos culturais da cidade. Ganhou novo significado no ano de 2020, quando passou a abrigar o Museu Municipal Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti e a Biblioteca Pública Theobaldo Paim Borges, tornando-se um centro cultural para o município. De certa forma, pode-se dizer que a mudança favorece os três envolvidos, isto é, a Casa do Povo, a Biblioteca Pública e o Museu, já que centraliza esses espaços culturais.

A cidade de Vacaria está localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS). No site oficial da cidade⁶, é possível encontrar as seguintes informações sobre sua história: “Vacaria é a maior cidade dos Campos de Cima da Serra. Conhecida como Porteira do Rio Grande, destaca-se por sediar o Rodeio Crioulo Internacional, maior manifestação artística, cultural e campeira da tradição gaúcha.” (VACARIA, s/d., s/p.). O texto prossegue: “Mas não é só de tradicionalismo que vive o município. O ecoturismo, a pecuária e a produção de maçãs, pequenas frutas, flores e grãos também se destacam”. É um município relativamente pequeno, que apresenta temperaturas baixas no inverno e propensão a nevar.

O município vem crescendo no setor do turismo, contando com pontos históricos e turísticos, como a Igreja de Pedra, a Catedral Nossa Senhora da Oliveira; a Praça Daltro Filho; o Monumento ao Ginete; o Parque dos Rodeios; o Santuário; a Vinícola Campestre; a Vinícola Lemos de Almeida; o Parque das

³ Renomado arquiteto brasileiro, com obras nacionais e internacionais.

⁴ Trecho retirado de rede social do artista. Disponível em: <https://www.facebook.com/antonio.giacomini.3/photos/rpp.876274705780000/4319454508128652/?type=3&theater>. Acesso em: 6 set. 2020.

⁵ Nome Atribuído: Casa do Povo. Localização: R. Borges de Medeiros, nº 1987 – Vacaria/RS. Número do Processo: 1389-1100/07-7. Portaria de Tombamento: 06/2008. Livro Tombo: Inscr. Nº 91, de 23/12/2010. Publicação no Diário Oficial: 25/04/2008. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/vacaria-casa-do-povo>. Acesso em: 26 dez. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/vacaria/historia>. Acesso em: 26 dez. 2020.

Cachoeiras, conhecido como Vera Tormenta; o Parque das Araucárias; o monumento à Cuia e à Chaleira, conhecido como a “porteira do Rio Grande”, próximo à ponte de divisa da cidade com o estado de Santa Catarina (SC); a histórica Fazenda do Socorro, construída no século XVIII, abrigava os tropeiros⁷ que por ali passavam (lembrando que “a fazenda já recebeu a visita da neta da Princesa Isabel, bisneta de Dom Pedro II”⁸); a Pousada Santa Teresa; o Capão do Índio e a Casa do Povo, local que receberá maior atenção neste texto, já que abriga o Museu da cidade.

Na história do município, destaca-se a formação das *baquerias*, termo em espanhol que significa o mesmo que *vacaria* em português. Conforme o site do município, “[...] *baquería* era o nome dado às grandes extensões de campos naturais, onde os missionários jesuítas dos Sete Povos das Missões deixavam os seus rebanhos para se criarem soltos, onde o gado se reproduzia sem intervenção humana”. O site também destaca o fato de que o município serviu de passagem para os tropeiros.

O tema escolhido para essa pesquisa surgiu a partir da expectativa de contribuir para que a comunidade vacariense crie ainda mais laços identitários com o local onde vive. A escolha do tema também deseja incentivar a valorização de espaços públicos e as memórias da cidade, de modo que as pessoas possam reconhecer os patrimônios e se reconhecer neles. Com a reabertura do Museu Municipal de Vacaria, o momento para a pesquisa foi oportuno, já que ela investiga maneiras de proporcionar maior vinculação entre a população e esse local de memória.

Para o fortalecimento dessa relação do conhecimento histórico com o público, serão analisadas formas de manter e/ou construir vínculos entre a comunidade e o museu, promovendo identificação e reconhecimento. A grande “aposta” para isso será o investimento na educação e nas crianças, isto é, através da Educação Infantil (EI).

⁷ O tropeirismo surgiu como uma atividade que promoveu a interligação dos polos econômicos antes inexistentes. As mercadorias importadas e os alimentos eram trazidos no lombo de mulas que cortavam várias trilhas capazes de integrar diferentes pontos do território. Quando não aproveitavam as estradas abertas pelos índios, os tropeiros tinham o trabalho de desbravar a mata virgem para a criação de novas rotas. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/os-tropeiros.htm>. Acesso em: 26 dez. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/fazendasocorro/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

Para compreender o rumo que a pesquisa toma, é necessário conhecer a atuação profissional da autora desta dissertação. Fui normalista, ingressando na docência como professora de Ensino Fundamental logo após concluir o Curso Normal (também conhecido como magistério). Após um ano, transferei a função para professora de Educação Infantil, atuando há seis anos nessa fase da educação básica. Sou pedagoga e especializada em Educação Infantil, atuo numa Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), com crianças de 3 a 5 anos, etapa do maternal e pré-1. Trabalhar com a Educação Infantil é algo excepcional, que muda a nossa percepção a respeito da vida e da educação, mas, ao mesmo tempo, é bastante desafiador.

Ao ingressar no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da UCS, procurei vincular as duas áreas, isto é, a Pedagogia e a História, para que a realização da pesquisa fosse mais significativa na minha prática profissional. Desta forma, estimo contribuir para a área de ensino de História na Educação Infantil. Para chegar até este ponto, questioneimei-me algumas vezes: como pensar o ensino de História Local desde a EI e não somente na etapa do componente curricular, ou seja, a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, sendo o museu a materialização da História Local?

Ainda que a “contação de histórias” seja uma das práticas mais utilizadas pelos profissionais da área da infância, fui percebendo o significado que pode ter proporcionar esse conceito e a conscientização histórica desde a EI, almejando proporcionar, para a minha comunidade, uma geração de cidadãos mais conscientes historicamente, além de poder compartilhar com colegas de profissão o material produzido.

Assim, imaginando possibilidades de como perceber esta faixa etária nos locais de história e de memória que vim estudando nas disciplinas do Mestrado, ressalto a necessidade de se começar a pensar na presença e na participação das crianças pequenas em locais públicos, de educação não formal. Imaginar o ensino fora dos muros da escola ou, no caso, das creches, onde as crianças possam aprender desde cedo a valorizar, a frequentar e a reconhecer esses espaços como seus. Mais do que isso, fazer com que esses espaços sejam pensados e planejados para os indivíduos desse grupo social, fazendo com que as crianças se sintam seres atuantes na comunidade, ou seja, se reconheçam como sujeitos históricos.

Uma percepção de quem atua na EI é a ideia de que muitos espaços públicos, ainda não são destinados às crianças pequenas, ou não apresentam roteiros e planejamentos que sejam pensados e direcionados a elas. No entanto, elas já fazem parte da sociedade, e estão nela querendo participar, descobrir e aprender. As crianças já são parte integrante da comunidade, e não farão parte dela apenas quando crescerem. Assim, possibilitando o aprendizado lúdico, é possível observar que, à sua maneira, dentro da sua imaginação e das suas brincadeiras, elas percebem o mundo. Acredita-se, então, que, tendo um direcionamento para elas, terão liberdade de perceberem muitos aspectos da história do local de onde vivem.

A pesquisa parte da minha atuação como professora de Educação Infantil e mestrandia em História, por isso, procura unir essas duas áreas para a realização de um material didático infantil, a ser apresentado posteriormente ao museu e, talvez, à Secretaria Municipal de Educação, para ser distribuído e utilizado nas escolas infantis municipais, como proposta a ser ofertada para o público mirim.

Este trabalho tem como objetivo analisar alternativas de transformar o museu municipal de Vacaria/RS em um espaço sociocultural, propondo ações que utilizem instrumentos de didatização, vinculados às ações educativas que integrem a comunidade a ele. A partir de uma proposta para a EI, promover a integração entre as pessoas, sua localidade e cultura, colocando o museu como espaço ativo na sociedade, tendo como enfoque principal a infância. Entende-se que essa proposta poderá alcançar as demais faixas etárias de pessoas, pois, em se tratando de crianças pequenas, necessariamente, elas terão acompanhamento de um adulto, o que pode implicar na participação desses adultos na jornada lúdica e histórica educativa.

Para atingir este objetivo, será disponibilizado ao museu um material didático em forma de livro/e-book para crianças da pré-escola, sendo possível adaptá-lo para outras fases do ensino. O material poderá ser em formato impresso, se houver recursos para tal, podendo ser distribuído nas escolas infantis. O formato online dá a oportunidade de ser utilizado de maneira mais autônoma por familiares e professores, possibilitando imprimir, por exemplo, determinadas páginas de partes específicas do material.

O material didático foi realizado a partir das próprias peças do museu que ganham destaque no acervo, explorando algumas possibilidades, tais como: jogo de

trilha, relação de figuras e exploração do ambiente e seu acervo, através de um mascote especialmente criado para essa finalidade, ou seja, uma representação indígena, que apresenta a trilha sugestiva do museu e seu acervo, relacionando com locais históricos e culturais do município de Vacaria/RS. O livro conta com desenhos para colorir, jogos educativos e questões reflexivas sobre a cidade e o museu, enquanto mostra para as crianças algumas partes que constituem a história do município

Enfatiza-se que a escolha pelos fragmentos dessa história foi amparada pelo que está representado e exposto no Museu Municipal Dr. Adhemar Pinotti. Certamente, há outros elementos constituintes da história local que não estão sendo abordados no momento, como a presença escrava na região ou o trabalho dos safristas da maçã, entre outros.

Nesta proposta interdisciplinar serão abordadas as vertentes de Educação Infantil, História Pública e História Local para embasar a pesquisa. Além disso, questões de Identificação, Sentimento de Pertença, Patrimônio Histórico e Cultural, Memória e Educação são conceitos imprescindíveis para a construção dessa pesquisa. Deste modo, estudiosos como Faria e Possamai (2019), Machado (2019) e Roque (2017) trazem a discussão sobre os Museus e as ações educativas nessa dissertação. Alguns autores, por exemplo, Stallybrass (2008) e Cescon (2016), abordam os temas Memória e Identidade. Radünz (2012) e Cavalcanti (2018) contribuem com o ensino de História Local, enquanto que Delgado e Ferreira (2013) articulam sobre História e Tempo do Presente. Também serão utilizados para embasamento referências como IBRAM⁹, ICOM¹⁰, IPHAE, BNCC¹¹, DCNEI¹² e

⁹ O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo, órgão gestor da Política Nacional de Museus, fundado em 2009, em Brasília. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/>. Acesso em: 1 jan. 2021.

¹⁰ O International Council Of Museums (ICOM) - em português, Conselho Internacional de Museus - é uma organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), executando parte de seu programa para museus, tendo *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=4 e <https://icom.museum/en/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

¹¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A BNCC também determina que essas competências, habilidades e conteúdos devem ser os mesmos independentemente de onde as crianças, os adolescentes e os jovens morem ou estudem. Disponível em: <https://sae.digital/bncc-o-que-e-qual-e-o-seu-objetivo/> Acesso em: 11 jan. 2021.

Constituição Federal, que definem normas, conceitos e legislações referentes aos museus, patrimônios e educação infantil.

Valença (2008) analisa o museu e a criança no Brasil, tal como ocorre no Brooklyn Children's Museum¹³. Estudos realizados por Selli (2013), bem como por Leite e Ostetto (2005), apontam caminhos sobre a presença das crianças nos museus, enfatizando o planejamento adequado, a mediação e o aprendizado como experiência lúdica. Para a compreensão da utilização de materiais didáticos nos museus, os trabalhos de Marandino *et al.* (2016) foram utilizados como amparo na escrita, enquanto que para analisar os jogos e seus usos para o ensino de História, Pereira e Giacomoni (2013) colaboram com o estudo. Além disso, outros autores e pesquisadores podem surgir no decorrer do texto.

O material utilizado para a pesquisa de História Local é constituído pelo próprio acervo do museu da cidade, o livro *Só para lembrar - Vacaria em fotos*, do Dr. Adhemar Pinotti (2011), o site da prefeitura municipal de Vacaria, assim como algumas informações de outros sites, tais como: *Made in Vacaria* e *Repórter Riograndense*. As reportagens dos jornais *Correio Vacariense* e *O Pioneiro*, os materiais da Biblioteca Pública Theobaldo Paim Borges e os trabalhos desenvolvidos pelos arquitetos Mello e Alvarez (2012) também acrescentaram muitas informações ao estudo local, trazendo memórias e pesquisas sobre a cidade, o museu e a edificação Casa do Povo.

Além das fontes já existentes, também foram produzidas outras, por exemplo, a entrevista via e-mail com o advogado Adhemar Pinotti, a respeito do seu acervo fotográfico, que resultou no livro *Só para Lembrar – Vacaria em fotos*. Os materiais produzidos podem ser vistos através do recurso visual (registro da entrevista) e de outros recursos multimidiáticos (link página 57), como a elaboração de um vídeo para divulgação do museu, no ano de 2020, instante em que inaugurou suas atividades na Casa do Povo.

No que tange às ações museais, ainda há o que refletir, especialmente na cidade delimitada. Desta forma, questões como inclusão e acessibilidade são pontos que merecem a devida atenção e poderão ser destaque de outros estudos

¹² Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI). Disponível em: http://www.uac.ufscar.br/documentos-1/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

¹³ O Brooklyn Children's Museum é um museu infantil em Crown Heights, Brooklyn, Nova Iorque. Fundado em 1899, é o primeiro museu infantil dos Estados Unidos - e, segundo alguns autores, o primeiro do mundo. Disponível em: <https://www.brooklynkids.org/>. Acesso em: 8 jan. 2021.

destinados ao museu. Para começar a fazer esse local se reintegrar com a comunidade, a atual pesquisa espera contribuir de maneira positiva com o município, principalmente no que diz respeito à educação e à cultura.

No que diz respeito à estrutura dessa dissertação, no segundo capítulo serão abordados temas relacionados com a formação de Vacaria e as preocupações relativas à preservação da memória nos espaços culturais da cidade. No terceiro capítulo, discorre-se sobre a importância dos museus e a sua interface com o ensino de História. Na sequência da discussão, merece destaque a produção de material didático com foco voltado à exploração do acervo museal pelo público infantil. Fecha-se essa seção apresentando o material didático, resultado concreto dessa dissertação.

2 A FORMAÇÃO DE VACARIA E A CASA DO POVO

Neste capítulo, serão introduzidos os conceitos de História Local, que são imprescindíveis para esta pesquisa. Também serão abordados o histórico do município de Vacaria e da Casa do Povo, edificação que hoje abriga o Museu, objeto de estudo desse trabalho.

2.1 VACARIA E HISTÓRIA LOCAL

Ao pesquisar e escrever sobre História Local, é comum encontrar desafios e questões que são particulares a essa categoria, suas discussões, seus conceitos e suas possibilidades. No caso da cidade de Vacaria, por exemplo, são nítidos os impasses políticos e culturais que interagem na construção deste estudo. O museu, enquanto materialização da História local do referido município, a casa em que ele está estabelecido, os nomes escolhidos em homenagem aos envolvidos, todos esses elementos constituem a História desse espaço delimitado para a pesquisa. Por esse motivo, a História Local se faz necessária nesse diálogo, isto é, para entender a dimensão que se toma a partir do instante em que se aproxima desse espaço. Assim, a História Local remete a

[...] uma série de possibilidades para pensar nas discussões que o “local” pode suscitar para os debates envolvendo sua apropriação pela História e seu Ensino. O que se entende por local? Local em relação a quê? Para quem? O que é local para uns pode, igualmente, ser global para outros. (CAVALCANTI, 2018, p. 274).

Quando se fala sobre o passado de um local, um bairro, uma instituição ou uma cidade, pensar nas questões referentes à memória e à história é fundamental. Nora (1993) aborda esse assunto ao falar da controvérsia da memória e da história, mesmo uma sendo diretamente ligada à outra:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9).

É a respeito dessa narrativa problemática do passado que esta dissertação visa percorrer, mais precisamente sobre a Casa do Povo, em Vacaria. Vacaria é uma cidade brasileira localizada a nordeste do estado do RS, a 231,6 quilômetros de distância da capital do estado, Porto Alegre, indo pela BR-116 e a ERS-122, e a 107,5 quilômetros de distância da cidade de Lages/SC, através da BR-116¹⁴. Apresenta temperaturas baixas na maior parte do ano e propensão a nevar. Possui um total de 61.342 habitantes, segundo os dados gerais do município, disponíveis no site da prefeitura¹⁵, sendo que os últimos registros foram coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁶, no ano de 2011.

A maior parte da população do município pratica uma dessas três religiões: Católica, Pentecostal e Espírita, estando em 1º lugar em número de adeptos a religião católica, em 2º lugar as religiões pentecostais e em 3º lugar a religião espírita. Embora também seja notável a presença da maçonaria e de religiões de origens africanas, ainda não há registros oficiais sobre esses dados.

De acordo com dados fornecidos pelo site da prefeitura, a principal atividade econômica de Vacaria é a fruticultura. O município é o maior produtor de maçãs do RS e segundo maior do país. A produção de grãos, a pecuária, a produção de pequenas frutas, o comércio e a prestação de serviços também se destacam na economia do município.

Ao consultar dados sobre o Censo de 2011 no site do IBGE, foi possível encontrar as seguintes informações sobre a origem da cidade e de seu respectivo nome: “Foram os missionários jesuítas que, ainda por volta de 1700, iniciaram a colonização da região, deixando gado para se criarem soltos, trazidos das Missões, sendo denominada Baqueria de los Pinhales (Vacaria dos Pinhais)”. Logo, a origem do nome Vacaria deriva de *Baqueria*, termo em espanhol utilizado para designar grandes campos abertos, onde o gado costumava ser criado solto, a fim de se

¹⁴ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Vacaria,+RS,+95200-000/@-28.4828377,-50.9442861,12z/data=!4m5!3m4!1s0x951e43ecdc28ceeb:0xdc3c4a0fc76ea864!8m2!3d-28.5071196!4d-50.941176>. Acesso em: 5 mar. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/vacaria/dados-gerais>. Acesso em: 22 jan. 2021.

¹⁶ O IBGE é o principal provedor de dados e informações do país, pois atende às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais em âmbito federal, estadual e municipal. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vacaria/historico>. Acesso em: 25 jan. 2021.

reproduzir. O termo *Los Pinhales* é decorrente da grande quantidade de pinheiro Araucária¹⁷ existente na região.

Segundo o site do IBGE¹⁸, em 1697, os padres espanhóis saíram das Missões e entraram em Vacaria com a primeira leva de gado vacum. O site continua:

A estrada das tropas, aberta em 1727 e 1729, destinada primeiramente ao comércio de gado, ligou a região dos Campos de Cima da Serra a Lages, Curitiba e São Paulo. Em 1713, os índios das Missões abriram picadas nos futuros matos castelhano e português, penetrando o Planalto, ou seja, a região jesuítica da Vaccaria dos Pinhais. Dos vestígios da dominação da Companhia de Jesus, entre outros, citamos o célebre marco de pedra polida, [...] descoberto no então segundo distrito de Bom Jesus, que, afora sinais e letras de legenda, nele se encontra a data sugestiva de 1622 o qual, segundo A. de Taunay e P. Geraldo Pauwels, representa o mais antigo monumento do Rio Grande do Sul.

Em seu livro *Só para lembrar - Vacaria em fotos*, Pinotti (2011) traz três variações de datas sobre o encontro da “pedra polida”, deixando claro que, dependendo da bibliografia pesquisada, poderá estar registrado como 1622, 1672 ou 1692:

[...] segundo a história, foi encontrado no distrito de Governador (Bom Jesus) então distrito de Vacaria, por Onofre Pereira de Abreu e doado à Intendência pelo Sr. Orestes Santos. O primeiro a relatar sua história foi Manoel Duarte no livro *No Planalto* de 1930 com a data impressa de 1622, medindo 1,65 m por 0,33 m. O segundo foi Satyro Dornelles no livro *Prestação de Contas* (1938-1944), informando a data de 1672 e o terceiro, José Fernandes de Oliveira (*Rainha do Planalto*), com a data de 1692. As letras S. J. significam “societas Jesu”, Companhia de Jesus, segundo A. de Taunay e P. Geraldo Pauwels, representa o mais antigo monumento do Rio Grande do Sul. (PINOTTI, 2011, p. 290).

No que diz respeito aos marcos da pedra de passagem e à demarcação territorial das reduções, Barcelos (2013) corrobora com duas fontes documentais mencionadas por Pinotti (2011), mas questiona a veracidade da data marcada, expondo que ela não é original.

Este pode ser o caso de um objeto do acervo do Museu Municipal de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Trata-se de um bloco de pedra que possui gravações em baixo relevo. Esta pedra é reconhecida pela população de Vacaria como um legado do período das reduções jesuíticas. [...] A peça constitui-se de um bloco único, com 65 cm de comprimento por 26 cm de

¹⁷Mais informações sobre o pinheiro Araucária disponível em: <https://florestalbrasil.com/2019/02/araucaria-arvore-brasileira-do-periodo.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vacaria/historico>. Acesso em: 25 jan. 2021.

largura em suas extremidades. Nela verificam-se as seguintes gravações: um semicírculo; uma cruz; um símbolo gráfico formado por três hastes convergentes; duas possíveis letras, inicialmente observadas como um “S” e um “A”; e uma data, “1692”. Verifica-se que as gravações foram retocadas com grafite para realçar suas formas. Esta intervenção na peça é o primeiro elemento que dificulta sua análise. Segundo a equipe do Museu Municipal, a pedra já teria sido recebida com esta intervenção. O maior problema, porém, encontra-se na data de “1692”, onde a intervenção é mais visível. Ao que parece, o traçado original da gravação não foi respeitado, sendo a data marcada com grafite pouco convincente. (BARCELOS, 2013, p. 599).

O autor continua analisando: “Partindo dos símbolos gravados na peça e dos dados históricos referentes aos jesuítas, pode-se chegar a uma possível relação com a Companhia de Jesus e suas atividades no atual território do Rio Grande do Sul nos séculos XVII e XVIII” (BARCELOS, 2013, p. 601). No estudo ainda é possível constatar que “Dois dos símbolos verificados apresentam semelhanças com uma simbologia recorrente nos registros de ícones jesuítas” (BARCELOS, 2013, p. 601). Desta forma, a publicação apresenta a cruz, que geralmente refere-se a Jesus, e os três traços curvos, os quais, adiante, o estudioso explica que são sinais escolhidos pela Companhia, retratando os três cravos que atravessam o coração de Maria na crucificação de Jesus. Barcelos (2013) afirma que

Uma primeira interpretação permite verificar um paralelismo com o principal símbolo da Companhia. Trata-se do IHS, anagrama para o nome de Jesus, que é uma abreviação em três partes, em que o IH representa as duas letras iniciais, e o S a letra final do nome de Jesus, em latim, IHESUS. O IHS é um símbolo muito conhecido da tradição cristã. Os jesuítas acrescentaram o monograma enquadrado na metade de um círculo com o sinal da cruz sobre a haste do H. Para o selo da Companhia, escolheu-se uma meia lua rodeada por duas estrelas. (BARCELOS, 2013, p. 601 - 602).

O autor demonstra que os sinais retratados na pedra formam o símbolo dos jesuítas, conhecido como Companhia de Jesus, mesmo com a falta da inscrição IHS é possível ver uma referência às reduções guaranis, juntamente com os dados históricos e geográficos analisados pelo estudioso (BARCELOS, 2013). Na Figura 1, é possível identificar a datação, com possível intervenção na pedra.

Figura 1 – Artefato do Museu Municipal de Vacaria/RS, pedra jesuítica.



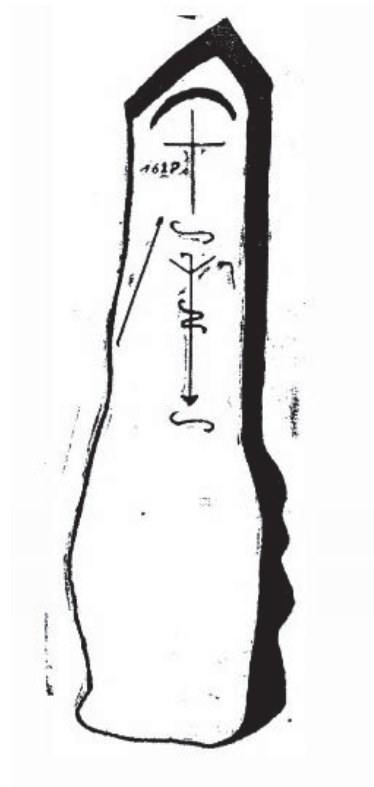
Fonte: Barcelos (2013, p. 604).

Em reportagem publicada em 7 de junho de 1953, o jornal *Sentinela*, do município de Canela, apresenta data de 1622 a 1629 para o artefato, e traz um desenho da pedra, sugerindo que ela pode ter tido dimensões maiores do que o “pedaço” que está hoje no museu. Barcelos analisa:

Parece querer indicar que a peça teria sido fraturada aproximadamente na metade de seu comprimento. Sendo assim, o autor do desenho, que não é referido no jornal, acrescenta gravações que estariam na parte inferior da pedra, das quais não há notícias. Vê-se uma tentativa de demonstrar que haveria um símbolo que poderia ser uma orientação geográfica de sentido Norte-Sul. (BARCELOS, 2013, p. 601).

O pesquisador ainda conclui dizendo que como não se tem conhecimento da parte acrescentada no desenho do jornal, não há como comprovar a sua veracidade, de modo que a informação conta apenas como indício.

Figura 2 – Desenho publicado no jornal Sentinela.



Fonte: Jornal Sentinela (1953 apud BARCELOS, 2013, p. 609).

Barcelos (2013, p. 602) defende que a pedra pode ter sido feita por guaranis das missões jesuíticas, entre o final do século XVII e início do século XVIII, “quando as sete novas reduções da Banda Oriental do Rio Uruguai organizam a exploração do território, com vistas a instalar estâncias de gado e a Vacaria dos Pinhais”.

A função da pedra “poderia ser a de marco de posse efetiva dos campos relacionados à Vacaria dos Pinhais, antes mesmo desta ter sido oficialmente criada”. (BARCELOS, 2013, p. 603), servindo não só como símbolo de passagem de gado, como também de marcador de extensão de territórios, seria um elemento de controle sobre o espaço, segundo o estudioso. Além disso, “[...] mesmo que não tenha sido produzido e utilizado pelos guaranis das reduções, sua presença em um museu da atualidade permanece como um marco da memória de uma espacialidade pretérita” (BARCELOS, 2013, p. 603).

Sobre os primeiros habitantes da cidade, os dados do site do IBGE¹⁹ afirmam: “Constam os registros que, em 1785, havia 24 ocupantes de terras com títulos legais e 64 ocupantes sem título algum”. Destes primeiros povoadores, é relevante citar

¹⁹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vacaria/historico>. Acesso em: 25 jan. 2021.

“[...] o lagunense Manoel Rodrigues de Jesus que, segundo Manoel Duarte, sua prole se desdobraria incalculavelmente, representando [...] a população vacariense, onde não há família que não descenda ou não se ramifique a sua árvore genealógica [...]”.

O nome de José de Campos Bandemburgo também aparece no histórico da cidade na pesquisa realizada no site do IBGE. Já o site de publicações locais *Made in Vacaria*²⁰ traz informações sobre esse fundador da Fazenda do Socorro, que faz parte do início da história e da formação desta cidade.

Foi um tropeiro paulista, José de Campos Bandemburgo, quem descobriu as terras da hoje Fazenda do Socorro. Ao se dirigir às missões, durante suas viagens, fazia dela o seu pouso, passando depois a reclamar a posse do local à coroa. Em 1770, as terras das sesmarias foram cedidas oficialmente a ele. (MADE IN VACARIA, 2019, s./p.).

Para os tropeiros, a fazenda era um lugar onde “[...] encontravam um refúgio peculiar no meio do trajeto rotineiro. A Fazenda [...] era o esteio desses viajantes, um recanto de calor para apaziguar e descansar depois de dias no lombo da mula ou do cavalo” (MADE IN VACARIA, 2019).

No site *Repórter Riograndense*²¹ é possível ler o nome de “Sesmaria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - padroeira da bonita capela da atual Fazenda do Socorro” (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011, s./p.). O site ainda conta sobre outra personagem que se destaca acerca dessa localidade, Dona Lourdes Noronha, filha do fazendeiro que comprou a fazenda, em 1903, Marcos Flores Noronha, e proprietária do local após os anos 1930. Sem dúvidas, uma pessoa que contribuiu para o desenvolvimento e a preservação do lugar (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011).

Dona Lourdes Noronha se casou com Arthur Coelho Borges, médico de Porto Alegre. Depois do falecimento do marido, ficou conhecida como “a viúva Coelho”. Dedicou-se a restaurar e a embelezar a estância, hoje residência de conforto. Construiu a capela da padroeira, Nossa Senhora do Socorro, cercando o conjunto com jardins (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011). O site ainda relata:

²⁰ Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/fazendasocorro/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.reporterriograndense.com.br/2011/05/origem-da-fazenda-do-socorro.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

A casa foi ampliada no estilo português com detalhes em cerâmica importada quando foi então construída a capela que possui altar da Igreja do Rosário de Porto Alegre adquirido por ocasião de sua demolição em 1952. A Fazenda do Socorro tornou-se o primeiro estabelecimento Rural do Rio Grande do Sul a possuir instalações completas de fabricação de laticínios e de conserva de carne (charque) em condições modernas e higiênicas. (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011, s./p.).

Dona Lourdes é reconhecida por ter transformado a fazenda, no período em que esteve sob sua gestão, em um modelo de modernidade para a época. Em 1948, foi construída a usina geradora de energia elétrica. Na época, também implementou as pastagens artificiais e outros métodos avançados de zootecnia, agricultura e fruticultura (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011).

Figura 3 – Fazenda do Socorro, Vacaria/RS.



Fonte: Viagens e Caminhos. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/2016/11/fazenda-do-socorro-vacaria.html>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Para além dessa fase da ocupação branca na região através das fazendas, vale ressaltar o que Pinotti (2011, p. 27) apresenta em *Só para lembrar – Vacaria em fotos*, sobre as fases que o município passou antes de ser emancipado: “Bem mais tarde, pela Lei Provincial nº 185 de 22 de outubro de 1850, Vacaria foi elevada à categoria de Vila. A mesma lei determinou que ficasse pertencendo à Comarca de São Borja”. Eis a data em que é comemorado o aniversário do município. O memorialista continua: “Somente em 10 de setembro de 1851 foi instalada, oficialmente, a Vila Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria, com posse da primeira

Câmara Municipal, da qual foi eleito presidente o vereador Padre João Antônio de Carvalho” (PINOTTI, 2011, p. 27).

No trecho trazido por Pinotti (2011) é possível observar a forte influência da igreja católica na região, além de perceber que o primeiro vereador da Vila foi um padre, o que, aliás, era recorrente no Brasil imperial. Antes de retornar ao nome de Vacaria (*Baqueria*, em espanhol), o local recebeu o nome de Vila Nossa Senhora da Oliveira, ou seja, o nome da igreja matriz - a Catedral Nossa Senhora da Oliveira, também conhecida como “igreja de pedra central” - e da santa padroeira da cidade. O site Made in Vacaria menciona uma lenda, conhecida por ser uma espécie de mito fundante da cidade:²²

Diz uma lenda que a imagem de Nossa Senhora da Oliveira foi encontrada em 1750 por um fazendeiro, durante uma queima de campo, no local onde hoje está o Santuário Nossa Senhora da Oliveira. Durante a queimada, o fogo se alastrava pelas capoeiras, mas não pegava numa pequena parte do solo, onde estava a imagem, sobre uma pedra. A imagem encontrada foi preservada pela catedral, e eventualmente é exposta aos fiéis. (MADE IN VACARIA, 2019, s./p.).

Alguns alegam que a imagem pode ter sido esquecida ou ter caído das malas de algum tropeiro, mas as pessoas se apegaram ao objeto como símbolo de fé, pelo fato dele não ter queimado. A imagem supracitada está até hoje guardada pela igreja católica, no santuário da cidade, local onde supostamente foi encontrada²³.

Nora (1993, p. 9) defende que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais a religiosidade e os locais de memória impactam a história da comunidade, de modo que os ritos e as repetições sejam fatores constituintes da memória de um povo.

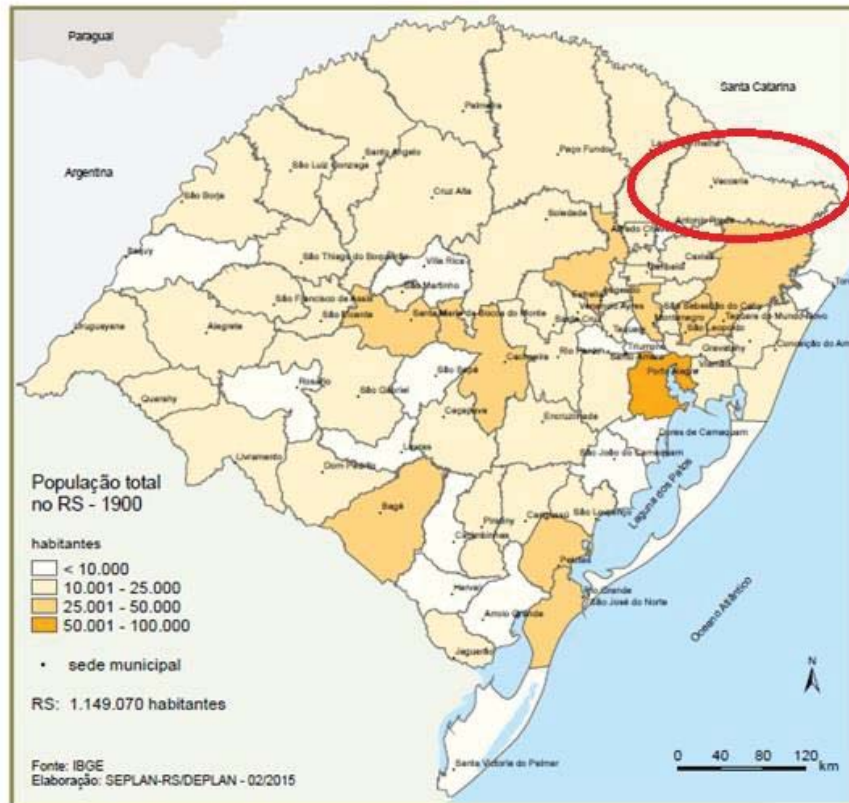
Após estes pontos apresentados sobre a formação inicial de Vacaria, cabe destacar que a cidade passou por anexos e separações, em relação aos municípios de Lagoa Vermelha, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha²⁴ e Passo Fundo.

²² Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/catedralvacaria/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

²³ Visualize a imagem e tenha mais informações em: <https://www.facebook.com/watch/?v=902551023540769>. Acesso em: 31 jan. 2021.

²⁴ Município que, posteriormente, vem dar origem ao livro *Raízes*, que fala a respeito da relação histórica destes municípios.

Figura 4 – Mapa do Rio Grande do Sul em 1900.



Fonte: O detalhe da localização em vermelho foi feito pela autora. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/demografia-1872-a-1980>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Olhar para a cidade de Vacaria como objeto de pesquisa para o ensino de História implica em reduzir a escala de observação histórica. No que diz respeito ao uso da História Local como uma metodologia no ensino de História, relacionando o espaço onde se vive com o mundo, os estudos realizados por Radünz (2012) indicam que “[...] o regional tende a perceber as diferenças, as multiplicidades, as singularidades na totalidade sob um movimento dialético entre o local e o global, ou seja, entre a micro-história e aquilo que se poderia chamar de história global” (RADÜNZ, 2012, p. 430). Assim, a História se aproxima dos alunos, das crianças, com quem o professor e/ou pesquisador quer dialogar. O historiador continua:

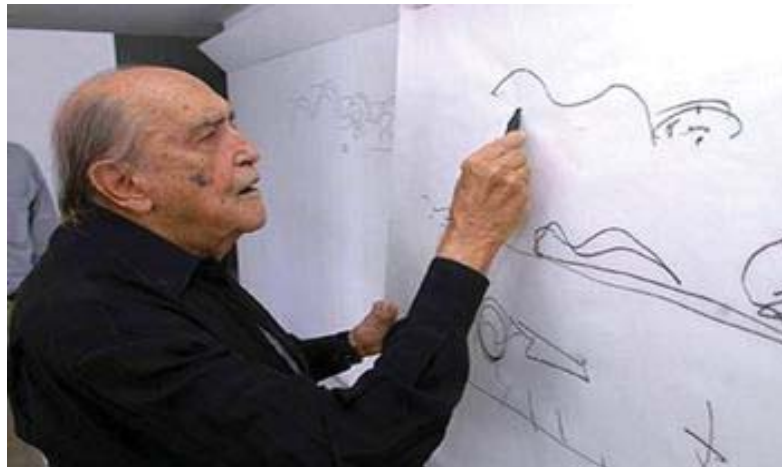
Dentro da tendência da micro-história, podemos abordar de forma mais significativa o ensino de história, a história local. Em relação à história local, pode-se situá-la como um princípio metodológico capaz de aproximar o aluno de seu cotidiano, da sua família, dos conhecidos, enfim, de sua comunidade, pela possibilidade de identificação das características do processo histórico particular da comunidade. Acredita-se que, a partir desse princípio metodológico, estar-se-á motivando os alunos ao estudo da história. (MACHADO, 2002, p. 224 apud RADÜNZ, 2012, p. 430).

Com estas percepções, a dissertação segue abordando os elementos históricos que cercam o Museu Municipal, para compreender melhor esse espaço na sua relação de identidade com a comunidade. A próxima etapa do texto apresenta uma análise do contexto histórico em que a Casa do Povo foi planejada e construída.

2.2 O CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DA CONSTRUÇÃO DA CASA DO POVO

Desde 2020, o Museu Municipal Adhemar Antonio Martins Pinotti está localizado na Casa do Povo - Centro Cultural Marcos Palombini²⁵. Situada na cidade de Vacaria, essa é a única obra do arquiteto Oscar Niemeyer no estado do RS. O arquiteto Oscar Niemeyer é reconhecido nacional e internacionalmente por seus projetos de concreto aparente, ousadia nas curvas e leveza nas formas, sendo, mesmo após sua morte, um profissional considerado uma referência para a arquitetura brasileira.

Figura 5 – Arquiteto Oscar Niemeyer.



Fonte: Escritório de arte. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/oscar-niemeyer>. Acesso em: 9 jan. 2021.

O nome do centro cultural homenageia o ex-prefeito de Vacaria, Marcos Palombini, que esteve à frente da prefeitura nos seguintes mandatos: 1973-1977,

²⁵ Disponível em: https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/2009/1/0/1524#lista_texto_proposicao. Acesso em: 31 jan. 2021.

1983-1989 e 1993-1996, sendo que a construção da Casa do Povo foi realizada durante um de seus mandatos, nos anos de 1985 a 1988.

A respeito da construção, Mello e Alvarez (2012)²⁶ comentam que é possível notar alguns momentos onde a tensão política local interferiu nos processos da Casa, por exemplo, no que diz respeito à pressão para concluir a obra, à falta de manutenção posterior a construção e à própria dificuldade em reabri-la.

Nos anos de 1970 e 1980, o município de Vacaria foi deixando de ser uma região onde a pecuária extensiva era a principal fonte de arrecadação. Esse cenário coincidiu com o término da exploração da madeira e a saída do batalhão responsável pela construção da BR-116. A partir de 1973, o prefeito Palombini começa a doar grandes áreas de terras públicas, para o crescimento da indústria²⁷ e para o desenvolvimento do agronegócio na cidade, com especial atenção para o cultivo da maçã.

No site de notícias locais Made in Vacaria, encontram-se registros de outros “pioneiros” do cultivo da maçã. É o caso, por exemplo, de Dona Lurdes Noronha Coelho, proprietária da Fazenda do Socorro, como já foi mencionado.

Dona Lourdes era uma mulher culta, empreendedora e viajada. Trouxe diversas ideias da Europa para implementar em suas propriedades. No Rio Grande do Sul, foi a pioneira do cultivo de maçã, peras e pequenos frutos. Na gestão dela, a Fazenda do Socorro foi a primeira fazenda do estado a implantar pastagens artificiais e ter instalações completas para a fabricação de laticínios e conserva de carne em condições higiênicas e modernas. (MADE IN VACARIA, 2019, s./p.).

Com auxílio das historiadoras Maria Neli Ferreira Borges e Fernanda Lisboa Vieira, o site defende: “Além disso, o local também foi vanguarda na implantação de processos avançados de zootecnia, agricultura e fruticultura” (MADE IN VACARIA, 2019, s./p.).

É compreensível que o governo de Palombini não foi o “descobridor da maçã” e do desenvolvimento agrícola da cidade, mas, certamente, foi um considerável investidor nessa área. No site da Fundação de Economia e Estatística do Rio

²⁶ “A Casa do Povo na porteira do Rio Grande Obra de Oscar Niemeyer no Município de Vacaria – RS”. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/12.143/4314>. Acesso em: 10 fev. 2021.

²⁷ Mais exemplos no site da Câmara Municipal de Vacaria. Disponível em: https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/1973/9/0/2398#lista_texto_proposicao. Acesso em: 20 jan. 2021.

Grande do Sul (FEE)²⁸, mais precisamente no documento “Agregados econômicos RS - Renda interna municipal RS 1939-1980”, é possível encontrar dados que indicam que entre os anos de 1975 e 1980 há um aumento significativo nos números, para o período de cinco anos. Para fins didáticos, os dados disponíveis no site são organizados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Renda interna setorial e global do município de Vacaria, Rio Grande do Sul.

Ano	Agricultura	Indústria	Comércio	Demais Serviços	Renda Interna (Cr\$)
1939	13690	762	1334	8540	22992
1949	64510	21970	8798	34099	129376
1959	344133	144043	132479	341601	962256
1970	16549.40	6950.00	18151.06	33547.60	75198.05
1975	48592.61	87212.00	74322.65	157276.38	367403.63
1980	822992.17	557777.00	697029.61	2134240.64	4212039.72

Fonte: Estimativas FEE/UNAGE (1986) - Tabela organizada pela autora.

Após observar os números indicados na Tabela 1, é possível perceber que, com o passar dos anos, a rentabilidade municipal aumentou em todos os períodos registrados, contando com o crescimento natural da população e da cidade. Nota-se que de 1939 a 1970, a cada dez anos, os números aumentaram, em média, 5 a 8 vezes, assim como de 1970 a 1975, num período menor de 5 anos. No entanto, destaca-se o período de 1975 a 1980, onde os números indicam um crescimento considerável nesses cinco anos, mostrando a arrecadação em média de 11 a 12 vezes maior do que a estimativa em comparação aos anos anteriores.

Na publicação *Vacaria das Oliveiras: Suplemento comemorativo ao 159º aniversário de Vacaria tem o propósito de divulgação e promoção da história, fatos e pessoas*²⁹, escrito pelo ex-deputado estadual Francisco Appio (2009), é possível encontrar informações que auxiliam na compreensão deste tempo. A citação a

²⁸ Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/>. Acesso em 20 fev. de 2021.

²⁹ Disponível em: <https://docplayer.com.br/5635429-Apresentacao-este-suplemento-comemorativo-aos-159o-aniversario-de-vacaria-tem-o-propósito-da-divulgacao-e-promocao-da-historia-fatos-e-pessoas.html>. Acesso em: 19 jan. 2021.

seguir aborda nomes dos responsáveis pelo cultivo das maçãs, como o do agrônomo Genor Mussato, por exemplo.

Genor Mussato (Ipê) aceitou o desafio do prefeito Marcos Palombini (Antônio Prado) e do Secretário da Agricultura Enore Angelo Mezari (Flores da Cunha). Trouxe consigo a experiência de engenheiro agrônomo em outros projetos. Blaise de Laurens Castelet (França), atual presidente da Agapomi, trouxe as primeiras mudas e implantou o primeiro viveiro no Capão da Herança, berço da maçã em Vacaria. Palombini e Mezari convenceram os primeiros produtores, filhos de italianos como eles, e que traziam no sangue a vocação pela produção de frutas: Joaquim Capra, Honorino de Rossi, Angelin Pegoraro, Armindo Della Giustina, Aldrovando Guazzelli e os irmãos Dante, Luiz e Salvador Baldin. O começo foi difícil, as variedades introduzidas não resistiram ao precário armazenamento. A competição com o produto argentino foi desproporcional. Mas a *ideia* era boa e bonita (como mostra João Dibb, vacariano, na Câmara de Vereadores de Porto Alegre com o ex-prefeito José de Oliveira e Silva). Surgiram as primeiras empresas com packing, pesquisa e produção, abrindo mercado para as mulheres na classificação e para os homens no transporte. (APPIO, 2009, p. 14).

Este documento sugere que empresários argentinos demonstraram interesse na compra de um espaço para o plantio de macieiras em Vacaria, surgindo, assim, a Rubifrut³⁰. Sobre a instalação da Rubifrut, o ex-deputado conta: “[...] está no primeiro time, desde que foi implantada em 08 de janeiro de 1985, com a experiência dos irmãos MacDonald, tradicionais produtores de maçã em Cipoletti, no Vale do Rio Negro, em pleno deserto da Patagônia (Argentina)” (APPIO, 2009, p. 16).

Depois disso, surgiram as empresas Schio, em 1987, e Rasip³¹, em 1979, de Raul Anselmo Randon. A produção da maçã se tornou empresarial, sendo fonte de arrecadação para a prefeitura. Como decorrência desses fatos, o governo brasileiro percebe que ele próprio produz a fruta (Vacaria em Destaque), não sendo mais preciso importá-la. Alguns anos depois, ela viria a ser exportada, sendo a cidade de Vacaria uma das maiores exportadoras de maçã do país. No site da Schio³², a seguinte frase ganha destaque: “Empresa líder em exportação do Brasil”.

Appio apresenta no suplemento cultural comemorativo aos 159 anos de Vacaria, homenagem à maçã gaúcha, em Assembleia Legislativa.

[...] Em 1972, as primeiras macieiras plantadas no Capão da Herança pelos pioneiros Moacir Capra, Angelin Pegoraro, Honorino de Rossi, Armindo Della Giustina, Aldrovando Guazzelli e Salvador Baldin e irmãos, quebraram

³⁰ Mais informações disponíveis em: <https://exportacaodobrasil.com/empresa-rubifrut-comercio-de-frutas-em-vacaria-6998>. Acesso em: 19 jan. 2021.

³¹ Mais informações disponíveis em: <https://www.rar.ind.br/Sobre/Historia>. Acesso em: 19 jan. 2021.

³² Disponível em: <https://www.agroschio.agr.br/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

a dormência com uma bela florada em setembro e a primeira colheita seis meses depois. “O trabalho técnico do agrônomo Genor Mussatto as primeiras mudas trazidas por Blaise de Laurens Castelet, e o apoio do vice-prefeito e Secretário da Agricultura Enore Angelo Mezari e do prefeito Marcos Palombini foram decisivos. (APPIO, 2009, p. 5).

O deputado, buscando capitalizar ações políticas no seu mandato, continua:

Não pude trazer um ônibus da Marcopolo, uma cozinha Todeschini, um stand das Lojas Colombo ou um móvel da Florense, mas foi possível trazer uma maçã gala e exibi-la, como imagem deste sucesso. Esta maçã não significa apenas saúde, mas a geração de empregos, impostos que modificaram o mapa da região. (APPIO, 2009, p. 10).

Appio (2009) ainda apresenta o capítulo intitulado “Pioneiros da maçã” da seguinte forma: “A fruticultura, especialmente a da maçã, foi introduzida em 1972, como alternativa para a lacuna aberta na economia local, deixada pela transferência do exército, explicam os pioneiros” (APPIO, 2009, p. 14).

Com esses investimentos, houve o desejo e a necessidade de se fazer com que o município crescesse em outros âmbitos, por exemplo, no que tange à cultura. Vacaria não possuía nenhum espaço próprio e direcionado para eventos artísticos e educacionais. Então, no ano de 1984, Marcos Palombini começa o planejamento de uma casa de cultura que oferecesse essas condições ao povo da cidade - a Casa do Povo. A fim de que a construção fosse relevante, o ex-prefeito contatou o arquiteto Oscar Niemeyer e foi bem sucedido nessa tentativa. Em 2006, o site do Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (LEME)³³, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresenta uma publicação que traz informações a respeito do período de planejamento dessa obra.

Oscar Niemeyer desenvolveu o projeto da Casa do Povo especialmente para o município de Vacaria devido à necessidade de um espaço para suas manifestações populares. Segundo o prefeito da cidade na época da construção da obra, Marcos Palombini, na década de 80 Vacaria estava carente de lugares para fazer shows e eventos populares. Os únicos espaços para tal finalidade concentravam-se nos salões paroquiais das igrejas locais, frequentados principalmente pelas elites. Com o intuito de criar um espaço público para a realização de bailes, feiras, peças teatrais, reuniões e até mesmo casamentos, Palombini pediu ao arquiteto carioca que elaborasse o projeto de um salão polivalente, capaz de abrigar todas essas manifestações. Em 1985, o projeto foi entregue à comunidade vacariense. Três anos depois, a obra foi finalizada e inaugurada. (LEME, 2006, s./p.).

³³ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/leme/news/leme-firma-convenio-para-o-restauro-da-unica-obra-arquitetonica-de-oscar-niemeyer-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 24 jan. 2021.

Conforme a análise referente à Casa do Povo, Niemeyer fez o projeto, a construção foi realizada e o prefeito entregou a obra. Em 1997, outro prefeito assumiu e interditou o espaço cultural. A esse respeito, a reportagem citada revela que “o espaço foi usado intensamente até 1997, quando ocorreu seu fechamento devido ao desenvolvimento de uma série de manifestações patológicas. Objeto de polêmica na época da construção, foi ameaçado de demolição”. Contudo, felizmente, “[...] sua relevância histórica, arquitetônica e social impediu tal destino”. (LEME, 2006, s./p.).

Segundo o site do LEME, “o Coordenador do LEME, Prof. Dario Lauro Klein, é um dos grandes incentivadores do restauro do prédio [...]. Segundo o Engenheiro Civil, a construção necessita de uma delicada recuperação” (LEME, 2006, s./p.). A opinião do professor Klein é a de que “seria um absurdo, um desperdício demolir a Casa do Povo. É preciso agir rápido porque os problemas aumentam com o passar do tempo” (LEME, 2006, s./p.).

Pesquisar sobre História Local traz desafios, especialmente no que diz respeito à sua busca, à sua escrita. Como problematizou Cavalcanti (2018), um dos grandes desafios dessa dimensão historiográfica é abordar os seus conflitos, não há História Local sem conflitos.

Às vezes, os conflitos aparecem de forma suavizada ou minimizada, como se nas relações de poder, nesses espaços estudados, inexistissem confrontos, disputas, alianças e enfrentamentos. São leituras que, talvez, por apreenderem o que se denomina história local como algo “pequeno”, com sujeitos ligados por laços de pertencimentos, representam-na como histórias cujas relações seriam marcadas, predominantemente, pela harmonia das relações. Por conseguinte, essa ilusão da ausência de conflito, às vezes, desdobra-se em narrativas que têm a pretensão de dar conta da totalidade das relações envolvidas nas histórias ensinadas e/ou pesquisadas. (CAVALCANTI, 2018, p. 274).

Ainda a respeito de escrever sobre a Histórica Local e seus respectivos impasses, Cavalcanti (2018) se utiliza do escritor Graciliano Ramos e cita: “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer” (RAMOS, 1962). Nem sempre as histórias são fabulosas e gloriosas como se acredita que os leitores talvez gostariam que fossem, os desafios e desavenças existem e também são dignos - para não dizer necessários - de serem contados, e

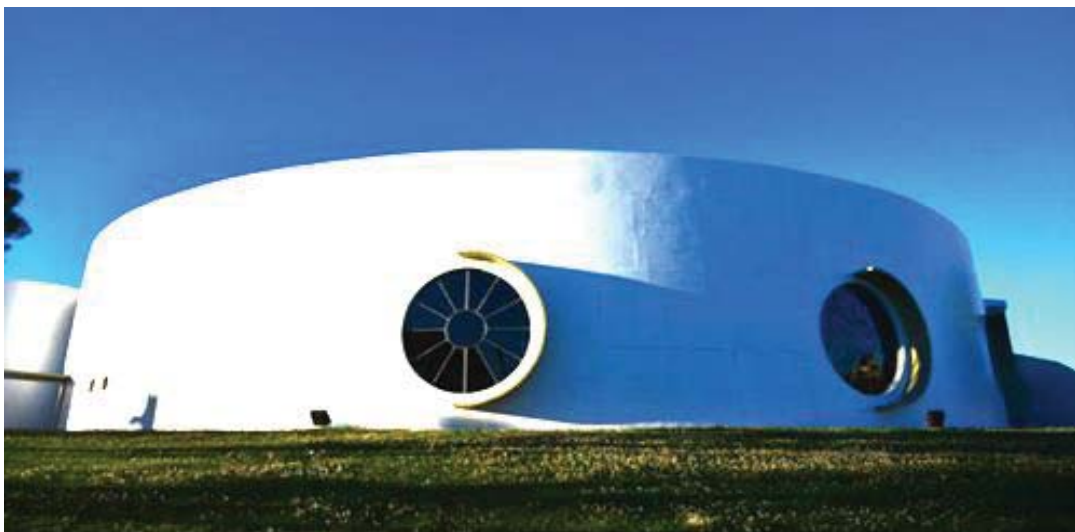
ainda trazem fatos muito interessantes. Por motivos de conflitos políticos, uma obra da arquitetura gaúcha e brasileira corria o risco de desaparecer.

Em 2006, começam as vistorias para a reforma. Os arquitetos Mello e Alvarez (2012) destacam que não se trata de um restauro. Em 2008, o local é tombado patrimônio pelo IPHAE. Em 2009, com a morte do ex-prefeito Marcos Palombini, é prestada uma homenagem a ele, dando o nome “Centro Cultural Marcos Palombini” ao local. Em 2010, começam as obras e, em 2012, ela é reinaugurada. Em 2020 foi reformada mais uma vez, para receber a Biblioteca Pública e o Museu Municipal. É neste contexto que essa obra arquitetônica ganha espaço neste trabalho de pesquisa.

2.3 CENTRO CULTURAL MARCOS PALOMBINI CASA DO POVO - VACARIA/RS

A Casa do Povo, localizada na cidade de Vacaria/RS, mais precisamente na Rua Borges de Medeiros, próxima ao centro e a linha férrea da cidade, teve o início de suas obras no ano de 1985, na gestão do então prefeito Marcos Palombini. O fim apressado de suas obras ocorreu três anos depois. Possui forma cilíndrica e é constituída totalmente por concreto, com grandes janelas circulares na fachada, possui características contemporâneas.

Figura 6 – Fachada da Casa do Povo Centro Cultural Marcos Palombini -Vacaria/RS.



Fonte: Made in Vacaria (s./d.). Crédito: Artur Alexandre. Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/casa-do-povo/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Os arquitetos Mello e Alvarez (2012) estudaram a edificação para a proposta de reforma realizada no ano de 2006. Eles analisaram a carta³⁴ escrita pelo prefeito e endereçada a Niemeyer, no ano de 1984, relatando ao arquiteto o desejo de contratá-lo para o projeto, indagando sobre o valor que seria cobrado e expondo o que era necessário ter nesse espaço de cultura para o povo de Vacaria.

Em 1984 a administração municipal de Vacaria demonstrava interesse em realizar uma “série de projetos administrativos de alto interesse popular”. Dentre estes estava a construção de obra arquitetônica de porte, não só pelas dimensões como também pela importância da assinatura de autoria. Antes mesmo da gestação e do nascimento já tinha nome de batismo - *Casa do Povo* - e paternidade pretendida. (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

Nesta carta datada de julho de 1984, o prefeito relata “características da cidade, aspirações e um esboço de programa de necessidades para o empreendimento” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.), evidenciando os fatores climáticos, já que geralmente o clima é muito frio na região. Palombini também enfatiza na carta que a estrutura deve ser coberta e fechada. Em anexo, envia uma planta altimétrica do terreno escolhido para a construção e um mapa do perímetro urbano, para Niemeyer se localizar na malha da cidade.

Os arquitetos ressaltam que esse, provavelmente, não tenha sido o primeiro contato do prefeito com a equipe de Niemeyer, pois a carta possui informações detalhadas demais, como se tivessem sido, supostamente, enviadas em resposta a pedidos profissionais do arquiteto. No entanto, esta carta é o primeiro registro encontrado no arquivo municipal da prefeitura de Vacaria que ilustram essa relação: “Provavelmente seria a oficialização do contato realizado informalmente antes” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.). Segundo reportagem publicada pelo jornal *O Pioneiro*, datada de 26 de outubro de 1984, esse contato possivelmente ocorreu por telefone, “visto que o prefeito já havia mantido contatos telefônicos com Niemeyer” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10).

Mello e Alvarez (2012) observam que o arquiteto não tinha intenções de vir à cidade para conhecer e/ou acompanhar a obra que projetou, o que pode gerar dúvidas quanto à veracidade da assinatura e do reconhecimento da obra de Niemeyer.

³⁴ Carta de 13 de julho de 1984 do prefeito de Vacaria para o arquiteto Oscar Niemeyer. Arquivo da prefeitura municipal, disponível no Anexo A.

[...] o conjunto de informações sobre a cidade e os documentos anexos nos leva a crer que o arquiteto não tinha a intenção de deslocar-se até Vacaria para visitar o terreno e conhecer mais intimamente o *lócus* de sua obra. E pelo que indica a Revista Construção da Região Sul no ano de 1988 ainda havia a esperança de que o arquiteto visitasse a cidade para conhecer a obra que concebeu, o que indica que ele muito provavelmente jamais fez visita alguma à obra. (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

Conforme detalhes expressos pelo prefeito Palombini, a obra deveria ser capaz de acolher: 1º- Comícios partidários para cinco mil pessoas de pé; 2º- Conferências, palestras e debates públicos; 3º- Bailes populares e estudantis; 4º- Assembleias de classes; 5º- Festas e casamentos; 6º- Formaturas escolares; 7º- Cerimônias Cívicas; 8º- Teatros, shows artísticos e apresentações musicais (orquestras, bandas, artistas); 9º- Feiras e exposições; 10º- Churrascos populares; 11º- Local para abrigo em caso de calamidade pública. O prefeito ainda ressalta: “para o povo de Vacaria seria uma glória poder ter uma obra de Oscar Niemeyer” e, prossegue, “imbuído desta pretensão que a nossa Administração, na tentativa de dar ao povo de nossa terra algo mais do que lhe é permitido sonhar, aventura-se a solicitar a V. Sa. a possibilidade desta realização”.

A reportagem do jornal *O Pioneiro* ainda apresenta o registro da visita do prefeito ao Rio de Janeiro, juntamente com o diretor do departamento técnico da prefeitura, João Alfredo Acauan, para confirmar o projeto da construção do salão comunitário com o arquiteto. “A contratação de Oscar Niemeyer foi justificada pelo prefeito pelo fato de que o povo vacariense merece o melhor” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10). A reportagem segue apresentando a fala do prefeito: “Tomamos a decisão de fazer contrato com o mais famoso arquiteto do Brasil e com fama mundial, para que o nosso salão Casa do Povo tenha essa expressão maior, que nós queremos dar à obra” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10).

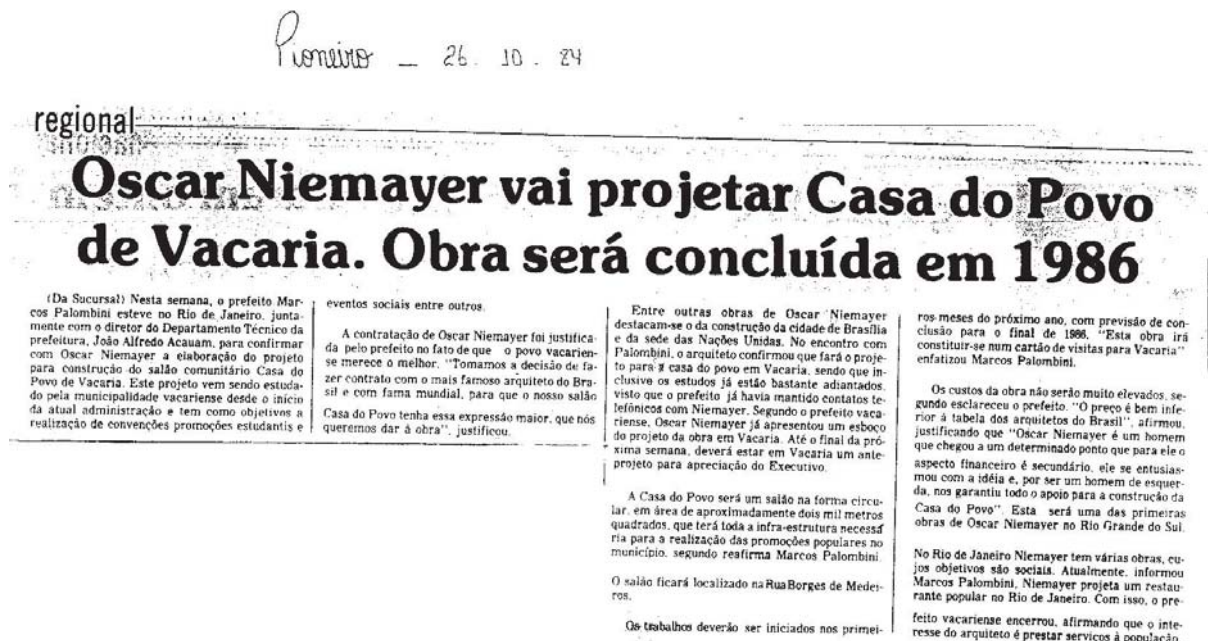
A reportagem ainda revela que apesar do renome internacional de Niemeyer, os custos da obra seriam baixos, conforme o próprio prefeito: “preço bem inferior à tabela dos arquitetos do Brasil” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10). Palombini afirma na notícia: “Oscar Niemeyer é um homem que chegou a um determinado ponto que para ele o aspecto financeiro é secundário. Ele se entusiasmou com a ideia, e por ser um homem de esquerda, nos garantiu todo o apoio para a construção da Casa do Povo” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10). Mello e Alvarez (2012, s./p.) ainda destacam: “Uma pechincha que adequa o interesse da

administração municipal em ter uma obra que destaque para Vacaria no cenário regional por preço de banana, ao filantropismo do arquiteto carioca”.

Os arquitetos destacam outro trecho da fala de Palombini ao jornal: “São intenções que vão além do atendimento ao programa de necessidades. A construção deveria apresentar-se como um verdadeiro ‘cartão de visitas para Vacaria’”. Em 1984, Palombini previa que a obra seria capaz de “até mesmo calar os adversários políticos, que admitiam seu valor artístico”. Mello e Alvarez (2012, s./p) observam: “Por isso mesmo a placa com a inscrição do CREA e o nome do arquiteto responsável pelo projeto ficara fixada diante da obra mesmo após sua inauguração”.

O texto do jornal informa que “esta será uma das primeiras obras de Oscar Niemeyer no Rio Grande do Sul” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10), mal sabia o jornalista responsável pela notícia de que aquela seria a única edificação do arquiteto no estado gaúcho. A notícia encerra com a fala do prefeito Palombini: “[...] o interesse do arquiteto é prestar serviço à população” (JORNAL O PIONEIRO, 1984, p. 10).

Figura 7 – Recorte do jornal O Pioneiro - Notícia sobre a Casa do Povo.



Fonte: Jornal O Pioneiro (26 out. 1984).

Em janeiro de 1985, o arquiteto enviou as plantas para a aprovação definitiva do projeto, de modo que em 25 de janeiro de 1985 “é assinado o contrato de

elaboração do projeto arquitetônico no valor de 60 milhões de cruzeiros que deveriam ser pagos na entrega do projeto” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.). No dia 28 do mesmo mês, a prefeitura efetuou o débito, sendo que o arquiteto recebeu líquido, retidos os descontos, o valor de 34 milhões, 557 mil e 290 cruzeiros. “Tempos depois, o prefeito recordaria que os honorários que o arquiteto recebeu com o projeto equivaliam, na época, a 60% do preço de um Opala Comodoro, que a prefeitura adquiriu na mesma época” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

Em 1988, a obra foi entregue inconclusa, de forma que o próprio prefeito admite: “a inauguração precoce, sem o acabamento da obra, tinha motivos eleitorais”. Assim, percebe-se que a entrega da casa foi apressada por fins políticos. Pelo que indicam as notícias da imprensa, Oscar Niemeyer “assinou o projeto quando este estava quase pronto, cobrando um valor bem abaixo da tabela de honorários da categoria” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.). Os arquitetos apresentam as seguintes características a respeito da edificação:

A obra em si – com área aproximada de 3.600 metros quadrados – tem mais importância por constar no catálogo do arquiteto carioca do que por suas qualidades arquitetônicas e artísticas. O prédio é, visto de fora, um cilindro largo e baixo, atarracado e pesado, estático, todo em concreto armado. À norte, escondido, há um anexo baixo. A proporção entre altura e largura, a relação entre os cheios e vazios, denotam peso e imobilidade, atributos exatamente antitéticos à leveza, graciosidade e movimento que construíram a reputação de sua arquitetura. (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

A forma cilíndrica na arquitetura de Oscar Niemeyer “esteve presente inicialmente no projeto não construído apresentado para o concurso para o Estádio Olímpico Nacional no Rio de Janeiro em 1941. O cilindro, neste caso, é forma clássica para arenas desde os Coliseus Romanos” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.). Essa forma aparece em diversas obras de Niemeyer, por exemplo, a sede da Cartiere Burgo, construída em Turim, Itália, em 1979, e o Museu do Índio, edificado em Brasília, em 1982, entre outros. “No caso da Casa do Povo de Vacaria a solução é de um cilindro maior envolvendo um menor sextavado. O cilindro pequeno, no centro do maior, serve de palco para as apresentações” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

A estrutura moderna, com formato curvilíneo, construída no período de 1985 a 1988, foi fechada em 1997, por apresentar problemas estruturais. Um ano depois, o LEME–UFRGS “realizou vistorias para verificar o estado de conservação, patologias

e comprometimento estrutural na perspectiva de elaborar um projeto de recuperação. A Casa do Povo corria o risco de ser demolida” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

Em novembro de 2004, a obra necessitava de reconhecimento da Fundação Oscar Niemeyer para que fosse possível captar recursos para iniciar as obras de conservação. No período mencionado acima, a Fundação Oscar Niemeyer, “[...] atendendo solicitação da prefeitura municipal de Vacaria de confirmação de autoria daquela construção, afirma que a obra consta do catálogo técnico do arquiteto sob o título de ‘Salão Polivalente de Vacaria’, realizado no ano de 1983”³⁵ (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

No ano de 2006, foi realizada pelo laboratório uma nova vistoria técnica da edificação, a fim de complementar a feita em 1998 e prosseguir com o projeto de conservação. “Esta avaliação tinha o objetivo de determinar as condições de conservação dos elementos construtivos, estruturais e das manifestações patológicas da construção” (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.). Essas informações serviriam de subsídio para o projeto de recuperação, reforço e “restauro”. Os arquitetos deixam nítida sua percepção de que a Casa passou por *reforma* e não por *restauro* no trecho: “Atualmente a construção encontra-se em reforma – e não restauração – para fazer o que parece ainda não ter conseguido. Atrair atenção e dar visibilidade ao município do planalto gaúcho” (MELLO; ALVAREZ, 2012 s./p.).

No site do LEME, também é possível encontrar os seguintes dados, evidenciando que o contrato de recuperação foi efetivado durante o 26º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria:

Com o objetivo de formalizar o contrato de recuperação da Casa do Povo, foi realizada uma solenidade durante o 26º Rodeio Internacional de Vacaria, da qual participaram os representantes da Presidência da República (Ministro do Desenvolvimento Agrário Miguel Rossetto); do Governo do Estado (Governador em exercício Antonio Hohlfeldt); da Prefeitura de Vacaria (Prefeito José Aquiles Susin); do Banrisul (Presidente Fernando Lemos); e do LEME (Coordenador Dario Lauro Klein). (LEME, 2006, s./p.).

Conforme relato de Fernando Lemos, presidente do Banrisul, que aparentava estar muito horando em participar do ato quando afirmou: “essa ação é muito importante para que a Casa do Povo possa voltar ao convívio da comunidade de Vacaria” (LEME, 2006, s./p.). O texto também apresenta a fala do ex-prefeito de

³⁵ Documento disponível no Anexo B.

Vacaria, José Aquiles Susin: “é como se luzes se acendessem para que os vacarienses tenham sua significativa obra novamente reaberta” (LEME, 2006, s./p.).

Mello e Alvarez (2012) encerram seu artigo afirmando que a Casa passaria pela primeira reforma e trazendo as seguintes informações:

Finalmente em 23 de abril de 2008, a edificação passou a integrar a lista de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul a partir da publicação da Portaria N° 06/2008 no Diário Oficial do Estado. O tombamento coroa o esforço da administração municipal de Vacaria em “ter a sua Brasília”, em ter sua obra de destaque que a coloque no mapa, mais pelo currículo e credibilidade do arquiteto na praça do que por qualidades intrínsecas à obra. (MELLO; ALVAREZ, 2012, s./p.).

Em resposta ao pedido do poder público da cidade, a obra foi tombada patrimônio pelo IPHAE, no ano de 2008. O processo de “restauro” iniciou em 2010, de modo que ela só foi reaberta em 2012. Ela manteve o nome de Centro Cultural Marcos Palombini, que havia sido dado em 2009, como homenagem ao prefeito que esteve à frente da obra na sua gestão. Vale ressaltar que o prefeito Palombini foi um considerável colaborador para as áreas de desenvolvimento de Vacaria, trazendo indústrias e incentivando o cultivo de pequenas frutas, cooperando para que o município se tornasse uma das referências da região no cultivo da maçã.

Desde a sua criação, a Casa do Povo foi palco de eventos culturais, educativos e artísticos para a comunidade local. No ano de 2020, a construção recebeu mais uma intervenção, para abrigar a Biblioteca Pública e o Museu Municipal de Vacaria. Pinotti (2011), em seu livro *Só para lembrar - Vacaria em fotos*, diz:

O Centro Cultural Casa do Povo refere-se a um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, desenvolvido especialmente para o município de Vacaria, com o objetivo de promover as manifestações artísticas e culturais da comunidade, bem como o uso de seus ambientes para múltiplas atividades. O projeto arquitetônico foi apresentado no mês de janeiro de 1985 e no mês de agosto do mesmo ano iniciaram-se as obras de construção. Os trabalhos desenvolveram-se até o mês de setembro de 1988 com a conclusão parcial dos serviços, sendo inaugurada provisoriamente. A partir desse momento, a Casa do Povo passou a abrigar a realização de vários eventos, como: palestras, shows, teatros, exposições e todo o tipo de manifestação popular. O uso deste espaço deu-se até 1997, quando foi interditado pela ocorrência de problemas construtivos aparentes. No ano de 1998, contratou-se uma equipe de especialistas para uma análise mais profunda destes problemas, os quais foram consubstanciados em laudo. O complexo Casa do Povo localiza-se na Rua Borges de Medeiros, 1987, com área total construída de

3.588,47 m², assentada em terreno urbano com área de 9.229,38 m². (PINOTTI, 2011, p. 222).

Em 17 de outubro de 2011, o governo municipal viaja para encontrar com o arquiteto, a fim de conversar sobre reforma da obra. “A comitiva de Vacaria seguirá nesta terça-feira (18), para o Rio de Janeiro onde participa de uma reunião no escritório do Arquiteto Oscar Niemeyer, onde serão apresentadas em detalhes as obras de recuperação da Casa do Povo”³⁶.

Figura 8 – Prefeito Elói Poltronieri e secretário da Cultura Leonardo Zamboni (2011) em conversa com o arquiteto Oscar Niemeyer para tratar de reforma na casa.



Fonte: Made in Vacaria (s./d.). Crédito: Divulgação Leonardo Zamboni.

No ano de 2020, homenageando figuras da cidade, foi dado o nome de Adhemar Pinotti ao museu, em alusão ao pesquisador de histórias de Vacaria. Na ocasião, também foi dado o nome de Theobaldo Paim Borges para a biblioteca pública, em referência ao professor e diácono da cidade e da região, conhecido popularmente como Didi.

A Casa do Povo tem como um de seus objetivos estreitar os vínculos entre a cultura e a comunidade, além de continuar com seus eventos culturais que a caracterizam como um espaço de acolhimento e, agora, de leitura e conhecimento histórico.

³⁶ Notícia disponibilizada para esta pesquisa, mas ainda pode estar bloqueada pela prefeitura municipal. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/v-noticia-.php?url=petrobras-destina-recursos-a-casa-do-povo>. Acesso em: 30 ago. 2020.

3 MUSEU, ENSINO DE HISTÓRIA E PÚBLICO INFANTIL

Este capítulo aborda a constituição do Museu Municipal de Vacaria, refletindo sobre o significado que os museus têm na sociedade atual. Pretende discutir a relação dos museus com ensino de História para as crianças, pensando maneiras de auxiliar nesse processo identitário e relacional.

3.1 MUSEU MUNICIPAL DE VACARIA DR. ADHEMAR ANTONIO MARTINS PINOTTI

Para falar do museu municipal de Vacaria, é preciso falar antes de Adhemar Pinotti, ex-vereador da cidade e pesquisador de histórias passadas na região. Ao pesquisar sobre os temas museu e História Local da cidade de Vacaria, ganha destaque o nome de Adhemar Pinotti e suas pesquisas para o município e para a comunidade. Neste sentido, o estudioso foi convidado para responder algumas perguntas³⁷ que contribuem para o texto em questão.

O método utilizado, isto é, o método de perguntas à distância, se justifica pelo fato de que as questões foram realizadas em um momento de isolamento e de incertezas quanto ao Covid-19. A respeito desse estilo de comunicação, Santhiago e Magalhães (2020) apontam os seguintes aspectos:

novos modos perceptivos e cognitivos ativados na produção de entrevistas *online*, discrição cumulativa que não anula nem obscurece o encontro físico, analógico. Lembram-nos que uma entrevista, tal qual a conhecemos, é uma convenção circunstancial, não um artefato natural carente de fervorosa proteção. A entrevista – parafraseemos – já é artificial. E a comunicação – como quer que se dê – é sempre mediada. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 5).

Entende-se que essa alternativa de coleta de informação não se configura como História Oral, mas que essas “mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas medulares para a comunicação humana; e novas modalidades de comunicação transfiguram gêneros do discurso, seus conteúdos e modos de dizê-lo” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 5). Os autores concluem que a História Oral fica, nessas situações, observando e apontando caminhos.

³⁷ Anexo C.

À história oral, felizmente incapacitada de se destacar do fluxo temporal, cabe apreciar criticamente tais mudanças, sem passar ao largo delas, propondo considerações sobre a mudança efetiva no pensamento, na memória e na cultura a partir da incorporação de novas tecnologias, e sobre o impacto destas sobre a forma de se contar histórias. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 5).

O Dr. Pinotti, 69 anos, advogado, reside hoje na cidade de Porto Alegre, mas nasceu em Bom Jesus, município próximo à cidade de Vacaria. Foi vereador de Vacaria, apresenta interesse por fotografias do passado dessa cidade e dessa região, fato que sempre o levou a incentivar a Câmara Municipal de Vereadores a olhar para a história de forma mais pontual. Durante alguns anos, teve um programa, denominado *Só para Lembrar*, que era apresentado em rádio local. Nesse programa, compartilhava com a população os achados de suas buscas. De seu interesse pela história local, resultou o livro *Só para lembrar - Vacaria em fotos*.

O ex-vereador é reconhecido pela comunidade vacariense por ser uma pessoa com conhecimentos acerca das histórias passadas na cidade e na região, sendo homenageado com a Lei 3191/2011³⁸, de 08 de novembro de 2011, que outorgava: “[...] Art. 1º Denomina de Espaço Cultural Dr. Adhemar Pinotti, o local destinado ao acervo histórico de Vacaria” (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA, 2011, s./p.). No entanto, foi apenas no ano de 2020 que essa homenagem se concretizou, com a reabertura do museu, no novo espaço destinado a ele na Casa do Povo.

No que diz respeito à seleção do nome de Pinotti para intitular o Museu Municipal e às pesquisas desenvolvidas pelo estudioso, alguns pontos foram levantados através da entrevista³⁹ realizada com ele via e-mail. Dentre as respostas, destacam-se como foi o início das investigações do Dr. Pinotti e como ele se aproximou destes temas históricos da cidade.

Em 1993, o prefeito Marcos Palombini cria o Museu Municipal⁴⁰, tal como pode ser visto na Lei Ordinária nº 1477/1993, de 10 de novembro de 1993, criada pela Câmara Municipal de Vereadores de Vacaria. Os Artigos 1º e 2º da referida Lei mencionam:

³⁸ Disponível em:

https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/2011/1/0/2061#lista_texto_proposicao. Acesso em: 28 jan. 2021.

³⁹ Entrevista realizada via e-mail com Adhemar Pinotti, no dia 27 jan. 2021. Disponível em Anexo E.

⁴⁰ Disponível em:

https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/1993/1/0/3791#lista_texto_proposicao. Acesso em: 20 jan. 2021.

Art. 1º - É criado o MUSEU MUNICIPAL destinado a colecionar elementos da cultura, história, arte, fauna, flora e solo do Município. Parágrafo Único - Além da parte relativa ao Município, o Museu terá uma seção geral que colecionará acervo e dados relativos ao Estado e ao País, além de acervo artístico de qualquer origem, destinado ao incentivo da cultura geral. **Art. 2º** - O MUSEU MUNICIPAL integrará a Secretária Municipal de Educação e contará com recursos por meio de consignações orçamentárias próprias. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA, 1993, s./p.).

No trecho do relato de Pinotti disponível a seguir, nota-se que ele não foi o responsável pela criação do museu em si, mas atuou como um personagem de preservação da história do município, além de reunir um considerável acervo fotográfico da História Local.

Em 1993, ainda não tinha o entusiasmo voltado para o museu. Minha participação neste sentido iniciou com a minha presidência na Câmara Municipal de Vereadores, 1995/1996. Aí officiei a Indústria e Comércio de Vacaria mandarem seus históricos. Fui compilando e despertou-me a vontade de pesquisar sobre Vacaria. Foram longos anos com participação no jornal *Correio Vacariense* e programa nas duas emissoras. Assim, depois de muito estudo, pesquisa e contribuições da sociedade com fotos, em 2010, resultou no livro *Só para lembrar - Vacaria em Fotos*. (PINOTTI, 2021, s./p.).

O pesquisador ainda deixa explícito o que o motivou na busca por registros antigos da localidade:

Eu tenho uma paixão por fotos (preto e branco) que se relacione com Vacaria. Grande parte de minhas leituras diárias fazem referência a Vacaria. Acho que tenho o maior acervo de fotos e livros relacionados a Vacaria. Assim, a minha curiosidade sobre Vacaria é aguçada a cada dia que passa. Não paro nunca. Ainda tenho muito que pesquisar e escrever. (PINOTTI, 2021 s./p.).

Quando questionado a respeito do que sentiu ao ser reconhecido com a homenagem, o ex-vereador revelou: “Sentimento de orgulho. [...], senti-me super lisonjeado com tamanha distinção. [...]”. Sendo sucinto, Pinotti finaliza sua resposta com mensagem ao povo vacariano: “[Queria] agradecer aos munícipes que reconheceram meu nome. [...] Sinto que tenho o reconhecimento do povo de Vacaria pelos humildes trabalhos prestados a essa comunidade” (PINOTTI, 2021, s./p.).

Após esse breve relato de Pinotti sobre os seus estudos e a homenagem recebida por ele, visando entender um pouco mais da trajetória deste local de memória, se estabelece um diálogo com a imprensa local, que repercutiu essa

notícia. Tanto o depoimento de Pinotti, quanto a imprensa local se encaixam dentro daquilo que se considera História Local. Sobre a utilização da imprensa local, Cavalcanti (2018) contribui trazendo a percepção de que todo jornal é local, todo jornal é municipal, o que os diferencia são as diferentes proporções que atingem. Sobre essa escala, o autor sinaliza:

Como meu objetivo é problematizar os desafios do uso da chamada história local, poderíamos ampliar as discussões e colocar em debate, por exemplo, a questão: o que se configura como jornal municipal? Pergunta aparentemente simples e demasiado óbvia, até. Entretanto, todo periódico é municipal, pois é produzido em algum município, salvo os jornais do Distrito Federal. Os jornais Folha de S. Paulo, O Globo e o Diário de Pernambuco, por exemplo, também são municipais [...]. Entretanto, as relações políticas e editoriais [...] em termos de produção, circulação, visibilidade e inserção nas relações sociais, os fazem ultrapassar amplamente as fronteiras municipais. Nessa dimensão, seria importante compreendermos com clareza o que se entende por jornal municipal. Um periódico cuja circulação se restringe aos limites fronteiriços do município? Uma questão a ser problematizada. (CAVALCANTI, 2018, p. 284).

Considerando a problematização de Cavalcanti, a primeira publicação encontrada, com uma clara relação política entre o relatado e os agentes políticos em questão, pode ser lida no jornal *Correio Vacariense*, edição de 02 de março de 1996. A manchete anunciava que “Vacaria terá um Museu” e o texto complementava com as informações: “Sentindo a necessidade, a administração municipal decidiu criar um Museu em Vacaria que ficará instalado no prédio ao lado da Catedral Nossa Senhora da Oliveira, juntamente com a biblioteca municipal”. O texto continua dizendo que esse “será um local onde as pessoas possam visitar, conhecer peças antigas e um pouco da história de Vacaria”. A notícia ainda revela informações sobre o vice-prefeito, Ivalcir Peruchin, e a arquiteta Rosana Rocha, relatando que estiveram em Caxias do Sul, conhecendo o museu da cidade que, segundo Peruchin, “é um exemplo para a região e até mesmo para o Estado” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5).

Segundo a notícia, o vice-prefeito diz que a sua função é recolher objetos do acervo para montar o museu e afirma que muitas peças já estavam guardadas na prefeitura municipal. Ele também comemora que os cidadãos já estavam oferecendo outros objetos, deixando endereços para os responsáveis pelo museu buscá-los. “O vice-prefeito esclarece que esses objetos podem ser doados” ou, então, emprestados “no sistema de comodato, onde a peça é cedida para o museu e no

momento em que a pessoa queira de volta, haverá a devolução”. A notícia explicita também que “na gincana que vai ser realizada nos dias 13 e 14 de abril, através da Rádio Fátima FM e Banco do Brasil, deverá haver a coleta de peças por parte das equipes, mas não valendo pontos” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5).

Outro nome que aparece na notícia é o da arquiteta Rosana Rocha, que era a responsável pelo mobiliário do museu: “Ela explica que foi necessária uma pesquisa, para que o mobiliário não fique mais destacado que a peça, porque a figura principal no cenário é o objeto histórico”. A entrevistada revela o desejo de que o museu cresça: “que com o passar do tempo, o museu possa ser ampliado com a chegada de mais peças. A orientação técnica será feita pela museóloga, diretora do museu de Caxias do Sul, Tânia Tonet” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5).

Em 1996, o Museu e a Biblioteca estavam localizados no mesmo prédio, em região central, nas proximidades da Catedral e da praça Daltro Filho. A primeira exposição do acervo que deu origem ao Museu de Vacaria foi organizada na Casa do Povo. Semelhanças que, após 24 anos, voltam a se repetir, depois de algumas mudanças de localização do Museu e da Biblioteca e de momentos em que esses espaços receberam pouca visibilidade. Em 2020, o Museu e a Biblioteca voltam a estar localizados dentro da mesma edificação, sendo que agora o acervo do Museu está exposto fixamente na Casa do Povo.

Figura 9 – Recorte de notícia 1 do jornal Correio Vacariense - Primeira notícia jornalística encontrada sobre o museu da cidade.



Fonte: Notícia do Jornal Correio Vacariense publicada em 02 de março de 1996 (p. 5).

O livro *Raízes de Vacaria I - VII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha* (1996) tem relevância para o histórico do Museu. A publicação movimentou a cidade com seu lançamento.

Uma reportagem do jornal Correio Vacariense datada de 25 de maio de 1996 divulga o lançamento do livro *Raízes de Vacaria*, exaltando sua repercussão diante da comunidade vacariense. A manchete enfatizava o papel do Museu: “Museu conta parte da história de Vacaria”. De modo geral, o texto ainda informa que: “Dispuseram-se peças do museu de Telmo Rossi, na Casa do Povo, no evento Raízes de Vacaria I. Estiveram em exposição mais de 500 peças de montarias e armas que contam parte da história de Vacaria” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 10). O museu citado localizava-se em Muitos Capões, município situado próximo à cidade de Vacaria. A notícia sugere que esse museu abrigava algumas peças pertencentes ao município de Vacaria. De acordo com a notícia,

As peças vêm, principalmente, da localidade de Muitos Capões, sem possuírem ainda uma pesquisa sobre elas, que possa dar o real valor para a

história da região. Peças de montaria vieram da Alemanha, da Itália e da Bélgica e as de porcelana também oriundas da Europa. Algumas armas são da Revolução Farroupilha. Junto a esse acervo, Zeni Possi realizou uma exposição individual com suas pinturas em várias técnicas que retrata a paisagem de Muitos Capões. Zeni, através da pintura, fala das ricas montarias dos fazendeiros, da preta velha, na cozinha de chão, torrando café, das pratarias, da panela de ferro e das porcelanas das sinhazinhas. (CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 10).

Após, há um pequeno parágrafo sobre a contribuição das escolas neste projeto, conforme pode ser visualizado na Figura 9. Além disso, é dado destaque especial ao 3º Batalhão Rodoviário de Vacaria. Vera Lucia Maciel Barroso é descrita como a “idealizadora do Raízes, [...] historiadora, é a pessoa responsável pela realização do Raízes que chegam a sétima edição, neste ano, em Vacaria” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 10).

Figura 10 – Recorte 2 do jornal Correio Vacariense.

Museu conta parte da história de Vacaria

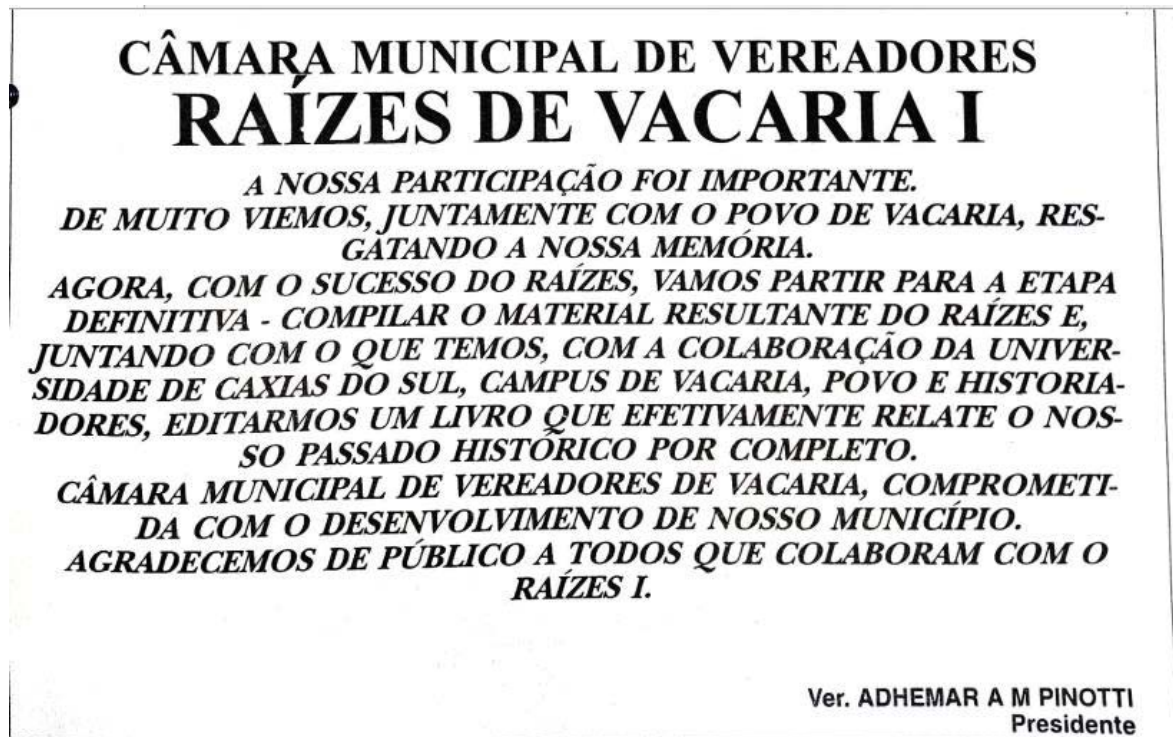
Dispuseram-se peças do museu de Telmo Rossi, na Casa do Povo, no evento Raízes de Vacaria I. Estiveram em exposição mais de 500 peças de montaria e armas que contam parte da história de Vacaria.

As peças vêm principalmente, da localidade de Muitos Capões, sem possuírem ainda uma pesquisa sobre elas, que possa dar o real valor para a história da região. Peças de montaria vieram da Alemanha, da Itália e da Bélgica e as de porcelana também oriundas da Europa. Algumas armas são da Revolução Farroupilha. Junto a esse acervo Zeni Rossi realizou uma individual com suas pinturas em várias técnicas que retrata a paisagem de Muitos Capões. Zeni através da pintura, fala das ricas montarias dos fazendeiros, da preta velha, na cozinha de chão, torrando café, das pratarias, da panela de ferro e das porcelanas das sinhazinhas.

ESCOLAS - Um Elo de Ligação da HISTÓRIA
As escolas de Vacaria, construtoras da histó-

Na página seguinte do jornal, é possível identificar agradecimentos de Pinotti ao povo e à UCS, pela colaboração dos participantes do evento, tal como pode ser visto na Figura 11.

Figura 11 – Recorte 3 do jornal Correio Vacariense.



Fonte: Nota publicada em jornal Correio Vacariense, na edição de 25 de maio de 1996 (p. 11).

Em reportagem publicada em 1 de junho de 1996, pelo jornal *Correio Vacariense*, encontra-se a seguinte informação: “Câmara Municipal de Vacaria Lei nº 1641 de 28 de maio de 1996 ‘cria o arquivo público e histórico do município de Vacaria’”⁴¹ (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, s./p.). Dos 8 Artigos dessa Lei, destacam-se o 1º, o 2º e o 3º. Vale ressaltar que, atualmente, no arquivo da Câmara, o Artigo 3º está destituído:

Artigo 1º - Fica o Poder Público Municipal autorizado a criar o arquivo público e histórico Municipal de Vacaria, que fica subordinado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Artigo 2º - O arquivo público e histórico Municipal exercer a sua ação em todo o município de Vacaria, competindo-lhe: I - Localizar, recolher, reunir, recuperar, organizar e preservar documentação pública ou particular, em geral, a fim de que possa ser

41

Disponível

em:

https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/1996/1/0/3955#lista_texto_proposicao. Acesso em: 31 jan. 2021.

utilizada, pesquisada e divulgada, por qualquer forma, com o objetivo de resguardar a memória do município e de sua gente; II - Proteger o acervo constituído por qualquer documento escrito, manuscrito ou impresso, fotográfico, pertencentes às entidades públicas - Executivo, Legislativo e Judiciário e particulares, culturais, pessoas físicas e estabelecimentos rurais, comerciais de serviços e outros; III - Tombar, classificar e catalogar a documentação em seu poder, segundo as modernas técnicas arquivistas; IV - Guardar e realizar a conservação permanente dos documentos, sendo vedado a doação bem como a sua destruição parcial ou total; V - Inventariar a documentação de terceiros, seguindo os mesmos critérios específicos e técnicos das demais; VI - Franquear o uso do acervo às entidades ao público em geral, atendendo os pedidos de informação, consoante às disposições regulamentares; VII - Manter intercâmbio e prestar assistência dentro ou fora do município com outras instituições. Artigo 3º - O Arquivo Público e Histórico Municipal terá quadros próprios de servidores com habilitação específica admitidos através de concurso público e demais normas legais vigentes. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA, 1996, s./p.).

Figura 12 – Recorte 4 do jornal Correio Vacariense.

4/Vacaria, 1º de junho de 1996

POLÍTICA/ECONOMIA

CÂMARA MUNICIPAL DE VACARIA LEI Nº 1641 DE 28 DE MAIO DE 1996 "CRIA O ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VACARIA".

Dr. ADHEMAR MARTINS PINOTTI, Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Vacaria, Estado do Rio Grande do Sul.

Usando das atribuições que lhe confere o cargo e com fulcro no artigo 45, parágrafo 4º da Lei Orgânica do Município, faço saber que a Câmara aprovou e eu PROMULGO a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica o Poder Público Municipal autorizado a criar o Arquivo Público e Histórico Municipal de Vacaria, que fica subordinado a Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Artigo 2º - O Arquivo Público e Histórico Municipal exercerá sua ação em todo o Município de Vacaria, competindo-lhe:

I - Localizar, recolher, reunir, recuperar, organizar e preservar documentação pública ou particular em geral, afim de que possa ser utilizada, pesquisada e divulgada por qualquer forma, com o objetivo de resguardar a memória do Município e de sua gente;

II - Proteger o acervo constituído por qualquer documento escrito, manuscrito ou impresso, fotográfico, pertencentes às Entidades Públicas - Executivo, Legislativo e Judiciário e particulares, culturais, pessoas físicas, estabelecimentos rurais, comerciais, de serviços e outros.

III - Tombar, classificar e catalogar a documentação em seu poder, segundo as modernas técnicas arquivistas;

IV - Guardar e realizar a conservação permanente dos documentos sendo vedado a doação, bem como a sua destruição parcial ou total;

V - Inventariar a documentação de terceiros, seguindo os mesmos critérios específicos e técnicos das demais;

VI - Franquear o uso do acervo às entidades ao público em geral, atendendo os pedidos de informação, consoante às disposições regulamentares;

VII - manter intercâmbio e prestar assistência dentro ou fora do Município com outras instituições.

Artigo 3º - O Arquivo Público e Histórico Municipal, terá quadros próprios de servidores, com habilitação específica admitidos através de concurso público e demais normas legais vigentes.

Artigo 4º - A receita do Arquivo Público e Histórico do Município advirá de:

I - Dotações orçamentárias provenientes do próprio Município;

II - Cursos, expedições de certificados, publicações especializadas, exposições e demais atividades consentâneas com sua natureza;

III - Auxílios, subvenções, créditos especiais ou adicionais, concedidos pelo Governo Federal, Estadual e Municipal;

IV - Doações ou legados de organismos nacionais e internacionais, públicos e particulares;

V - Outras rendas que, por sua natureza ou finalidade lhe cabem.

Parágrafo Único - O Município, a Câmara e qualquer órgão da administração municipal, serão isentos das cobranças a que se refere o item II deste artigo.

Artigo 5º - Os orçamentos do Arquivo Público e Histórico Municipal obedecerão as leis de diretrizes orçamentárias do Município e serão incluídas nas dotações orçamentárias da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Artigo 6º - O Município e a Câmara de Vereadores ficam autorizados a entregar ao Arquivo Público e Histórico Municipal a documentação permanente (Histórica) e a intermediária.

Parágrafo Primeiro - A documentação a que se refere este artigo será avaliada para a elaboração de suas tarefas de temporalidade, pelos poderes Executivo, Legislativo e equipe de trabalho próprio arquivo.

Parágrafo Segundo - para a produção dos documentos de uso corrente, o Arquivo Público e Histórico Municipal dará assessoramento para sua disciplina e racionalização de papéis.

Artigo 7º - As atividades e o funcionamento do arquivo Público e Histórico Municipal serão regulamentados por normas específicas e através do regimento Interno do mesmo que deverão ser elaborados até 90 (noventa) dias após a aprovação desta Lei.

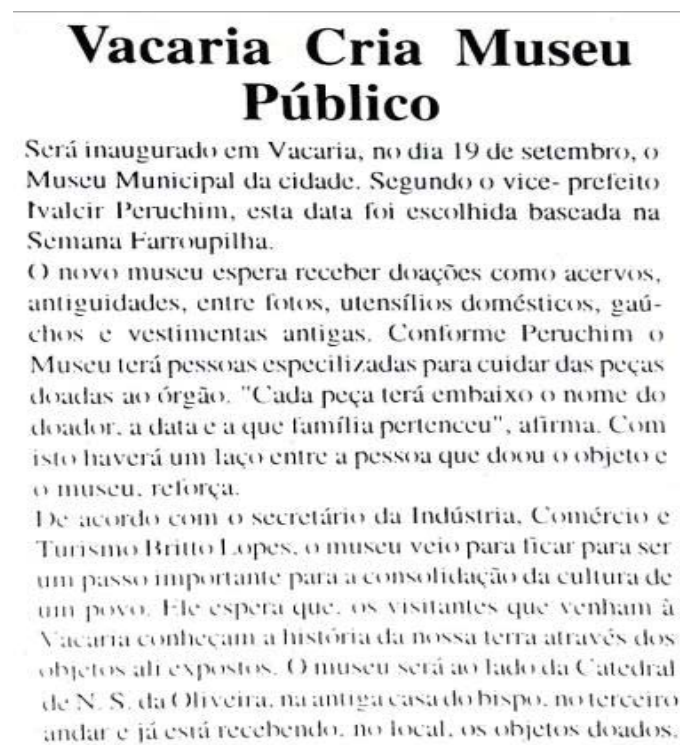
Artigo 8º - revogam-se as disposições em contrário e a presente Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CÂMARA MUNICIPAL DE VACARIA
GABINETE DA PRESIDÊNCIA, 28 DE MAIO DE 1996
Ver. Adhemar Martins Pinotti - Presidente

Após as notícias sobre o evento *Raízes*, bem como da divulgação da Legislação que foi providenciada para o museu, em 10 de agosto de 1996, o jornal publica: “Será inaugurado em Vacaria, no dia 19 de setembro, o Museu Municipal da cidade. Segundo o vice-prefeito, Ivalcir Peruchin, esta data foi escolhida baseada na Semana Farroupilha” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5). Na matéria consta que o museu espera receber doações da comunidade, tais como peças, fotografias, etc. O vice-prefeito garante que o local contará com pessoas especializadas para cuidar dos objetos doados e que abaixo de cada objeto terá o nome de quem fez a doação, a data e o nome da família a que pertenceu. “Com isso haverá um laço entre a pessoa que doou o objeto e o museu” (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5). Mesmo com as letras apagadas é possível ler na notícia:

De acordo com o secretário da indústria, Comércio e Turismo Brito Lopes, o museu veio para ficar, para ser um passo importante para a consolidação da cultura de um povo. Ele espera que os visitantes que venham à Vacaria conheçam a história da nossa terra através dos objetos ali expostos, o Museu será ao lado da catedral de Nossa Senhora da Oliveira, na antiga Casa do Bispo, no terceiro andar e já está recebendo no local os objetos doados. (JORNAL CORREIO VACARIENSE, 1996, p. 5).

Figura 13 – Recorte 5 do jornal Correio Vacariense.



Finalmente, no dia 07 de setembro de 1996, o jornal *Correio Vacariense* publica um lembrete à comunidade sobre a inauguração do Museu Municipal e da Biblioteca Pública, que serão inaugurados no dia 19 de setembro de 1996, aproveitando os eventos da Semana Farroupilha. No entanto, após esta data, não foi possível localizar notícias que relatassem como foi a inauguração, o que sugere que não foi um evento de grande porte, como o lançamento do livro *Raízes*.

Figura 14 – Recorte 6 do jornal *Correio Vacariense*.

Vacaria, 7 de setembro de 1996/5

A Semana Farroupilha Evoca a Consciência e Analisa nos 160 Anos da Proclamação Rio Grandense

No sábado dia 14, haverá o recebimento da Centelha Crioula, na Praça Daltro Filho, domingo, dia 22 de setembro, será oficiada a Missa Crioula na Catedral N.S. da Oliveira. Nesse dia haverá mateada, feira do verde e apresentações artísticas na praça Daltro Filho. Nos dias 18, 19 e 20 será desenvolvido uma ginca- na de conhecimento sobre o tradicionalismo. Dia 19 será inaugurada a Biblioteca Pública Municipal e o Museu Público Municipal. Dia 21 haverá carreteada .Dia 14, fandango tradicionalista no CTG Sentionela da Querência. Dia 20-Baile Farroupilha na Associação do Sub Tenentes e Sargentos da BM. Dia 18-Sessão Solene da Câmara de Vereadores.

Fonte: Recorte de publicação do Jornal *Correio Vacariense* datado de 07 de setembro de 1996 (p. 5).

O Museu Municipal de Vacaria Dr. Adhemar Antonio Martins Pinotti possui acervo sobre a constituição do município, apresenta informações sobre o marco de passagem missionário, a pedra jesuítica, a formação das vacarias, a construção da Catedral, etc. Conta com espaços expositivos que, através de fotos, acessórios,

utensílios e vestimentas que retratam um pouco da história local de Vacaria e região, abordam temas como a educação, a política, a cultura, a religiosidade, a arte funerária e a imigração italiana na região. Foi inaugurado em 19 de setembro de 1996 e, por volta do ano de 2015, teve que cancelar suas atividades, motivado pela falta de investimento e estrutura. Durante esse período até a reabertura do museu, em 2020, as pessoas não obtiveram acesso ao seu acervo.

No ano de 2020 ocorreu a sua reabertura⁴², no Centro Cultural Marcos Palombini - Casa do Povo, registrado no Livro Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2008⁴³. O Centro Cultural representa construção projetada por Oscar Niemeyer, realizada em 1985. O espaço recebeu reformas realizadas especialmente para receber o Museu e a Biblioteca Pública Municipal.

Na figura a seguir, é possível visualizar o planejamento do espaço feito pela prefeitura municipal para enquadrar o Museu no Centro Cultural Marcos Palombini - Casa do Povo.

Figura 15 – Planejamento para o Museu na Casa do Povo, Vacaria/RS.



Fonte: Prefeitura de Vacaria. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/noticia/casa-do-povo-com-novo-projeto>. Acesso em: 20 dez. 2020.

⁴² As filmagens foram realizadas pela prefeitura municipal, em parceria com a Maxx Produtora, e contam com a participação da mestrandia. Vídeo de reabertura disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dnGzN0rKP5c&feature=youtu.be>. Acesso em: 06 dez. 2020.

⁴³ Portaria de tombamento disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=24400>. Acesso em: 9 mar. 2021.

Após ter ficado fechado por alguns anos, o museu tornou-se uma realidade distante da população local, sendo visto pela comunidade como um local sem muita utilidade. Logo, torna-se necessário pensar em maneiras que convidem e envolvam o público a frequentar esse espaço, não somente como atrativo de turismo, mas como objeto de significado e aprendizagem para a comunidade.

3.2 MUSEU, MEMÓRIA, IDENTIDADE E CRIANÇAS

Neste capítulo será visto sobre a memória e a identidade a favor do espaço museal. Adentrando no campo de como as crianças brasileiras podem e são vistas pelos museus, que tipos de propostas há para recebê-las e quais caminhos podem ser seguidos para uma possibilidade de ação educativa com esse público mirim no museu de Vacaria-RS, pensada à luz da História Pública.

3.2.1 Museu, educação, memória e perspectivas

O primeiro pensamento que pode surgir quando se fala em museu é que esse é um local de armazenamento de memórias, sendo considerado como um guardião da História, de objetos, utensílios e pertences do tempo pretérito, ele é direcionado à preservação desse passado. Via de regra, se algo foi guardado e conservado para estar nele, é porque representou algum significado para o grupo que envolve esse local de memória. No entanto, os museus vêm deixando de serem vistos somente como espaço de recordação, especialmente quando promovem questões identitárias e utilizam seu patrimônio cultural para causar reflexões contemporâneas na sociedade. Caetano (2012) acrescenta:

O museu por muito tempo carregou a ideia de lugar de velharias, esperando por visitantes curiosos de ver ou rever objetos obsoletos e há muito sem utilidade. Hoje os museus são entendidos como um ambiente dinamizador de memórias, e se tornou um ambiente de conhecimento e de aprendizagem. (CAETANO, 2012, p. 1).

No site do IBRAM⁴⁴, encontra-se a seguinte denominação de museu, segundo a Constituição Federal, Lei nº 11.904⁴⁵, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009, s./p.).

Em texto intitulado “A (in)definição do Museu”⁴⁶, Roque (2017) problematiza, dizendo que “um hospital é um hospital, uma biblioteca é uma biblioteca, uma rosa é uma rosa, mas um museu não é ‘um’ museu: é ‘aquele’ museu e não outro”. (ROQUE, 2017, s./p.) A autora continua defendendo a ideia de que cada museu é único e particular, já que conta “com um espólio exclusivo, constituído por peças únicas, é uma realidade singular, definida através dessa mesma exclusividade.” (ROQUE, 2017, s./p.).

Entretanto, Ganzer (2012) afirma que apesar dos museus serem diferenciados entre si, existem ações que podem ser pensadas para todos, “como uma tendência para que os museus tenham desempenho participativo a partir do diálogo, e nesse sentido a educação exerce uma ação significativa nos processos museológicos” (GANZER, 2012, p. 216). Assim, começa-se a pensar nas ações educacionais.

Ainda sondando o campo de estudo, em publicações da rede social do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS⁴⁷, amparados pelos registros mais recentes do IBRAM, verificam-se dados demonstrativos, datados de 2021, a respeito das realidades dos museus gaúchos e brasileiros. A página apresenta alguns números. Hoje, o Brasil conta com, aproximadamente, 3800 instituições museais, sendo que cerca de 1600 dessas instituições classificam-se como museus de história e 500 instituições dedicadas às belas-artes (IMHC – UCS, 2022, s./p.). Sabe-se que alguns são dedicados a outras áreas, como tecnologia e ciência, e

⁴⁴ Disponível em: <https://www.museus.gov.br/o-que-e-museu/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁴⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁴⁶ Disponível em: <https://amusearte.hypotheses.org/1955>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/ucs.imhc/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

alguns são apenas virtuais. A publicação ainda demonstra que o estado do Rio Grande do Sul possui cerca de 400 museus, sendo 63 na capital Porto Alegre e o restante distribuído em 167 municípios (IMHC – UCS, 2022, s./p.).

Acerca do ensino de História, valorizando o regional e, subseqüentemente, o local, o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) determina o seguinte direcionamento: “[...] no que se refere especificamente à disciplina de História, mantém seu foco na aprendizagem dos alunos nos diferentes tempos e espaços, tendo a preocupação de integrar o currículo com a diversidade regional de nosso Estado” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 138).

O site Agência Brasil⁴⁸ aponta sobre a desigualdade no acesso aos museus, sendo 82% do público frequentador de museus no Brasil pertencente às classes A e B, isto é, classes com renda familiar acima de R\$ 9.980,00 (AGÊNCIA BRASIL, 2019, s./p.). Certamente, a educação museal é um dos caminhos para modificar esse cenário. A vigésima Semana Nacional de Museus, no ano de 2022, traz o tema: “O Poder dos Museus”. No site do IBRAM⁴⁹, é destacado o caráter emancipador que essas instituições podem ter, ainda explica a escolha temática, destacando o fato de que “o poder dos museus está presente em suas ações de pesquisa, preservação, conservação, educação, comunicação, ação cultural, gestão, inovação tecnológica, cumprimento de suas funções sociais e criação de repertórios para o futuro” (IBRAM, 2022, s./p.).

Percebe-se, assim, a preocupação da organização em propor aos museus visões e planejamentos que emancipem e contribuam para a difusão da cultura, bem como pensar em estratégias que os auxiliem a cumprir suas funções. Identifica-se, ainda, que “os museus são construtores de futuro e por isso são poderosos. O Poder dos Museus não é um dado, é uma construção. É uma potência em devir. É um devir museal” (IBRAM, 2022, s./p.).

Assim, é fundamental que o museu não somente contemple a exposição de momentos passados distantes, mas que provoque e instigue na comunidade questões atuais, denuncie os problemas sociais, “[...] a ambição do ensino de História deve ser a de desenvolver a crítica e não oferecer uma visão ‘crítica’ a priori” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 31). Para tal, é interessante que esse ambiente

⁴⁸ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/classes-e-b-reunem-82-dos-frequentadores-de-museus-diz-pesquisa>. Acesso em: 12 out. 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/eventos/20-semana-nacional-de-museus>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ofereça ao público constantes discussões acerca de suas inquietações. “Se a história é a ‘ciência do homem no tempo’, é preciso salientar que uma tarefa imprescindível ao seu ensino é fornecer subsídios para o entendimento das várias temporalidades que envolvem o conhecimento histórico” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 32). Em complemento, Machado (2019) afirma que:

É nesse sentido que a educação deve considerar a memória e o patrimônio, como herança cultural dos indivíduos em determinado tempo e espaço. Aqui está um dos papéis socioculturais dos museus, assim como os demais lugares de memória: espaço vivo e significativo. (MACHADO, 2019, p. 127).

Neste sentido, a identidade e a memória surgem como sustento aos possíveis trabalhos a se realizar em relação aos museus. Para a construção do elo de identidade, a memória se faz necessária. Na obra de Stallybrass intitulada *O casaco de Marx: roupas, memórias e dor* (2008), apenas a título de amplificação do debate, é abordada a forma como os objetos despertam a memória. Da mesma forma que as roupas, as fotografias, os cheiros, os objetos de valores pessoais, os objetos expostos em museus podem desencadear lembranças. Um relógio que lembre aquele que existia na casa da avó, uma louça, uma vestimenta e/ou um móvel são resquícios que trazem o passado à tona e resgatam memórias guardadas. “Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de ‘memória’”. (STALLYBRASS, 2008, p. 10).

A memória é responsável pela perpetuação e identificação dos grupos, dos seus costumes e tradições, assim como as alterações que eles sofrem ao passar do tempo, os esquecimentos e as novas culturas sendo criadas por novos costumes. Pode-se dizer que “[...] há memória social, porque há significado para o grupo que recorda” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p. 35 apud CESCO, 2016, p. 183).

Sobre memória e ensino de história no museu, as autoras Chicareli e Romeiro (2014) enfatizam que a visita ao espaço serve ao propósito de construção do conhecimento histórico pela problematização do que está sendo exposto. Deve-se entender esses objetos como fontes portadoras de informações e reconhecer a historicidade na exposição museal, problematizando, interpretando e comparando narrativas. Isso não desqualifica a relevância desse espaço como próprio para preservar e divulgar a memória local e coletiva, pois ele é também um espaço de conhecimento e reconhecimento (CHICARELI; ROMEIRO, 2014).

Ao perceber o museu como espaço de ensino de história e perpetuador de memórias, pensa-se em caminhos que possam fortalecer os laços entre esses conhecimentos culturais, sociais e históricos com as pessoas que visitam esses espaços. Planejar ações e instrumentos educativos a favor do ensino em museus é uma das vias existentes.

Para a utilização do museu como ambiente de ensino de história e como aprendizagem lúdica, surge a proposta de elaborar um livro educativo, um material didático, primeiramente em formato e-book, ou seja, virtual, que será apresentado como uma sugestão de ação educativa ao museu de Vacaria/RS. Delgado e Ferreira (2013) explicitam os recursos documentais produzidos, enfatizando que podem tornar o conhecimento histórico mais vivo.

O mundo no qual vivemos produz em abundância diferentes recursos documentais que enriquecem a produção do saber histórico e podem também tornar mais vivo, interessante e instigante o ensino da história. São eles, entre outros: documentos audiovisuais, fotografias, escritos literários, narrativas orais e escritas, charges, [...], filmes, documentários, [...] entre outros objetos da memória. (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 28).

As estudiosas continuam com essa reflexão, abordando a questão do acesso das pessoas, especialmente no que diz respeito à informação: “A dimensão pública da memória pode ser também entendida como direito de cidadania” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 27). Desta forma, possibilitar o acesso, de maneira democrática ao conhecimento, à cultura e à educação é preocupação que deve atingir a todas as faixas etárias e formatos de públicos.

A respeito da utilização do livro em formato online, é possível destacar novas formas de comunicações entre o público e o museu. Machado descreve (2019):

Pensar nas novas tecnologias e nas ações educativas nos espaços museais é pensar no desafio de um projeto de museologia, nas perspectivas histórica, memorial e patrimonial em face da cibercultura. Primeiramente, significa reconhecer que as tecnologias que estão no centro da dinâmica social de cada época, como produto sociocultural, transformam profundamente nossa noção de tempo e espaço, bem como a percepção e projeção de mundo; posteriormente, refletir sobre qual é seu papel em ações educativas, nos espaços museais. (MACHADO, 2019, p. 122).

Numa pesquisa feita com funcionários de museus brasileiros pelo ICOM⁵⁰, em 2020, foi pedido aos participantes que indicassem as principais tendências para os museus nos próximos meses ou anos. As respostas apontam para aproximação do museu com o público, sem deixar de levar em conta os meios digitais:

Os profissionais de museus enxergam um futuro mais digital, que fará uso de novas tecnologias e formas de interação, se comunicando mais ativamente com seus públicos, e que estabelecerá novas práticas de trabalho, com combinação de atividades presenciais e remotas nas novas rotinas. (ICOM, 2020, p. 7).

A pesquisa aponta que “A ampliação da presença digital dos museus já não era uma novidade, mas foi acelerada em decorrência da pandemia” (ICOM, 2020, p. 11). Neste mesmo relatório, o público também foi questionado. O documento mostra que as “Atividades online têm potencial de atrair novos visitantes e de fidelizar quem já conhece ou frequenta os museus [...]” (ICOM, 2020, p. 11). O texto ainda apresenta as expectativas do público para os museus pós-pandemia: “A pesquisa mostra que os públicos querem não apenas que os museus se tornem mais digitais, mas, sobretudo, que isso os torne mais acessíveis e mais próximos de suas comunidades” (ICOM, 2020, p. 12).

Sobre a educação, vista como uma das funções essenciais em todos os museus, o Ibram⁵¹ afirma “[...] Para além das atividades de preservação, conversação e comunicação de seus acervos, é por meio da ação educativa que os museus exercem seu papel na transformação e na interpretação da cultura e da memória.” (MUSEUS.GOV, s/d., s/p.).

O site ainda explana “Assim, a Educação Museal diz respeito aos diversos processos (de ordem teórica, prática e de planejamento) que contribuem para que o museu assuma plenamente sua tarefa de mediador e referencial para a sociedade.” (MUSEUS.GOV, s/d., s/p.).

A página do Ibram continua a discorrer sobre a educação museal, apontando que o seu escopo é formado pelo conjunto das abordagens, metodologias e das ferramentas próprias ao desenvolvimento das ações educativas realizadas nos

⁵⁰ Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf. Acesso em: 31 jan. 2021.

⁵¹ Disponível em: <https://sabermuseu.museus.gov.br/educacao-museal/#:~:text=Assim%2C%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Museal%20diz,e%20referencial%20para%20a%20sociedade>. Acesso em: 14 ago. 2022.

museus (MUSEUS.GOV). Para a efetivação da educação museal, o Ibram conta hoje com cursos, programas, temas e materiais de apoio às instituições que o possuem.

A Política Nacional de Educação Museal, a PNEM⁵² “é uma orientação dirigida para a realização de ações que fortaleçam o campo profissional e garantam condições mínimas para a realização das práticas educacionais nos museus e processos museais.” (PNEM.MUSEUS.GOV. s/d., s/p.).

Esta reúne princípios, diretrizes e objetivos que foram definidos de forma colaborativa, segundo a página, após processo de participação que incluiu consulta pública através da plataforma online, a realização de 23 encontros regionais e a aprovação da Carta de Petrópolis (2012) e Carta de Belém (2014) nas respectivas edições do Fórum Nacional de Museus. O documento final foi aprovado na 7º FNM, realizado em 2017, em Porto Alegre (RS). (PNEM.MUSEUS.GOV. s/d., s/p.).

O caderno da PNEM, publicado em 2018, traz breve histórico da educação museal no Brasil, afim de compreender seu papel. Relembra que:

[...] a história dos museus tem origem no hábito humano do colecionismo, que nasceu junto com a própria humanidade. Desde a Antiguidade remota, o homem, por infinitas razões, coleciona objetos e lhes atribui valor, seja afetivo, seja cultural, científico ou simplesmente material, o que justifica a necessidade de sua preservação ao longo do tempo. Milhares de anos atrás já se faziam registros sobre instituições semelhantes ao museu de hoje. Contudo, somente no século XVIII consolidou-se o museu mais ou menos como atualmente o conhecemos. Depois de outras mudanças e aperfeiçoamentos, hoje os museus abarcam um vasto espectro de campos de interesse, com diversas tipologias, e dirigem-se para uma crescente profissionalização e qualificação de suas atividades. Os museus passam a caracterizar-se pela multiplicidade de tarefas e capacidades que lhes atribuem os profissionais de museus e pensadores. Os museus deixam de ser espaços passivos de acúmulos de objetos para assumirem um papel importante na interpretação da cultura, da memória e na educação dos indivíduos, no fortalecimento da cidadania, no respeito à diversidade cultural e no incremento da qualidade de vida na contemporaneidade. (IBRAM, 2018, p. 13).

O caderno aponta que no Brasil, a educação museal começa a emergir por volta do ano de 1927, com o surgimento do então Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, criado por Roquete Pinto. O Serviço tinha como missão auxiliar o desenvolvimento de práticas educativas que colaborassem com o aprendizado e com o currículo escolar. (IBRAM, 2018).

⁵² Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

Ainda é possível compreender no material encontros considerados importantes para o estabelecimento do tema em território brasileiro. No ano de 1956, foi realizado na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o I Congresso Nacional de Museus, resultado das reuniões organizadas pelo ICOM-BR, que tinha em uma de suas pautas abarcar discussões conceituais sobre a educação em museus. (IBRAM, 2018).

Sobre a perspectiva pedagógica nos museus brasileiros, o caderno ressalta a presença e contribuição de Paulo Freire, afirmando que este desempenhou papel de destaque no movimento de renovação da Museologia. O texto ressalta que suas teorias sobre educação como prática libertadora repercutiram no campo museal, contribuindo para a visão de que o museu pode ser uma ferramenta de construção de identidade, cidadania e de transformação social. (IBRAM, 2018).

Esses dados ressaltam a necessidade de se pensar em propostas e atividades educacionais e colaborativas entre museus e público. Como o e-book é oferecido à comunidade, e mesmo com a possibilidade de impressão, ele pode ser um material de relação, ligação e comunicação entre o público infantil e o espaço museal.

3.2.2 Crianças no museu

Para entender melhor o objetivo desta dissertação, enfatiza-se o desejo de colaborar com o ensino de história no museu de Vacaria/RS, especialmente no que diz respeito às crianças da EI. Também existe o desejo de estreitar os laços de relação entre esse ambiente e a comunidade. Assim, é proposto um livro (impresso e digital) voltado para o público mirim, faixa etária de 4 a 5 anos, buscando envolver essa parcela de público desde cedo em espaços de educação não formal.

A respeito da participação das crianças nos diversos espaços públicos da sociedade, não somente como figurantes, mas como sujeitos de direitos, Oliveira (2018, p. 45) aponta que “a criança em nossa sociedade ainda participa de forma muito incipiente das tomadas de decisões, seja dentro de sua família ou na instituição escolar, pois é vista a partir de uma inferiorização das suas capacidades”. A autora reflete sobre pilares que considera essenciais para o envolvimento das crianças nos espaços sociais, a participação e o protagonismo, apontando que não possuem conceitos idênticos, mas que se relacionam (OLIVEIRA, 2018).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, descrevem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009, art. 9º apud BRASIL, 2017, p. 37).

A BNCC traz como eixos estruturantes das práticas pedagógicas da EI as “interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização”, baseado na resolução das DCNEI (Resolução CNE/CEB nº 5/2009, art. 9º apud BRASIL, 2017, p. 37).

A infância é a fase da vida de maior curiosidade pelo novo. Esse período tão singular pode ser aproveitado para estimular o gosto e o apreço por estes espaços históricos e culturais. Também deve ser utilizado para estimular a consciência sobre a educação patrimonial, desfrutando da flexibilidade que as crianças têm em descobrir e investigar novos saberes.

Desse modo, apresentar o material didático para elas é uma tentativa de experienciar um momento de manipulação do livro pela criança, sabendo que algo no qual elas possam tocar e intervir cria um significado bem mais amplo do que somente se limitar na visualização de imagens e objetos. O material pode fazer parte do roteiro de visita, como também ser acessado, na versão e-book, nas suas casas ou escolas, ganhando uma dimensão mais abrangente, estendendo o momento de interatividade ao ambiente familiar e/ou escolar, possibilitando a continuidade da experiência.

Em outros países do continente Americano, as crianças visitam esses ambientes desde muito pequenas, eles fazem parte do seu processo de construção de conhecimento e de aprendizagem. Alguns desses espaços são designados especialmente para elas, como é o caso do Brooklyn Children's Museum (conforme aponta a nota de rodapé 11). Valença (2008), pioneira nestes estudos no Brasil, explica:

Os museus das crianças são museus abertos e por isso consideram o público infantil mais importante que os objetos, o processo mais importante que o produto. Desse fato, decorrem suas ações educativas que foram influenciadas pela Pedagogia Nova. Essa nova geração de museus transmite a ideia de que aprender é divertido e que podemos fazê-lo a partir de atividades lúdicas. (VALENÇA, 2008, p. 12).

Por outra via, Leite (2005) – pesquisadora sobre a relação de crianças e museus na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), no Museu da Infância e criadora do Blog Repensando Museus – relata a experiência do V&A Museum of Childhood⁵³, em Londres. Diferentemente dos museus para crianças, esse “procura agregar crianças, jovens e adultos em uma proposta de compartilhamento de espaço” (LEITE, 2005, p. 170).

Amparada por Leite (2005), Selli (2013), pesquisadora premiada pelo ICOM ao apresentar proposta de visitação museal para bebês no Brasil, no Lasar Segall⁵⁴, defende que os museus não necessitam serem designados especificamente para as crianças bem pequenas, mas é primordial que elas possam frequentar os demais espaços públicos, com direitos a receber planejamentos diferenciados (SELLI, 2013).

Oliveira (2018) complementa o assunto da participação das crianças em ambientes públicos, pautada no relacionamento com os adultos:

[...] não supõe ausência da participação dos adultos, ao contrário, estamos discutindo a participação infantil como uma possibilidade de transformação da relação entre adultos e crianças e isso envolve revisão de uma relação assimétrica de poder e não desconsideração do papel do adulto no fomento e provisão desta participação infantil. Os adultos desempenham nesta perspectiva um papel fundamental de apoio, ensino e acompanhamento das atividades de organização das associações infantis. (OLIVEIRA, 2018, p. 45).

Selli relata em entrevista para o site Carta capital⁵⁵ (2014), que sentiu necessidade de pensar o planejamento da recepção infantil nos espaços públicos durante suas pesquisas de mestrado e no instante em que ingressou no universo da maternidade, percebendo como essa parcela de público, era, praticamente, invisível nos locais públicos. Ela também sinaliza a falta de sensibilidade e de planejamento para receber esses indivíduos.

⁵³ Mais informações: <https://www.vam.ac.uk/info/young>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.mls.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/bebes-no-museu/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

Em 2013, a autora fez uma pesquisa, utilizando coleta de dados com crianças de 4 escolas de São Paulo: duas públicas e duas privadas. A pesquisadora selecionou perguntas a serem respondidas em forma de entrevista, conversou com os pequenos e pediu a eles um desenho. O público escolhido nessa pesquisa foram crianças do Ensino Fundamental 1, Séries Iniciais, por volta de 9 anos de idade. Sabe-se que a linguagem utilizada para esse público é diferente da utilizada com crianças de 4 e 5 anos. A estudiosa questiona: “será que a criança, por volta dos 9 anos de idade, já foi ao museu? Em caso positivo, será esta uma prática recorrente ou isolada? Afinal, a criança gosta de ir ao museu? Por quê?” (SELLI, 2013, p. 52).

Entre muitas respostas interessantes que as crianças lhe forneceram, destaca-se uma, onde se percebe uma criança falando das outras crianças, e já é possível perceber as projeções adultas em sua forma de ver o mundo. Quando questionada a respeito da presença de crianças menores que ela nos museus, uma das entrevistadas respondeu a autora:

Eu acho que as crianças pequenas não podem ir ao museu porque elas não vão se divertir muito porque não tem coisas que são para a idade delas e não podem fazer barulho que atrapalha as pessoas para ver as coisas e elas podem quebrar as coisas. (SELLI, 2013, p. 145).

Nessa percepção infantil, evidencia-se uma dificuldade, que muitos espaços possuem, de planejar e acolher pessoas de diferentes idades e diferentes tipos de públicos. A autora segue apontando a necessidade dos museus se abastecerem de ações mais proativas em relação ao público e de não transformar em espetáculo superficial o que tem potencial de ser uma relação de identidade e pertencimentos entre população e museus (SELLI, 2013).

Algumas questões a respeito desse assunto são essenciais: O que o museu representa para as crianças? Como as recebe? Quem faz a intermediação? A estudiosa explica que é preciso preparar os pequenos desde a visualização do prédio onde irão realizar a visita: “Preparar o encantamento, maravilhar, aura de conto de fadas, universo mágico, o encantamento provocado pelos edifícios pode ser usado a favor de uma relação inicial entre criança e museu mais prazerosa” (SELLI, 2013, p. 170).

Assim, é evidenciado que não somente o material instrucional pode potencializar a relação entre criança e museu, mas as formas de utilizá-lo com o

público. A ludicidade na aplicabilidade. Selli (2013) reflete sobre o assunto, a partir dos estudos de Leite (2005):

Será que é tão difícil assim pensar num museu que interesse e acolha todas as faixas etárias? Ou será que por trás da opção de não acolher as crianças, por exemplo, está uma ideia de criança como sujeito incompleto, em falta... Como sujeito à margem? Penso que essa reflexão se faz importante na medida em que estamos inseridos num processo de inclusão social, de cultural, de respeito à diversidade, de pluralidade de olhares – e já está na hora de colocarmos em prática ações nessa direção. (LEITE, 2005, p. 30 apud SELLI, 2013, p. 170 - 171).

As pesquisadoras defendem um museu com conceito amplo de acesso ao público, que receba profissionalmente todas as idades. As duas enfatizam que a criança não é um ser incompleto, ela não irá se tornar um cidadão, ela já é um sujeito com capacidades próprias de se articular na sociedade. Selli continua acrescentando que

As crianças devem ser recebidas com qualidade e liberdade em todas essas tipologias de museus. Cada um deles, independentemente de sua vocação e acervo, deve pensar em como recebê-las. Se restringirmos as crianças a possibilidade de visitar esses museus, não as estamos respeitando como cidadãos. Se museus não são vistos como apropriados para crianças pequenas (pelos pais, pelos museus ou pelas próprias crianças), que relação é essa que se dá entre criança e museu? (SELLI, 2013, p. 171).

Assim, pensar em novas propostas para os museus, como o de Vacaria/RS, é fundamental neste tempo, que torna cada vez mais necessário e urgente a formação de cidadãos conscientes da sua história e da sua localidade, com entendimento dos processos históricos e que se percebam como sujeitos sociais ativos. A sociedade brasileira, como um todo, necessita de amparo e orientação histórica, então é bastante sugestivo começar pela infância.

Sobre o ensino de História no espaço museal, Lopes Ramos (2004) aponta que o museu é um espaço para criar, produzir, transformar. Não se trata de promover ou reafirmar uma “escolarização” do museu e sim de estudar a multiplicidade de papéis educativos que podem ser assumidos pelo espaço museológico (LOPES, 2004 apud LEITE, 2017).

Carvalho e Lopes (2016) contribuem falando a respeito dos encontros de crianças com museus e explicam que os museus podem proporcionar esse processo criativo por meio do contato com objetos e imagens que também fizeram parte de

outras infâncias. Para Oliveira (2013), o maior valor que os museus podem ter para o público infantil, independentemente de sua tipologia, é a possibilidade de as crianças expandirem sua imaginação e, assim, investigar cada vez mais os sentidos dos objetos expostos. Nessa perspectiva, o museu estimula o sentimento de admiração pelas coisas do mundo (OLIVEIRA, 2013 apud CARVALHO; LOPES, 2016).

As autoras ainda ressaltam que é preciso manter a segurança dos acervos, ação inquestionável, mas, ao contrário de valorizar a negação, pode-se buscar soluções como a existência de áreas de interpretação e de recursos comunicativos que permitam maior interação nas exposições, provocando uma recepção mais prazerosa (CARVALHO; LOPES, 2016).

Para experimentar novas abordagens, Selli (2014) reflete a respeito da promoção de uma visita educativa criativa, que ouse desafiar a fila e o silêncio. E, ainda, explana a sua percepção, mostrando que, ao trazer a criança para o museu, ao estreitar sua relação com esse espaço, é preciso refletir sobre o acesso e a formação de públicos nos museus, enfatizando o público infantil como uma possibilidade de ver o museu com outros olhos (SELLI, 2014).

Desta forma, a pesquisa desenvolvida nesta dissertação aposta nessa relação entre o público infantil e estes espaços e apresenta um material didático com objetivo de auxiliar no processo de identificação e de apreciação das crianças pelos museus e dos museus pelas crianças.

3.2.3 História pública e o fazer para o público infantil

Ao pesquisar sobre história pública, descobre-se que muitas são suas vertentes. Esse diálogo é recente no Brasil, mas já instiga sobre as práticas de ensino no campo historiográfico, o espaço de atuação dos historiadores e professores de História, os usos e as apropriações do passado, a disputa de narrativas, a produção, a difusão e a circulação de conhecimento histórico. Propõe uma História feita para e com o público, que pretende ultrapassar os muros da academia.

A história pública pode abrir caminhos para relações e parcerias com outras áreas do conhecimento, sugerindo diálogos e projetos acessíveis ou construídos de maneiras mais democráticas, com públicos diversos. Isso não significa que o

conhecimento acadêmico perde seu valor, mas provoca historiadores e professores da área a revisarem constantemente seus conceitos e práticas historiográficas.

Rovai (2020), historiadora que pesquisa e escreve à luz da História Pública, aponta:

Não pretendo sugerir que a história pública seja solução ou salvação para nenhuma prática como pesquisadores ou educadores, nem para qualquer reivindicação ou problema social, mas apenas fazer uma introdução e chamar à reflexão todos aqueles e aquelas que pretendam desencastelar-se de seu espaço de produção de conhecimento e ensino e que se abram ao diálogo com o público, além de arriscar-se ao uso mais persistente das novas tecnologias de comunicação. (ROVAI, 2020, p. 1).

Na faceta da educação, as discussões permeiam por reflexões e práticas, associando conceitos e metodologias, para ações dentro e fora dos muros escolares. Ferreira (2018, p. 34) sinaliza para os docentes que dialogam com esse conceito: “são múltiplas as práticas didáticas para estimular os alunos e formular o conhecimento histórico escolar”. O estudioso complementa:

Livros didáticos, textos complementares, cinema, música, literatura, teatro, canais da Internet, *memes*, charges, revistas em quadrinhos, pinturas, iconografia, jogos, *games*, fotografias, patrimônio, museus e etc. são alguns exemplos de fontes, linguagens, suportes, mobilizados em diversas situações da aula de História, inclusive fora do espaço escolar, como as visitas aos museus e às cidades. (FERREIRA, 2018, p. 34).

Ferreira (2018) apresenta a diversidade de materiais que podem servir à história pública e ao ensino de história, auxiliando e contribuindo nas aulas e na construção do conhecimento e do pensamento histórico. Contudo, ele também alerta que somente o uso dessas fontes e dessas linguagens não é, necessariamente, fazer história pública.

[...] usar fontes ou suportes narrativos como cinema ou teatro – portanto, diferentes dos recursos recorrentes na sala de aula (como manuais didáticos ou o quadro) - não implica, necessariamente, em história pública. O processo de elaboração e significação histórica, que considere os modos de divulgação, é a essência dessa prática. (FERREIRA, 2018, p. 37).

Com isso, entende-se que o *pensar e fazer* história pública requer mais que se aventurar na utilização de diferentes tipos de canais e suportes, para atingir o público pretendido, mas consiste na maneira que é constituída e significada para ou com esse público.

Durante o curso de Mestrado Profissional em História da UCS, o interesse de pesquisa se deu pelo desejo de aproximação do conhecimento histórico com o público infantil. No percurso, observou-se o desejo de oferecer a comunidade de Vacaria/RS uma proposta de didatização do ensino de história, para ser utilizado com crianças. Isso foi feito com a expectativa de que, através desse material instrucional, elas possam investigar e conhecer ainda mais sobre seu município e seus patrimônios, estabelecendo relações com esses locais e suas histórias.

No que tange à produção de material didático utilizado a serviço do ensino de História, Rovai (2020) relembra os desafios de produção historiográfica atuais, sobre a divulgação e circulação, alertando sobre confusões entre produzir e dar acesso ao conhecimento histórico. Ela também fala a respeito dos consumidores, esclarecendo que a elaboração de “produtos históricos” já não é exclusividade dos historiadores.

Fronteiras narrativas foram rompidas há tempos, assim como a circulação mais veloz de informações tem facilitado e também confundido a produção e o acesso ao conhecimento histórico, transformando os sujeitos em espectadores, clientes, produtores e consumidores de “produtos históricos”. As ondas e as redes de comunicação que promovem os usos do passado nunca foram tão dinâmicas e passam a concorrer com o tempo mais lento e necessário do historiador, tirando dele certa exclusividade sobre o fazer historiográfico. (ROVAI, 2020, p. 1).

Acredita-se que a produção pode ser considerada uma proposta de História Pública (HP), o trabalho se utiliza dela para pensar na atividade educativa materializada, em prol do ensino de história para o público mirim, entre faixa etária de 4 e 5 anos, especificamente.

Sabe-se dos desafios do campo historiográfico da HP, onde o conhecimento não é simplificado, mas se constrói na busca de adaptações de linguagem, comunicação e aprendizagem para atingir seus públicos. Logo, busca-se propor uma forma de educação histórica, relacionando-a com o tempo presente. A respeito disso, Rovai (2020) complementa:

O desafio que se coloca é o de nos propormos não mais a “traduzir” a história a um público passivo, tratado apenas como audiência, mas nos relacionarmos com o mundo de forma humilde e politizada, levando em conta a necessidade de escuta e interação com outras narrativas e saberes. (ROVAI, 2020, p. 3 - 4).

O público infantil possui suas formas de conhecer o mundo, de observá-lo e de explorá-lo. As narrativas históricas também atingem as crianças e moldam seus padrões de cultura e sociedade, já que esses padrões ainda estão em processo de entendimento e percepção. Assim, procurar formas para que compreendam mais significativamente a cultura que os cerca é uma missão historiográfica também.

3.3 ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

É preciso pensar em como será utilizado o material lúdico, dedicado ao museu de Vacaria/RS, a favor do ensino de História, em forma de condução e exploração do livro/e-book e as atividades nele propostas.

Na utilização de materiais instrucionais em museus ou em sala de aula, os profissionais que os propõem estimam auxiliarem os alunos a construir significado, facilitando sua compreensão e apropriação do assunto em questão. No ensino de História, esses instrumentos têm a mesma função de potencializar o aprendizado, contribuindo para a ampliação do tema e propondo um momento de lazer enquanto se descobre, de maneira interativa, novos saberes.

Em conjunto com seu conteúdo, o recurso propõe momentos de brincadeira e imaginação, descontração e expressão. Para seu uso, é necessário o entendimento de que o ensino de História não perde sua credibilidade e seriedade por propor momentos lúdicos aos alunos/visitantes, principalmente ao falar de ensino de História com e para crianças.

Ao perceber o livro como um produto que traz conhecimentos e ludicidade, Fortuna (2013) acrescenta a discussão sobre a relação entre brincar e aprender e aponta que “tanto o jogo quanto a brincadeira contêm a ideia de laço, relação, vínculo: algo que põe o indivíduo em relação ele mesmo, com os outros, com o mundo, enfim” (FORTUNA, 2013, p. 72). A intencionalidade da produção do recurso lúdico é de auxiliar e de contribuir para o ensino aprendizagem em História para crianças da EI, não só nas aulas dentro da escola, mas também nos espaços públicos como o museu. Em relação a isso, Pereira e Giacomoni (2013) refletem sobre a aprendizagem em História:

Quando se aprende em História, afinal? Não se trata simplesmente de definir conceitos, mas de estar inserido num tempo no qual o conceito pode ser criado. Logo, não se trata de o professor preocupar-se em apresentar

definições ou interpretações de conceitos ou acontecimentos históricos, mas o de ensinar um lugar onde os conceitos podem aparecer como criação. (PEREIRA; GIACOMONI, 2013, p. 15 - 16).

Enfatiza-se a contribuição dos autores: “quando se aprende em História, afinal?”. Ao responder a pergunta, eles defendem que “o estudo da História, como um modo de propiciar aprendizagens e de provocar acontecimentos, é o que pode permitir, como resultado, o pensar historicamente” (PEREIRA; GIACOMONI, 2013, p. 17). Despertar o pensamento histórico nas crianças, propondo o ensino aprendizagem em História, como pensar historicamente, é uma ação desafiante e entusiasta, traz esperança quanto aos pequenos cidadãos refletirem sobre seu tempo, seu lugar de vivência, sobre si mesmos, relacionando e comparando com outras localidades e temporalidades. Os autores contribuem ainda:

Pensar historicamente é dispor-se em abertura, é constituir uma subjetividade como abertura, o que se realiza com um exercício de padecimento e amor diante de um passado sempre reconstruído; é se desprender das determinações do presente, num deslocamento que toma o passado como a absoluta abertura, uma contínua fenda que se deixa interpretar na direção de constituição de futuros, no lugar incerto do “eu outro”, na esteira imprevisível de criação de novos modos de vida. Pensar historicamente, então, é colocar-se no lado do aberto, quando um contato com a história é, ao mesmo tempo, em favor de um futuro, um exercício de esquecimento. (PEREIRA; GIACOMONI, 2013, p. 17 - 18).

Esta abertura trazida pelos estudiosos deve ser entendida como o ato de abrir espaço para a reflexão acerca de possibilidades, escolhas e provocações sobre um determinado tempo, onde é possível extrair diferentes percepções, de acordo com o olhar dado ao objeto de curiosidade. “Um espaço para o imprevisível. Mas um imprevisível que forma conceitos [...]” (PEREIRA; GIACOMONI, 2013, p. 19 - 20). Seffner (2013a) acrescenta:

O que seria uma boa definição de ensinar e aprender em história? A palavra “história” vem do grego e, originalmente, significa “conhecimento narrado” ou aprendizado pela narrativa. Heródoto, o “pai da História”, afirmava que aquilo que os homens podem conhecer sobre si mesmos ou sobre a humanidade passa necessariamente pelo aprendizado do já acontecido. É mergulhando nas narrativas da história da humanidade que pode o homem conhecer-se a si mesmo e aos outros, entendendo melhor a sociedade em que vive. Na estruturação e materialidade do mundo de hoje, de forma sutil, estão presentes todos os acontecimentos da história humana passada. O momento presente é sempre tecido com fios de acontecimentos do passado e fios de projetos para o futuro. É desta combinação entre elementos do passado e desejos de futuro que cada um de nós costura o seu presente. Entretanto, oscilamos entre a necessidade de lembrar e a vontade de esquecer as histórias passadas. Lembrar nem sempre é tarefa

agradável. Pode ser experiência dolorosa, constrangedora ou indagadora. De toda forma, a memória é a matéria da aula de História. (SEFFNER, 2013a, p. 31).

Seffner (2013a) introduz a palavra memória como alicerce do ensino de História, em um mundo tecnológico, com muita informação e com conteúdos produzidos e compartilhados diariamente. Portanto, torna-se necessário refletir sobre a produção e a conservação de memória hoje. Que memórias familiares, particulares, públicas e coletivas as crianças têm acesso? Que passados são compartilhados com elas? O que elas gostam de aprender nas histórias contadas a elas? Como se identificam e imaginam essas narrativas? São questões que podem nortear o ensino para o público infantil. O professor e os demais interessados no assunto também devem se permitir questionar: como são feitas as escolhas que compõem o currículo na educação infantil? E com quais objetivos essas escolhas são realizadas?

Sem respostas conclusivas para as indagações, Seffner (2013a) volta a compartilhar sobre aprendizagem significativa em História e aponta que:

Uma aprendizagem significativa, em história, começa com boas indagações sobre o tempo presente; logo, uma proposta pedagógica, que busque a construção de atividades de aprendizagem significativa em História, deve efetuar dois movimentos básicos: selecionar da realidade atual temas e questões relevantes e buscar na história elementos para melhor compreendê-los no acervo de experiências da história da humanidade. Isto já nos fala de um professor de história que não pode andar apenas mergulhado no passado, mas tem que estar sintonizado com o tempo presente, com as culturas juvenis que marcam seus alunos e com as especulações feitas acerca do futuro, mundo onde seus alunos irão viver [...]. (SEFFNER, 2013a, p. 31).

Mais adiante, permanecendo no autor, verifica-se sobre a aprendizagem significativa em História: “ela serve para modificar, de alguma forma, impressões e opiniões que o indivíduo tem a respeito da situação presente” (SEFFNER, 2013b, p. 53).

Uma das tarefas da aula de História é a de possibilitar que o aluno se interrogue sobre sua própria historicidade, inserida aí sua estrutura familiar, a sociedade ao qual pertence, o país, o estado, etc. Podemos afirmar que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História, na escola fundamental, é fazer com que o aluno se capacite a realizar uma reflexão de natureza histórica acerca de si e do mundo que o rodeia. Este conhecimento acerca do mundo, que a reflexão histórica produz, é fundamental para a vida do homem em sociedade e, também, pressuposto

para qualquer outro raciocínio de natureza crítica e emancipatória. (SEFFNER, 2013a, p. 33).

Seffner (2013a) desenvolve, no decorrer de suas ideias, critérios para o ensino de história, enfatizando que não há receita pronta para o sucesso do ensino, mas que algumas estratégias podem apontar possibilidades para o bom desempenho do ensino de História. Desta forma, o pesquisador apresenta que precisam estar desenvolvidos e nítidos os conceitos e as nomeações, o vocabulário, a análise de problemas históricos, a interdisciplinaridade e a articulação com o presente. Além da sensibilidade do professor em perceber a boa aceitação pelos alunos. Visitas a instituições, reconhecer e valorizar o conhecimento prévio dos alunos e produção autoral pessoal são elementos que o autor traz como primordiais. Abordando a diversidade das fontes, diálogo e debate, critérios claros aos alunos, dosagem da complexidade, ouvi-los, e não esquecer do uso das tecnologias em sala de aula, recordando que um jogo de tabuleiro também é uma tecnologia utilizada. (SEFFNER, 2013a).

Ao se falar na EI, discussões contemporâneas enfatizam sobre a importância de ver os indivíduos desse público e mencioná-lo primeiramente como crianças, e não como alunos, mas isso não anula as percepções do estudioso sobre a aprendizagem significativa em história.

Com o material didático para o museu de Vacaria, se pretende desafiar as crianças para pensarem historicamente, a fim de uma conscientização da história local, provocando-as sobre a cidade e o museu, convidando-as a conhecerem esses locais, na intenção de que frequentem espaços de memória e de cultura de sua cidade, primeiramente.

Não se espera que as crianças percebam com profundidade as relações de tempo e espaço, tampouco que decorem datas e nomes. Pensa-se, apenas, em oferecer a elas um pensar historicamente, um olhar crítico para seu local de vivência, propor reflexões aonde, cada uma, à sua maneira, irá aos poucos construindo sua percepção de mundo e se identificando como sujeito nesse processo, sem oprimir as características próprias da infância e da ludicidade.

Seffner (1998), novamente, traz reflexão sobre o sentido do ensino da história e o apresenta de maneira instigante, a ser desenvolvida com as crianças, num processo de reconhecer-se como sujeito histórico, desde sempre.

O mundo em que cada um nasce está dado historicamente, mas pode ser modificado pela ação humana. Afinal de contas, se foi a ação dos homens que construiu tudo o que está feito, o aluno deve compreender que é também a ação humana, a sua incluída, que pode modificar determinadas coisas ou fazer com que outras permaneçam como estão. [...] A percepção de que cada um pode se transformar num sujeito histórico é com certeza um aprendizado significativo da aula de História. (SEFFNER, 1998, p. 35 - 55).

Nessa perspectiva, o material didático ofertado ao museu de Vacaria buscará propor uma aprendizagem próxima das crianças e que seja significativa em História, abordando a ludicidade e os critérios vistos sobre o ensino de História que são necessários para as crianças compreenderem e se interessarem por esse ensino, podendo ser um dos projetos a envolver as instituições de educação e a comunidade com propostas de ensino de história.

Visar uma educação além dos muros de instituições escolares, conscientizar a comunidade de que os lugares das crianças não são somente dentro da escola, mas sim na cidade, nos espaços públicos, ainda são desafios a percorrer. Os ambientes, por sua vez, também enfrentam momentos de ressignificação, pensando em propostas destinadas às crianças que, com sua leveza, imaginação e diversão, podem contribuir com novas possibilidades a esses locais.

4 MATERIAIS DIDÁTICOS NOS MUSEUS A FAVOR DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

O texto apresenta recursos pedagógicos utilizados em outros museus brasileiros que inspiraram a construção do produto final desta dissertação, mostrando os caminhos que foram trilhados para tal. Para isso, segue a ideia de didatização do ensino de História para crianças da Educação Infantil, utilizando-se da história local do município de Vacaria/RS, através do museu. Também discorre sobre a utilização desses materiais lúdicos nos museus.

4.1 A LUDICIDADE PARA O MATERIAL DIDÁTICO

O material instrucional a ser apresentado carrega consigo a proposta de ser um recurso de aprendizado e de brincadeira, estimulando momentos de descoberta e imaginação. Enquanto conversa com as crianças sobre a história local de Vacaria/RS e sobre o acervo do museu municipal, convida a desenhar, colorir ilustrações de patrimônios, jogar, pensar sobre sua cidade e realizar a atividade de construir um novo objeto de brincadeira e investigação. Desta forma, o material percebe o brincar como instrumento de aprendizagem e recorda a efetividade que ele possui para o aprender na EI, revelando a importância do jogo concreto e da curiosidade da criança como ponto de partida.

Nesse sentido, Piaget construiu uma visão da educação que rompe com o tradicionalismo da sala de aula, composta por crianças inertes, passando a investir em propostas educacionais construtivistas, onde as crianças pudessem, por si mesmas, descobrir e formatar os conceitos a respeito de si e do mundo. Piaget defende que o jogo é essencial na vida da criança, pois prevalece a assimilação. No jogo, a criança se apropria daquilo que percebe da realidade, podendo transformá-la. Entende o mundo exterior e incorpora os objetos que a cercam ao seu eu e, assim, constrói o conhecimento (PELLEGRINE, 2007, p. 13).

A partir destas perspectivas, a ludicidade ganha seu espaço. A própria semântica da palavra *ludus* - “jogo ou brincadeira”, explícita seu objetivo, de proporcionar ao aluno um aprendizado pautado na experiência e na diversão. Datner (2006) aponta:

A palavra *ludus*, em latim e em outros idiomas, acumula dois significados: jogar e brincar. Podemos, assim, atribuir serenidade ao jogar somada a leveza do brincar sem infantilizar as atividades, nem exigindo dos participantes adultos que se tornem crianças por algumas horas. Os adultos, como as crianças, prestam-se ao jogo por prazer (DATNER, 2006, p. 25).

Este fato ressalta que a presença da ludicidade não significa um ensino inválido ou menos efetivo. O site Brasil Escola destaca que “Já na Grécia antiga, tanto Aristóteles (385-322 a. C.) quanto Platão (427-347 a. C.) evidenciavam a atividade lúdica no processo de formação da criança” (BRASIL ESCOLA, s./d., s./p.)⁵⁶. Fortuna (2013) expressa o brincar e o jogar em:

Brincar (no mesmo sentido de jogar), [...] é uma atividade fundamental ao ser humano, a começar porque funda o humano em nós: aquilo que o define – inteligência, criatividade, simbolismo, emoção e imaginação, para listar apenas alguns de seus atributos – constitui-se pelo jogo e pelo jogo se expressa. [...] nele adquire especial sentido por ser uma forma de comunicação. (FORTUNA, 2013, p. 75).

Assim, em *Jogos e Ensino de História*, Pereira e Giacomoni (2013, p. 19) indicam que “jogar consiste mesmo, então, em brincar. Uma brincadeira com o tempo, numa instalação mesma no que divide passado e futuro”. Desta forma, verifica-se o potencial que os jogos têm para o ensino, encarecidamente o infantil, e como eles podem agregar no ensino de História para crianças da EI.

Desse modo, como constituintes do material didático planejado, propostas lúdicas procuram envolver as crianças na história local do município, através do acervo do museu municipal, com a utilização de brincadeiras, jogos, uso do faz de conta e das cores.

A proposta visual mais importante que compõe o livro resultado desta dissertação é a presença de desenhos que servem para colorir e para convidar as crianças a criar outros desenhos, além de ilustrações já coloridas, como a figura do mascote indígena, Teçá, presente logo na capa. Por isso, é fundamental compreender a influência dos desenhos para a EI.

Vale recordar que o material produzido é direcionado às crianças da EI, faixa etária de 4 e 5 anos, especificamente. Nesse período, a alfabetização ainda não está consolidada, muitas vezes nem iniciada. Desse modo, os desenhos ainda são sua principal forma de registro e expressão gráfica. No desenvolvimento infantil, os

⁵⁶ Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/consideracoes-historicas-dos-jogos-no-ambito-educacional.htm>. Acesso

desenhos são atividades que perpassam pelas fases da infância, sendo registros pelos quais as crianças começam a perceber a possibilidade de expressão gráfica, que representam comunicação, isto é, ferramenta através da qual se fazem entender ao mundo.

O blog Museu da Imaginação⁵⁷ dispõe de publicação relacionada à relevância do ato de desenhar para o desenvolvimento infantil. Verifica-se que “além de ser uma atividade super divertida, desenhar é uma forma de se comunicar, sendo muito importante para o desenvolvimento das crianças, já que quando desenha ela cria pontes entre o mundo imaginário e o real” (MUSEU DA IMAGINAÇÃO, s./d., s./p.)⁵⁸.

O site continua enfatizando que, através dos desenhos, as crianças expressam seus sentimentos, vontades e ideias, sendo que, muitas vezes, elas podem não conseguir demonstrar isso na linguagem oral ou escrita, excepcionalmente pela idade. O site destaca que “o desenho infantil revela as diferentes sensações e sentimentos que a criança está vivenciando e ele pode ser utilizado para entendermos melhor o que a criança quer expressar” (MUSEU DA IMAGINAÇÃO, s./d., s./p.).

Almeida (2003, p. 27) complementa a ideia, afirmando que “[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem ‘dizer’ algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente”.

Enquanto a criança desenha e enquanto ela pinta - ação que pode fazer espontaneamente, no mesmo instante do ato de desenhar ou após encerrar o desenho -, ela intervém no material, ela o customiza com suas ideias, marcas e preferências. Também existem as crianças que gostam de modificar e complementar os desenhos “prontos” com seus traços, alterando e personalizando à sua maneira.

Para refletir sobre essa livre-expressão, Ribeiro, Oliveira e Rabelo Júnior (2016, p. 3) contribuem, dizendo que “[...] as ideias individuais que fluirão durante o desenho vão depender muito da cultura, dos hábitos, dos desejos, das oportunidades, do modo de vida e do meio em que o indivíduo está inserido”. A ação de desenhar e de colorir, não somente no uso do material didático, mas expressivamente agora, em relação a ele, deve ser um momento de representação,

⁵⁷ Disponível em: <https://www.museudaimaginacao.com.br/blog>. Acesso em: 06 abr. 2022.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.museudaimaginacao.com.br/blog/a-importancia-de-desenhar-para-o-desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 06 abr. 2022.

de demonstrar suas percepções, sentimentos e significados, em relação ao acervo, ao museu, ao livro. O que esse local vai provocar nas crianças?

Leite (1998) colabora com a discussão:

Trabalhar o olhar sensível, aguçar a escuta, saber admirar-se e estranhar o familiar, procurar entender o mundo no qual estamos inseridos e nele deixar nossas marcas; criar. É a partir dessa inesgotável transformação e reapropriação da realidade que entendo o desenho infantil. (LEITE, 1998, p. 135).

Com uma visão quase poética, a autora apresenta a possibilidade de criar e recriar que os desenhos têm, de tornar visível o que estava na imaginação do artista, ou arteiro. Num processo de estranhamento, reconhecimento, criação de novos conceitos que podem se tornar eternos.

Após os desenhos, alguns jogos surgem como uma alternativa do público infantil continuar a explorar as histórias que o museu de Vacaria conta. Atualmente, no livro, é possível encontrar as opções de jogo de trilha e de relação de imagem. Essas sugestões pretendem ser um momento de diversão sobre o conteúdo exposto nas páginas anteriores.

Sobre jogos, uma das nomenclaturas que mais se utiliza para fins pedagógicos é “jogo educativo”. Pode-se dizer que todo jogo é educativo, pois necessita de conhecimento prévio e constrói conhecimento sobre sua mecânica, instiga habilidades que precisam ser desenvolvidas para serem realizados. Ressalta-se que os jogos propostos no produto, nesse instante, não possuem caráter esportivo, competitivo ou colaborativo, por exemplo, por isso estão enquadrados como educativos.

Porém, alguns cuidados buscam ser tomados no que diz respeito à diversão e ao grau de dificuldade dos jogos, pois eles são, na sua originalidade, uma forma de entretenimento e devem ser interessantes no percurso do jogar, além do resultado de sua finalização. O site Fábrica de Jogos⁵⁹ ressalta que de nada adianta um material interessante sem uma adequada relação com o tema.

Costa (2009) reflete que os jogos educacionais muitas vezes são pensados com o enfoque muito centrado no tema e acabam se esquecendo de abordar a

⁵⁹ Disponível em: <https://www.fabricadejogos.net/posts/artigo-por-que-jogos-educativos-sao-chatos/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

diversão. Nesses casos, um jogo que não é atrativo não é jogado e, assim, perde sua função, seja ela de lazer ou de ensino.

Assim, o site alerta sobre alguns cuidados necessários no instante de pensar e planejar o jogo educativo, sendo que isso pode ser utilizado para o material lúdico por completo. Dentre algumas estratégias, é pertinente ressaltar a questão do designer do jogo, que deve utilizar cores e formas que atraiam o olhar e despertem a curiosidade. Além disso, o jogo deve ser de fácil manipulação, com operações nítidas e claras, estabelecer um equilíbrio e relação entre a aprendizagem e a brincadeira, preparar os materiais que vão compor esse jogo, determinar o nicho que segue, os objetivos que pretende alcançar, a funcionalidade, etc.

Sobre essas relações, novamente, o Blog do Museu da Imaginação⁶⁰ contribui quando aponta que “o brincar facilita os processos de desenvolvimento [...] onde a criança recebe seus primeiros padrões culturais. Nas brincadeiras, ela expressa os seus sentimentos [...]”. (MUSEU DA IMAGINAÇÃO, s./d., s./p.). O site continua, apresentando que a ludicidade é importante para o desenvolvimento infantil, seja ele cognitivo ou emocional. As brincadeiras e os brinquedos são aliados na aprendizagem e, através deles, as crianças desenvolvem aspectos essenciais para a sua formação, aguçam as habilidades motoras, experimentam situações, resolvem desafios, processam as informações, organizam as emoções e constroem autonomia (MUSEU DA IMAGINAÇÃO, s./d.).

Seffner (2013a, p. 32) relembra a flexibilidade necessária na hora de planejar a aula de História: “o ensino de história não pode estar preso a um livro didático, e funciona em forte articulação com as demandas do tempo presente”. Ao redigir essa frase, o estudioso não se referia, necessariamente, a crianças pequenas, mas a qualquer faixa etária de aprendizes, ou seja, as propostas diferenciadas que convidem os alunos a pensarem fora da caixa, ou fora do livro, são necessárias em todas as etapas do ensino.

Assim, se espera que o material didático pensado, planejado e elaborado possa vir a ser um instrumento de auxílio para o ensino de história ao público mirim dentro e fora do museu de Vacaria/RS.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.museudaimaginacao.com.br/blog/o-ludico-no-auxilio-a-saude-mental-das-criancas-em-tempos-de-confinamento>. Acesso em: 06 abr. 2022.

4.2 O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NOS MUSEUS

Os museus são espaços de educação não formal, que preservam o conhecimento, a memória e a cultura de um determinado tipo de acervo e buscam provocar os visitantes através das exposições, levando-os a refletir sobre questões de vivências e situações atuais.

O Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação Científica (GEENF) reuniu uma quantidade significativa de exemplares de materiais educativos produzidos e utilizados em museus. A reunião desses produtos levou à criação de um banco de dados, com a finalidade de torná-lo disponível e divulgado a educadores interessados no assunto. O banco de dados foi criado através de coletas feitas pelos integrantes, desde o ano de 2002⁶¹.

Martha Marandino é uma das pesquisadoras que compõem esse grupo de estudo. No livro “A Educação em Museus e os Materiais Educativos” (2016), escrito por ela, em parceria com outros autores, é possível ler que os museus “[...] são espaços sociais onde processos de coleta, salvaguarda, investigação e extroversão se dão em torno de seus objetos e coleções”. O texto complementa, dizendo que esses processos se dão, ainda, “[...] a partir de conhecimentos materiais e imateriais, ideias e conceitos produzidos pelo e sobre o mundo natural, social e cultural” (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 5).

Marandino *et al.* (2016) explicam que não foi a todo momento que os museus foram considerados espaços promotores de educação, de modo que, ainda hoje, é um desafio pensar em ações educativas para os públicos visitantes. Na maior parte das vezes isso se dá através de propostas de intervenções que proporcionem comunicação, espaço de interação e curiosidade (MARANDINO *et al.*, 2016). Em publicação do IMHC - UCS, encontra-se o seguinte trecho de Jacques Hainard, museólogo suíço: “Museus servem para levantar questões. As pessoas devem sair das exposições com mais perguntas do que respostas” (IMHC - UCS, 2022)⁶².

Marandino *et al.* (2016) falam sobre o processo organizacional da educação nos museus: “Se, por um lado, o papel educacional dessas instituições sempre esteve presente desde sua criação, é especialmente entre os séculos XIX e XX que

⁶¹ Disponível em: <http://www.materiaiseducativos.geenf.fe.usp.br/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁶² Disponível em: <https://www.ucs.br/museologia/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

esta função se acentua, se impõe e se organiza dentro dos museus” (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 5).

Os autores descrevem que o crescimento e a consolidação da educação dentro dos museus se deram no decorrer de um vasto tempo, com forte influência da escola e suas visitas. Na Inglaterra, ocorreu um amplo incentivo à adoção de programas sistemáticos para que os museus recebessem as visitas escolares, com reflexos das pedagogias novas. Essas visitas passaram a ser consideradas atividades educacionais, de modo que os museus começaram a se organizar para a recepção das escolas. Os pesquisadores enfatizam que as visitas já existiam, mas ganham novo caráter nesse período (MARANDINO *et al.*, 2016).

Ao falar sobre este processo no Brasil, Selli (2013, p. 41 - 42) relata que “a cada ano, os museus brasileiros vêm se aperfeiçoando no que diz respeito a receber o público, oferecer serviço de mediação, promover oficinas, cursos, atualização de professores e tantas outras coisas”. Desta forma, ela demonstra um percurso legislativo que as instituições museais e culturais passaram no país ao longo de alguns anos, na busca de se consolidarem como espaços educativos. A autora ainda explica:

É válido lembrar a criação da Federação dos Arte-Educadores do Brasil (Faeb) em 1987, já pautada na existência de entidades estaduais. Além disso, podemos citar a bem mais recente criação da Rede de Educadores de Museus (REM) em 2003 no Rio de Janeiro e do Grupo de Estudos Educativos em São Paulo, no final de 2006, esses últimos a partir dos anseios de educadores que trabalham em museus e centros culturais em se reunir e trocar informações pertinentes ao seu trabalho. Toda essa movimentação é importante, e capaz de tornar a categoria profissional cada vez mais consciente, reflexiva e ativa no cenário educação nacional. Na esfera pública, a partir de 2003, o governo dedica grande atenção à questão cultural, em especial aos museus. A Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003) lançada nesse mesmo ano, organiza-se por meio do implemento de sete eixos programáticos, sendo um deles o de democratização e acesso aos bens culturais. Seguindo esse documento, uma série de outros são elaborados e colocados em prática nos anos posteriores: em 2014 os decretos que instituem a Semana Nacional de Museus, o Dia do Museólogo e o Sistema Brasileiro de Museus. Em 2005, o decreto que institui o Sistema Federal de Cultura (SFC). O ano de 2006 é instituído como o Ano Nacional de Museus e, em 2007, é criado o Programa Mais Cultura. (SELLI, 2013, p. 45-46).

Selli (2013) ainda informa que o ano de 2009 foi produtivo para a área de museus brasileiros, com a publicação de mais três documentos: o Decreto n. 6.835/09, que aprova a estrutura regimental do Ministério da Cultura, o Estatuto de Museus e a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). (SELLI, 2013).

Desde então, para cumprirem seus objetivos, os museus brasileiros também procuram se organizar de forma que consigam atingir seus públicos, através de roteiros, ações planejadas, espaços virtuais, entre outras maneiras de interação e contato com seus públicos.

Uma das estratégias que os museus podem aderir é a utilização de material didático. Esse tipo de material pode ser interpretado como um instrumento de educação, em prol do conhecimento científico e sociocultural que o museu quer perpassar e instigar, num processo de aproximação e de ensino aprendizagem com os visitantes. De maneira lúdica e prática, o material didático procura auxiliar na construção do conhecimento sobre determinado museu, seja ele histórico, artístico, de ciências naturais, tecnológicos e tantos outros. Pedagogicamente falando, entende-se que, o recurso contribui para a reflexão e apropriação de conceitos, enquanto o visitante o explora.

Assim, a elaboração de materiais pelos setores educativos dos museus se ampliou ao longo dos anos, fazendo com que os museus brasileiros se estruturassem na produção e na aplicação de instrumentos pedagógicos com a finalidade de divulgar, ensinar conteúdos, entreter e promover acesso ao conhecimento pelos visitantes (MARANDINO *et al.*, 2016).

Com isso, os pesquisadores reconhecem o trabalho dos educadores que atuam nos museus, pois produzem materiais e pensam em propostas educativas que explorem o conteúdo exposto, de modo a ser ofertado ao público. Apresentam possibilidades de workshops, kits e conjuntos de peças, cadernos, guias, fôlderes, livros, materiais eletrônicos, audiovisuais, aplicativos e objetos virtuais com textos e atividades que aprofundam conteúdos relacionados às exposições ou ao acervo e que podem prolongar a visita ao espaço museal.

Os autores ainda expõem que os recursos citados podem ser usados em atividades dentro do próprio museu ou cedidos ao público em forma de empréstimo ou venda. Sabe-se que alguns museus disponibilizam esses materiais online em seus *websites* ou, ainda, os comercializam nas “lojinhas” que possuem (MARANDINO *et al.*, 2016).

Desse modo, destaca-se *“prolongar a visita ao espaço museal”*, acrescentando que os materiais oferecidos são possíveis instrumentos de continuação de aprendizagem pós-visitação, ou de complemento ao momento de observação. Esse movimento que os produtos educativos trazem aos museus

oportuniza ao público se sentir parte constituinte do local, interagindo com o espaço enquanto visita, ou levando uma parte da exposição consigo ao ir embora.

Roque (2017, s./p.) menciona três objetivos da visita nos diversos museus:

“[...] a aquisição do conhecimento (estudo ou objetivo científico), a pedagogia (objetivo educativo) e o prazer (objetivo lúdico)”. A autora ainda aponta que dependendo da forma como cada museu se articula com esses componentes, “cria espaços diferentes e, do ponto de vista do visitante (real ou virtual), experiências completamente distintas” (ROQUE, 2017, s./p.).

Os recursos instrucionais podem incitar ideias nas pessoas que estão a usufruí-lo, num exercício de resignificação, junto ao museu, seus conteúdos e exposições, possibilitando aos visitantes construir seus próprios significados. Esses recursos também podem ser considerados como possibilidades de mediação com o público, onde é necessário realizar a observação desse público que se pretende alcançar, as demandas institucionais e a missão de cada espaço (MARANDINO *et al.*, 2016).

Assim, os estudiosos enfatizam sobre a possibilidade de dar visibilidade a essa face da educação museal, que são os materiais educativos, valorizando seus acervos profissionais, elaborando estratégias de aprendizado e conectividade para variados públicos. Aponta que os materiais educativos desencadeiam percepções sensoriais a partir da comunicação do objeto com o indivíduo. Os recursos conseguem estabelecer envolvimento emocional entre visitantes e exposições dos museus, sendo possíveis geradores de curiosidades e sensações (MARANDINO *et al.*, 2016).

Sobre o planejamento e a elaboração desses produtos, os pesquisadores consideram os materiais educativos “frutos de adaptações do conhecimento com vistas a possibilitar a compreensão das ideias complexas guardadas nas coleções, nos objetos e nas investigações realizadas pelos museus” (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 6). Além de perceber essas adaptações como reflexos das especificidades das instituições e dos públicos aos quais os produtos se endereçam.

Nesse sentido, Marandino *et al.* (2016) afirmam que para um material envolvente e que não escape do objetivo primordial de sua elaboração, é preciso estar atento a distintas áreas para atingir um bom resultado.

Envolvem, assim, processos de seleção de conteúdos, de adequação de linguagem, de proposição de formas e estratégias que os tornem

visualmente atrativos, conceitualmente corretos – mas também acessíveis e instigantes. Implicam, ainda, na articulação de saberes de diferentes áreas de conhecimento, como os da ciência, das artes, da educação, da comunicação, dentre outros. Sua produção não se trata, portanto, de um trabalho simples. (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 6 - 7).

Os autores defendem que os materiais instrucionais possuem grande potencial no processo educativo desenvolvido pelos museus (MARANDINO *et al.*, 2016). Também enfatizam sobre o cuidado na hora da construção do recurso, adequando-o a questão da densidade de informação, além de investir na autenticidade, dar espaço para jogos de escalas e não se esquecer do compartilhamento de sensações (MARANDINO *et al.*, 2016).

Ao falar desses produtos, recorda-se a HP, vertente historiográfica que aborda sobre a construção dos conceitos e sentidos feitos com e para os públicos, com as pessoas de fora das instituições. A HP também convida a refletir sobre uma linguagem de fácil entendimento para o público em geral, ou para o público que o material está sendo direcionado, sem perder a qualidade na produção do conteúdo científico. Essa pode ser considerada uma tarefa desafiadora, visto que o conhecimento não é simplificado, mas readaptado às necessidades do público a ser atingido, principalmente a linguagem a ser utilizada.

Nos espaços de educação não formal, também é preciso compreender que o material elaborado talvez não se encaixe para todos os públicos, talvez consiga ser utilizado por uma boa porcentagem, mas seria ingênuo pensar que um único produto abranja todos os variados tipos de públicos e suas diferentes faixas etárias que um museu pode receber. Essa percepção é relevante para planejar e direcionar o produto a ser desenvolvido, a quem é destinado e de que forma será construído para atingir suas metas.

De modo geral, Marandino *et al.* (2016) contribuíram com a discussão com suas escritas e suas pesquisas, no entanto, mesmo apresentando um repositório de produtos educativos, os materiais que mais contribuíram e inspiraram a produção de um novo instrumento didático, para o museu de Vacaria/RS, foram outros.

Uma das principais inspirações para o material elaborado ao museu de Vacaria/RS foi o e-book “Re Criando o Museu – para desenhar e colorir o Museu de Arte Sacra”, livro educativo produzido pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo

(SP)⁶³. Esse livro apresenta atividades para colorir as peças de seu acervo, enquanto as explica brevemente. Ele também convida a criança a desenhar, opinar e construir histórias em quadrinhos.

Na imagem, é possível visualizar a página 4 do livro, que expõe o cavaleiro de São Jorge, propõe para que a criança desenhe o cavalo dele, além de indicar a coloração a ser feita na armadura do cavaleiro.

Figura 16 – Fragmento do livro educativo “Re Criando o Museu – para desenhar e colorir o Museu de Arte Sacra”.



Fonte: Museu de Arte Sacra de São Paulo/SP (MUSEU ARTE SACRA, s./d., s/p.).

O material desenvolvido continua no decorrer de suas páginas, propondo diversos momentos interessantes e inspiradores, como a parte em que convida quem está descobrindo seu conteúdo a repensar e recriar seleções da coleção. O

⁶³ Disponível em: <http://museuartesacra.org.br/re-criando-o-museu-para-desenhar-e-colorir/>. Acesso em: 13 out. 2021.

produto está disponível no site do museu da Arte Sacra para baixar e imprimir, contando com a seguinte apresentação: “e se a gente pudesse construir um museu diferente? Isso mesmo! Dar vida aos personagens que habitam a coleção do Museu de Arte Sacra, criar novas obras, recontar suas histórias e nos tornarmos artistas” (MUSEU ARTE SACRA, s./d., s./p.). O site ainda possui uma parte direcionada a atividades educativas, onde é exposto oficinas e propostas para construir, brincar e aprender, relacionadas ao seu acervo.

Ao desejar criar um material novo, é importante se sustentar em práticas e produtos já elaborados em outros museus, considerando seus percursos, refletindo e percebendo alguns parâmetros de produção, que são utilizados em espaços não formais. Analisando, principalmente, os procedimentos pedagógicos que os fundamentam.

Outro instrumento educacional que serviu de apoio e amparo para a construção do livro para o museu de Vacaria foi “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo”⁶⁴, apresentado pela Caixa Cultural. Nesse recurso, encontra-se a proposta de colorir edifícios e construções significativas da cidade de São Paulo/SP. No início, é disposto um mapa da região urbana e da localização de cada edificação. Ao final, estão registradas explicações e breves históricos dos locais selecionados para compor o livro de colorir. A figura 16 reproduz o mapa sugestivo de roteiro de educação patrimonial do livro, apesar do recurso não o mencioná-lo dessa maneira.

⁶⁴ Disponível em:

<http://www.caixacultural.com.br/cadastrdownloads1/Colorindo%20a%20historia%20de%20Sao%20Paulo%20-%20CAIXA%20Gente%20Arteira.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

Figura 17 – Mapa de região da cidade de São Paulo, utilizado no livro educativo “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo”.



Fonte: Caixa Cultural. Disponível em: caixacultural.com.br. Acesso em: 13 out. 2021.

Os pesquisadores revelam que quem sente a necessidade de produção de materiais são os educadores que trabalham nos museus (MARANDINO *et al.*, 2016). Porém, verifica-se que outros profissionais também se utilizam e produzem recursos educativos nesse segmento, como professores, historiadores, designers, entre outros.

Na segunda imagem trazida do livro “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo”, encontra-se o local onde está o Museu de Arte Sacra, primeiro material educativo utilizado como guia para as atividades a serem planejadas. Na figura, é possível perceber o padrão que as atividades do material possuem na proposta de pintura.

Figura 18 – “Fragmento do livro educativo “Vamos Colorir? Colorindo a História de São Paulo” – Museu de Arte Sacra.



Fonte: Caixa Cultural. Disponível em:

<http://www.caixacultural.com.br/cadastrodownloads1/Colorindo%20a%20historia%20de%20Sao%20Paulo%20-%20CAIXA%20Gente%20Arteira.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

A primeira referência de inspiração utilizada para o material produzido nessa dissertação foi pensada, ao que parece, por profissionais do próprio museu da Arte Sacra – SP. No entanto, a segunda referência utilizada não é elaborada por instituição museal, mas por iniciativa governamental. As duas ferramentas não estabelecem nos seus sites ou materiais a faixa etária a que são destinadas, cabe então aos educadores que planejem utilizá-las perceber a que idade se enquadram melhor ou que tipo de adaptações são possíveis realizar para desfrutá-las com públicos distintos.

Ressalta-se que esses dois livros são apenas exemplos extraídos de um vasto campo de produção didática acerca de museus e lugares de aprendizagem. Ganham destaque por terem sido influentes nas escolhas feitas para a elaboração do novo material.

Monaco (2013 apud MARANDINO *et al.*, 2016) afirma que a produção de materiais configura, de forma peculiar, as ações educativas voltadas ao ensino e à

aprendizagem em museus, o que invariavelmente molda também os sujeitos envolvidos na sua concepção, de maneira a torná-los educadores.

Mais próximo do museu de Vacaria, no mesmo estado, encontra-se, no site do Museu da UFRGS, o projeto “12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul”.⁶⁵ O site sinaliza que “o material didático-pedagógico fala sobre arqueologia e pré-história do RS [...]”. Continua dizendo que “[...] a ideia surgiu de uma necessidade de dar continuidade ao projeto de caixas educativas, que até então eram emprestadas fisicamente aos professores” (UFRGS, 2021, s./p.). A publicação sinaliza que as caixas educativas são recursos pedagógicos confeccionados pelo museu.

De acordo com o site, a virtualização dos materiais pretende ampliar e manter o vínculo com os diversos públicos, além de oferecer uma alternativa de acesso permanente ao material. Ainda é possível ler na página da web que “a equipe do Museu e estudantes dos cursos de Design de Produto, Design Visual e História construíram a página com base no catálogo da exposição, que é o fio condutor para a mudança do conteúdo para o meio digital” (UFRGS, 2021).

No trecho da página online mencionado acima, verifica-se que há materiais produzidos em museus a partir de uma determinada exposição, ou seja, há várias formas para recursos instrucionais surgirem dentro dos museus, tanto em termos de iniciativas e ideias que ocorrem antes da organização de uma exposição, quanto depois dela, ou depois de uma atividade realizada dentro do local, por exemplo.

A imagem disponível na figura baixo apresenta um pouco do que o conteúdo do site traz.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/museu-da-ufrgs-lanca-material-educativo-sobre-arqueologia-e-pre-historia-do-rs/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Figura 19 – Fragmento do Catálogo “12000 anos de História – Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul”.



Fonte: UFRGS, Prorext. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/museu-da-ufrgs-lanca-material-educativo-sobre-arqueologia-e-pre-historia-do-rs/>. Acesso 11 abr. 2022.

É notável que o material didático feito pelo Museu da UFRGS não se trata de um produto infantil, pelas escolhas do formato do texto e da linguagem que são utilizadas. Mesmo não sendo destinado a crianças, o Museu da UFRGS é considerado referência de produção historiográfica para esse público no estado gaúcho.

Na mesma esteira, na região sul do país, Leite, ao pesquisar acerca do tema crianças nos museus, apresenta suas contribuições sobre o assunto em diversas publicações. A pesquisadora colaborou com a criação do Blog “Repensando Museus”⁶⁶ e teve participação nas atividades do Museu da Infância⁶⁷, na UNESCO.

A página virtual do museu apresenta o espaço que, desde 2005, preserva promove e divulga coisas para crianças, como brinquedos; a produção das crianças – seus desenhos, pinturas, etc.; e também o que é produzido sobre a infância – filmes e livros. “O que queremos é que crianças e adultos possam descobrir coisas novas; e que professores e pesquisadores tenham acesso a material científico de apoio” (MUSEU DA INFANCIA, s./d., s./p.).

⁶⁶ Disponível em: <http://repensandomuseus.blogspot.com/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/museu-da-infancia/apresentacao>. Acesso em: 12 abr. 2022.

O portal ainda explica a respeito do banco de dados que possui, sobre o acervo relacionado à infância, criado em 2006. Também conta que, em 2010, o Museu Virtual da Infância abriu uma nova porta, o jogo *Caixa de brinquedos*⁶⁸, “uma maneira divertida e intrigante de conhecer e interagir com desenhos e brinquedos do acervo” (MUSEU DA INFANCIA, s./d., s./p.).

Além do jogo, o site em si, visto como um material pedagógico desenvolvido e utilizado pelo museu catarinense, apresenta opções de ações educativas, como vídeos instrutivos para realização de oficinas, confecção de brinquedos e exploração do acervo através de fotografias.

A imagem 19 mostra uma fotografia retirada do site, exemplificando uma parcela do jogo, onde a criança pode escolher e montar um mascote, assim como o cenário que deseja contemplar ao fundo.

Figura 20 – Seleção de fotografia do jogo “Caixa de brinquedos” do site do Museu da Infância.



Fonte: Museu da Infância – UNESCO. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/museu-da-infancia/apresentacao>. Acesso em: 12 abr. 2022.

O portal desfruta de muitas cores e imagens realistas, sem perder a aura e as características do imaginário e de produções infantis. No decorrer das guias, é

⁶⁸ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/museudainfancia/albums/72157623799200387>. Acesso em: 12 abr. 2022.

visível a preservação da memória de brinquedos e brincadeiras de gerações anteriores. Em outras páginas do jogo, são apresentados brinquedos e jogos antigos, por exemplo, a pipa, as brincadeiras de rua, o jogo das 5 marias e muitos objetos de algumas décadas passadas.

Outro exemplo, entre tantos, de museu que promove eventos infantis com seu acervo é o Museu Oscar Niemeyer (MON)⁶⁹, que é abastecido de atividades educativas. Em 2019, foi realizada uma edição do programa “Uma noite no MON”, certamente inspirada no filme norte-americano “Uma noite no museu”. No site do museu é possível ler “[...] o tema do encontro é ‘Era tudo um sonho...’ A ação é em comemoração ao aniversário de inauguração do MON, [...]. A atividade é voltada para o público infantil entre 7 e 10 anos [...]” (MUSEU OSCAR NIEMEYER, 2019, s./p.). Assim, também se percebe a preferência que os espaços culturais, em sua maioria, possuem por crianças com faixa etária um pouco maior.

Nos desenvolvimentos de elaboração de materiais educativos, a identidade de quem ou do coletivo que o faz é transmitida na sua concretude, assim como o material influencia os agentes de produção. “O educador atua como formulador de ações educativas, produção e aplicação de materiais, ao mesmo tempo em que é lapidado por eles”. (MARANDINO *et al.*, 2016, p. 17).

No que diz respeito aos processos educativos e identitários, as pesquisadoras refletem sobre a efetivação da promoção da educação nos museus através desses materiais pedagógicos, visto que muitas vezes é preciso fazer negociações entre parceiros dentro do museu para poderem serem aplicados, principalmente se os profissionais não seguem os mesmos modelos educativos.

[...] até que ponto os museus assumem, de forma consistente, determinadas concepções pedagógicas em suas ações educativas e reforçam a importância da análise dos materiais produzidos. Ao fazer uso do arsenal de recursos resultante do trabalho de um determinado grupo, o educador se apropria desse repertório, reforçando seu pertencimento a ele, [...] fortalecendo a especificidade de sua função: o desenvolvimento da educação dos museus. (MARANDINO; IANELLI, 2012 apud MARANDINO *et al.*, 2016, p. 17).

Marandino *et al.* (2016) reforçam quanto ao papel dos educadores na elaboração e na condução dos materiais criados, pois a forma como o material será

⁶⁹ Disponível em: <https://museuoscarniemeyer.org.br/acaoeducativa/uma-noite-no-mon>. Acesso em: 10 fev. 2021.

utilizado e conduzido é tão relevante quanto os procedimentos na construção do recurso educativo.

Assim, verificam-se os desafios existentes na produção de um material educativo para o museu e a favor do ensino de história e, no mesmo instante, é empolgante visualizar sua concretude e imaginar sua aplicabilidade.

4.3 PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA O MUSEU DE VACARIA/RS

O material instrucional surge como proposta de didatização do ensino de História no Museu Municipal de Vacaria/RS - Dr. Adhemar Pinotti, almejando também atingir as escolas de Educação Infantil. Direcionado ao público mirim, o recurso é especificamente planejado para a faixa etária de 4 e 5 anos, sendo possível utilizar o recurso para outras idades, adaptando as suas especificidades. A iniciativa também se dá no intuito de contribuir para a criação de vínculos e processos identitários da comunidade com o espaço de memória e seus patrimônios locais, além de disseminar a ideia de que o museu é público, aberto para todas as pessoas e para todas as idades.

Esse material busca, de forma lúdica, trabalhar o ensino de História, numa educação não formal, para além dos muros das escolas da infância. Através da histórica local e do caminho sugestivo do museu, o material didático-pedagógico é pensado e elaborado para as crianças, convidando-as a embarcarem nesta visita ao passado, com possibilidades de conhecer, repensar, imaginar, jogar, brincar e colorir sobre lugares históricos e culturais e o acervo do museu.

O objeto educativo conversa com outras áreas, já que ao pensar na proposta de utilização de materiais instrucionais sobre o acervo do museu e a história local para crianças da EI, propõe-se a visualizar esse local operacional para o ensino de História e também para um ensino interdisciplinar.

O Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009) enfatiza a interdisciplinaridade como prática permanente:

A interdisciplinaridade acontece como um caso particular de contextualização. Como os contextos são quase sempre multidisciplinares, quando o conteúdo de uma determinada área ou disciplina é em contexto, é quase inevitável a presença de outras áreas de conhecimento. Um conteúdo de história, por exemplo, no contexto de um lugar, instituição ou tempo específico, depara-se com questões de geografia, de meio

ambiente, de política ou de cultura. Nessa aprendizagem em contexto trata-se não apenas de aprender fatos históricos, mas de entender relações do tipo: como os recursos naturais determinaram a história dos povos e o que aconteceu quando esses recursos se esgotaram; ou como a história de um lugar foi determinada por seu relevo ou bacia hidrográfica. Esse entendimento inevitavelmente requer conhecimentos de biologia e geografia para aprender o que são os recursos naturais e entender o território como determinante desses recursos. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 23).

A Educação Infantil, em especial, é uma etapa da educação básica onde a maioria das práticas educacionais conversa com vários segmentos ao mesmo tempo. Logo, dificilmente uma proposta de atividade contempla apenas um campo educativo. Desta forma, inevitavelmente, ao trabalhar o conhecimento histórico com as crianças no museu, outros campos de experiências e objetivos de aprendizagem são abordados.

Assim, esta sugestão de material lúdico interdisciplinar se propõe a dar flexibilidade a objetos expostos no acervo, ficando esses suscetíveis às alterações e às ideias das crianças. Os lugares de memória públicos da cidade também surgem representados em desenhos que, através das mãos infantis, terão outras cores e possibilidades de existir.

Nesse sentido, ao citar os estudos de Halbwachs (2006), Pacheco (2015) aponta para as situações cotidianas e sociais, onde a memória coletiva é incorporada como individual, atuando como formadora do sujeito social.

[...] a criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais pelos quais ela entra em contato com um passado mais ou menos distanciado, que é como o contexto em que são guardadas suas lembranças mais pessoais. É neste passado vivido, bem mais que no passado apreendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória. (HALBWACHS, 2006, p. 90 apud PACHECO, 2015, p. 5).

Assim, a particularidade de pensar no público infantil vem da tentativa de fazer com que as crianças descubram e se aproximem do museu, desenvolvendo memórias, laços significativos sobre o ambiente e sobre o aprendizado que nele se encontra. Também existe o objetivo de criar recordações, registros e futuras perspectivas, tanto para as crianças, quanto para o museu.

4.3.1 Processos de construção

Marandino *et al.* (2016) voltam a contribuir com a pesquisa, enfatizando que o processo de criação de um produto educativo envolve muitas decisões oriundas das demandas institucionais, da resposta que virá do público, da responsabilidade de trabalho e da necessidade de ser reconhecido. O conteúdo escolhido, a forma de apresentá-lo e a escolha do suporte são o resultado de uma construção (MARANDINO *et al.*, 2016).

O produto desta dissertação não emerge de uma instituição museal, visto que é elaborado por uma professora da Educação Infantil, vem das inquietações da sala de aula para o museu, e deseja ser acolhido por ele, aproveitando para estabelecer relações entre as crianças e esse espaço de memória. As escolhas feitas para elaborá-lo se deram através da pesquisa, da análise, da reflexão e da constante revisão do que poderia atrair o público infantil.

Peres (2015) aborda em seu texto o fato de o material didático promover integração e articulação com outros componentes curriculares, buscando formatar um material de uso multidisciplinar. A pesquisadora ressalta que é preciso atualizar os conhecimentos históricos sobre a história do respectivo município onde todos passam a ser sujeitos e não somente um determinado grupo social.

A estudiosa ainda enfatiza que é preciso construir o material com uma linguagem voltada ao público-alvo, valorizando o conhecimento prévio e a bagagem cultural dos alunos, além de buscar atividades e propostas que envolvam situações problemas e que tragam ludicidade, visando despertar o gosto do aluno e o incentivo por parte dos professores. Sobre os professores, a autora explica que o material pode ser uma ferramenta que eles podem utilizar para trabalhar com seus alunos (PERES, 2015).

Estão envolvidas na produção do livro/e-book, a mestranda em História e professora de Educação Infantil no município do Vacaria-RS, Manoela Grazziotin, e a ilustradora e designer de projeto gráfico, Gabriella Nuvolari, a responsável por materializar as ideias, repensadas tantas vezes no processo.

Os profissionais do museu e da Secretaria de Cultura auxiliaram no acesso ao museu, em momentos onde a Casa do Povo se encontrava fechada pela pandemia. Nas idas e vindas ao espaço, foi possível fotografar algumas peças do acervo para

transformá-las em ilustrações e se inspirar para as atividades lúdicas que viriam a compor este material.

Marandino *et al.* (2016) apontam que para planejar, construir e utilizar um recurso educativo no museu, é preciso considerar etapas fundamentais para uma boa estruturação das ideias e ações. Considerar os processos de elaboração, o título, o que é o produto, a autenticidade, os objetivos, o público-alvo, a motivação, a equipe envolvida na produção, possíveis patrocínios, as etapas de construção e os desafios de produção. Sendo relevante realizar constantemente a avaliação do material e de seu conteúdo (MARANDINO *et al.*, 2016).

Com isso, apresenta-se os processos de produção do material didático, evidenciando seus objetivos em cada página constituinte do livro educativo.

4.3.2 A capa

A capa do livro apresenta cores suaves, com um fundo que remete à mata e à floresta. O título “Conhecendo o Museu – pontos culturais e históricos de Vacaria-RS” pretende exibir, de modo dinâmico e atrativo, o conteúdo do livro.

A figura principal que estrela na capa é uma criança, um menino indígena escolhido como espécie de mascote. Ele serve de interlocutor entre a criança e o material didático e irá acompanhá-la durante todo o percurso do material. A representação do menino foi selecionada pela passagem dos povos indígenas das missões. Ele, inclusive, irá apresentar uma das primeiras peças do acervo do museu, isto é, a pedra com marco de passagem jesuítica.

Barcelos (2013) recorda que – como já exposto no Capítulo 1 dessa dissertação – partindo dos símbolos gravados na pedra e dos dados históricos referentes aos jesuítas, pode-se perceber uma relação com a Companhia de Jesus e suas atividades no atual território do Rio Grande do Sul. (BARCELOS, 2013,).

Figura 21 – Capa do livro educativo “Conhecendo o Museu - pontos culturais e históricos de Vacaria-RS”.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e pela ilustradora (2021).

O mascote recebeu o nome de Teçá. O nome foi escolhido em dicionário online de tupi-guarani⁷⁰ e significa “olhos atentos”. Teçá carrega traços infantis e arredondados, suas características físicas e suas vestimentas foram inspiradas em representações⁷¹ referentes aos indígenas dos Sete Povos das Missões, especialmente das ruínas de São Miguel.

Ainda sobre a capa e a elaboração do material, a agência de designers “Granza”⁷² aponta sobre a relevância que tem um profissional da área do design para a criação e a impressão de materiais gráficos. Instrui que criar a arte é fundamental para uma apresentação que agrade aos olhos do público que se pretende atingir e conquiste os resultados esperados (GRANZA, 2018).

Esta página da web ainda ressalta que a edição das cores, a harmonia dos elementos, das fontes e também a adequação das imagens para o público-alvo são maneiras eficientes de construir um material visualmente atrativo (GRANZA, 2018).

⁷⁰ Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

⁷¹ Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

⁷² Disponível em: <https://granza.com.br/3-dicas-de-design-para-criacao-e-impressao-do-seu-material-grafico/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O livro é composto por duas partes principais: a primeira com imagens a serem coloridas e a segunda com jogos utilizando o acervo do museu. Meinerz (2013) reflete sobre a utilização dos jogos no ensino de História: “Ao experimentarmos o jogo como prática potencializadora dos processos de ensino e aprendizagem do conhecimento histórico, reconhecemos que o encantamento e a estética devem compor nosso universo de proposição como professores” (MEINERZ, 2013, p. 105). A autora menciona a percepção do encanto ao receber e utilizar um material diferente em sala de aula ou, como vem sendo discutido, no museu, ao jogar e brincar, ao pintar e colorir, a estética pode contribuir para um deslumbre e atenção a mais, principalmente no que diz respeito às crianças.

Ainda é considerável destacar que um recurso didático, por mais atraente ou bem elaborado que possa estar, perde o sentido se não for conduzido de uma forma adequada, como já apontaram Marandino *et al.* (2016), esse é um constante jogo de sensibilidade e percepção das demandas que cada momento requer durante a ação educativa.

4.3.3 Créditos e apropriações

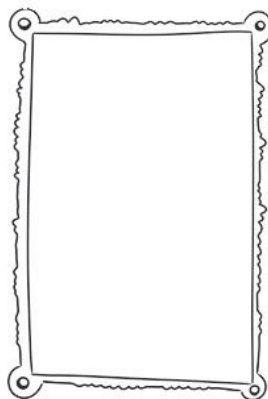
Após a capa, encontra-se a página de créditos e agradecimentos, que está aguardando os próximos passos de elaboração. A seguir, a página que apresenta o livro educativo para a criança diz “Aqui é o seu espaço para aprender, colorir, imaginar, desenhar e recriar as histórias contadas pelo Museu Municipal Dr. Adhemar Pinotti. Você é convidado para seguir a trilha do Museu enquanto descobre mais sobre a cidade de Vacaria/RS”.

Abaixo desta apresentação, encontra-se a delimitação para a criança escrever seu nome, como forma de apropriação do material e para estabelecer o vínculo e o sentimento de que ele lhe pertence.

Figura 22 – Momento de apropriação e criação de vínculo com o material educativo.

Aqui é seu espaço para aprender, colorir, imaginar, desenhar e recriar as histórias contadas pelo Museu Municipal Dr. Adhemar Pinotti. Você é convidado para seguir a trilha do Museu enquanto descobre mais sobre a Cidade de Vacaria - RS.

Este(a) é você.



Seu nome aqui

Fonte: material elaborado pela mestrandia e pela ilustradora (2022).

No entanto, como o material se destina a crianças da EI, geralmente, a maioria delas ainda não está alfabetizada. Algumas até escrevem seus nomes, mas muitas ainda estão iniciando esse processo, o que é extremamente natural e não é exigência desta faixa etária. Por isso, além da linha para o nome, foi pensado na elaboração de um espaço para a criança se representar através de desenho. Assim, as que não escrevem não ficam frustradas, logo no início do livro, com a dificuldade da escrita. O desenho irá carregar o mesmo sentido do registro do nome, ou seja, fazer com que a criança obtenha o sentimento de pertencimento com o livro e que perceba que, nas páginas a seguir, irá interagir com o recurso durante o trajeto de aprendizagem, como uma forma de apresentação e identificação. Esse encaminhamento de escrever o nome ou desenhar deverá partir da sensibilidade do educador que está mediando essa apropriação.

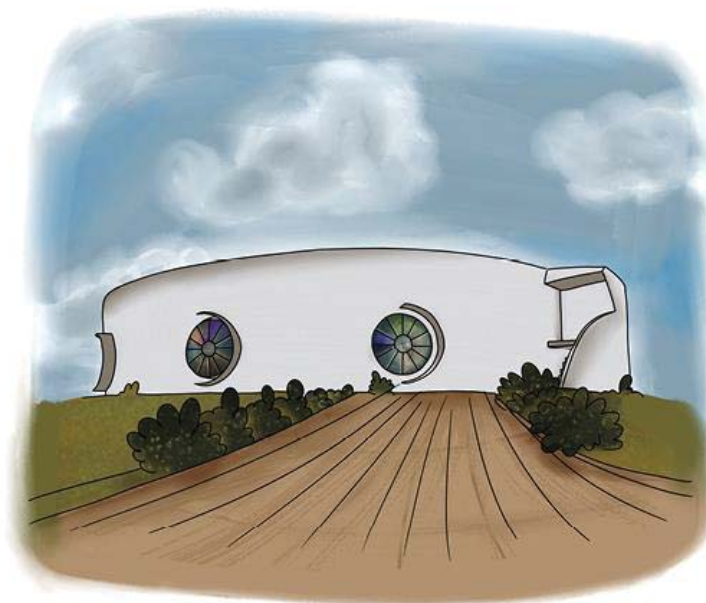
Ribeiro, Oliveira e Rabelo Júnior (2016) sugerem que quando a criança pequena desenha, ela começa a dar nomes ao que desenhou, entendendo os traços produzidos, mesmo que não esteja parecido com a realidade. O importante é a representação do desenho realizado. “Esse é o processo de linguagem que a criança através do desenho cria suas concepções” (RIBEIRO; OLIVEIRA; RABELO JÚNIOR, 2016, p. 8). Assim, exalta-se que a ação de se representar expressa como

a criança se vê e também como quer ser vista pelo mundo, num instante em que está em contato com um novo material, que está se vinculando e conhecendo.

4.3.4 Onde está o museu?

Na página 3, encontra-se uma imagem colorida da Casa do Povo. O desenho colorido tem a intencionalidade de apresentar para a criança o local onde está o museu, mostrar a face da edificação onde ela irá fazer a visita. Uma visão externa, para depois adentrar na Casa. Também é exposto, para os leitores do material, o endereço onde se localiza a Casa.

Figura 23 – Ilustração colorida do Centro Cultural Marcos Palombini - Casa do Povo.



Centro Cultural Marcos Palombini - Casa do Povo

Rua Borges de Medeiros, 1987 – Glória, Vacaria – RS

Fonte: material elaborado pela mestrandia e pela ilustradora (2022).

Agora, o público infantil é convidado a ingressar nesse ambiente, sendo que as crianças são vistas como sujeitos capazes de aprender no museu. As autoras Chicareli e Romeiro (2014) nos remetem a ideia do museu como espaço de ensino de história. Elas consideram o museu “como uma proposta desafiadora, que contribui diretamente para um pensamento histórico, reflexivo e crítico, possibilitando

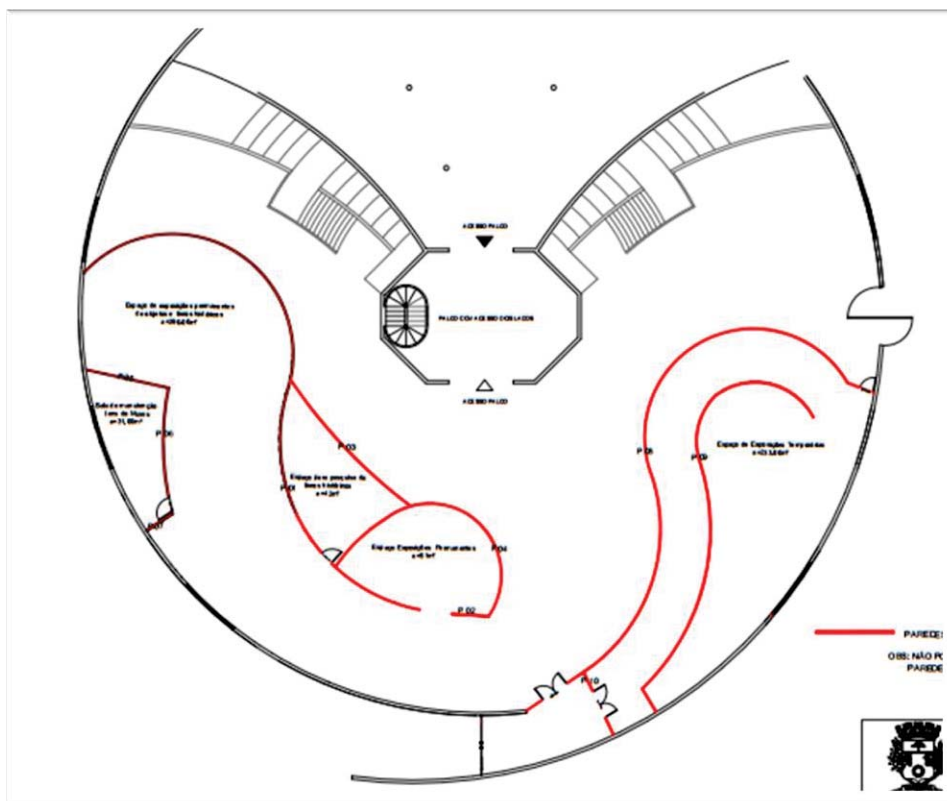
a inserção de questionamentos, levantamentos e hipóteses” (CHICARELI; ROMEIRO, 2014, p. 89).

Após essa ilustração colorida, inicia a introdução dos lugares da cidade para a criança. É possível que ela já tenha visto alguns deles nos seus roteiros diários, então ela pode começar a fazer associações com o que está sendo apresentado no livro, pois o material traz figuras que ela conhece ou pode conhecer de perto.

4.3.5 Apresentando o percurso museal

Adentrando, imaginativamente, no espaço, na página número 4, verifica-se uma representação da planta da casa (croqui), ampliada no espaço onde está o museu. A equipe da Secretaria de Planejamento de Vacaria cedeu acesso às plantas e aos projetos, feitos pelas arquitetas municipais, que se referem às obras de reforma na Casa do Povo para a instalação do museu em seu interior.

Figura 24 – Prancha utilizada na obra na Casa do Povo.



Fonte: Secretaria do Desenvolvimento de Vacaria-RS (2021).

Analisando a prancha, é possível observar as instalações da Biblioteca Pública, localizada à esquerda da imagem, e do Museu Municipal, localizado à direita. Aparentemente, a equipe da arquitetura quis preservar as formas arredondadas de Niemeyer, mantendo as características circulares da casa. Vale ressaltar que o projeto foi aprovado pelo IPHAE, conforme informação nº 245/2019/IPHAE⁷³.

Ainda é notável o fato de que o museu apresenta um caminho sugestivo, pelo qual o público tem a opção de percorrer ao visitar a exposição. Na construção do material, nessa suposta trilha museal, foram inseridos símbolos que representam os objetos ou o conjunto de objetos de um mesmo tema do acervo do museu. Vale ressaltar que nem todas as peças e/ou assuntos foram representadas no material pedagógico. Contudo, de uma maneira geral, foi procurado apresentar os temas mais representativos da história local da cidade, conforme o material que está representado no museu. Além disso, os fragmentos históricos utilizados no recurso lúdico são fundados nas temáticas que o espaço museal apresenta.

Conforme o caminho expositivo do museu, as partes do acervo que apresentavam alguns lugares do município foram relacionadas e apresentadas no livro. De acordo com cada temática dos objetos, se procurou seguir a ordem da exposição do museu na sequência das páginas no material pedagógico. Assim os sinais gráficos demonstram, aproximadamente, como o acervo do museu está organizado atualmente.

Costa (2012, p. 3) indica que “a prática educativa do museu passa a constituir avenidas possíveis sobre as quais o visitante, ator da construção de novos conhecimentos, traça seus próprios caminhos”. Ele indaga: “Mas como o ensino de história é efetivado nesse espaço?” (COSTA, 2012, p. 3). O autor supõe que ainda que os museus realizem itinerários, os visitantes criam, em determinados momentos, seus próprios percursos.

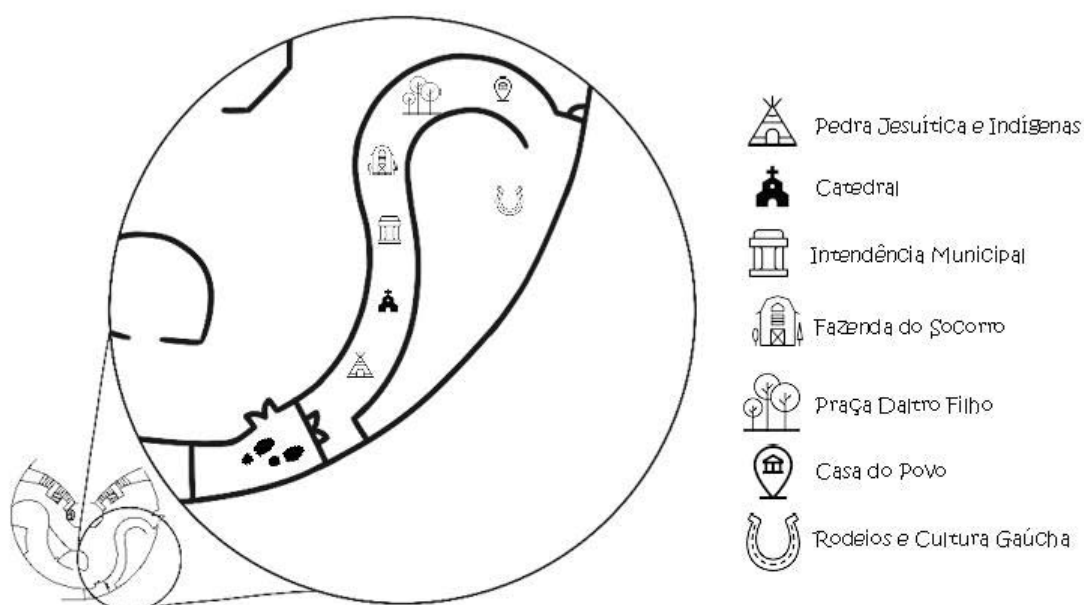
Para Costa (2012), é possível pensar e conceber a educação perpassada pelo museu em suas práticas educativas ou nos percursos estabelecidos pelos visitantes e pelos educadores uma ação relacional. O autor ainda explana: “Existe nesse processo uma ação educativa mediada pela estética, pela fruição, pelo sonho,

⁷³ Anexo D.

pelo espanto e pela curiosidade. Mas existe uma intenção na montagem desse acervo, desse museu, e de sua forma de comunicação” (COSTA, 2012, p. 4).

Apenas se utilizando da disposição do museu, os marcadores retratam o percurso do espaço: a Pedra jesuítica e os indígenas; Intendência Municipal; Fazenda do Socorro; Praça Daltro Filho; Casa do Povo; Rodeios e cultura gaúcha. Cada símbolo está, aproximadamente, desenhado no lugar onde as peças estão instaladas, seguidos de legenda na lateral.

Figura 25 – Página da trilha explicativa.



Este é o novo espaço do Museu de Vacaria, agora denominado Adhemar Pinotti, homenageando esta pessoa que pesquisa e contribui sobre o passado da cidade e região. O museu existe desde setembro de 1996, e começou seu acervo com doações dos cidadãos e objetos coletados por participantes da Gincana Municipal e, também, por peças pertencentes a Vacaria que estavam no museu Telmo Rossi no município de Muitos Capões.

Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

Abaixo do croqui com os sinais, nesta parte ainda está brevemente descrito o motivo do nome que o acervo recebeu, onde é possível ler: “Este é o novo espaço do Museu de Vacaria, agora denominado Adhemar Pinotti, homenageando esta pessoa que pesquisa e contribui sobre o passado da cidade e região”. Também é possível visualizar um resumo do histórico do Museu Municipal de Vacaria/RS: “O museu existe desde setembro de 1996, e começou seu acervo com doações dos cidadãos e objetos coletados por participantes da Gincana Municipal e, também, por

peças pertencentes à Vacaria que estavam no museu Telmo Rossi, no município de Muitos Capões”.

Essas informações contidas não têm o intuito de que as crianças decorem datas ou nomes, mas que estejam em contato com conceitos e descrições reais, isto é, que não sejam diminuídos para elas. Desta forma, as informações devem ser vistas como estímulos lançados, não obrigações de conteúdo a se conhecer. Certamente, como em qualquer outro livro infantil que contém escritas, espera-se que um adulto leia para elas as páginas do livro, ao menos até que possam, sozinhas, realizar sua leitura.

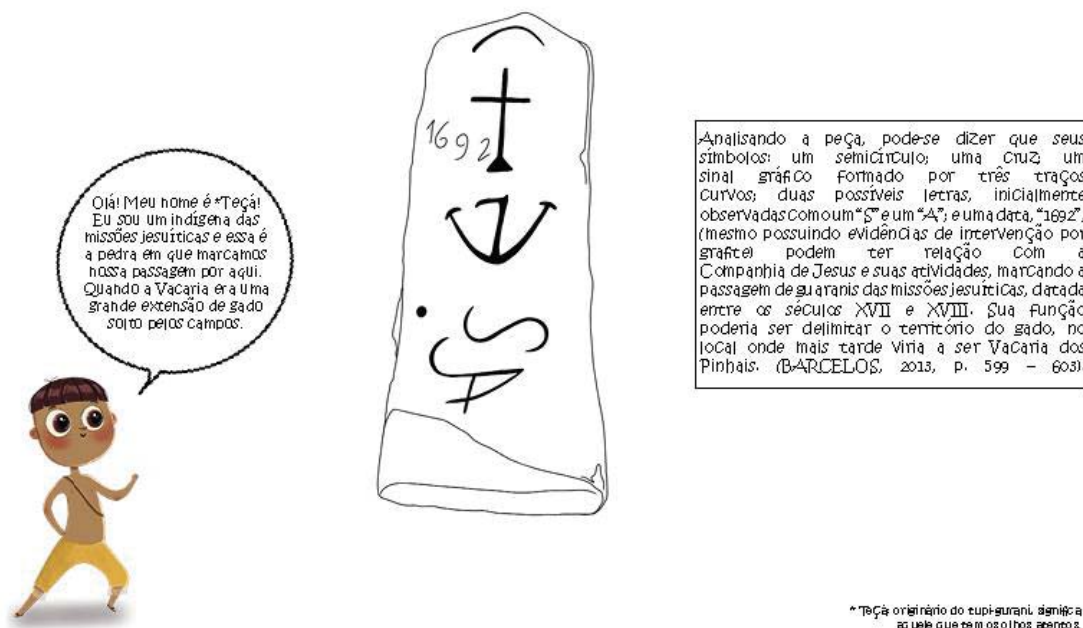
4.3.6 A pedra jesuítica e os indígenas

A partir da página 5 é possível visualizar desenhos elaborados pela ilustradora/designer, baseados nas fotografias dos lugares de memória locais e objetos museais. Esses desenhos, além de trazerem um pouco de sua história, convidam a criança a ressignificar sua forma aparente, sendo possível colorir da maneira que ela achar mais interessante e bonita.

O desenho que está na página 5 é o da pedra com marcação jesuítica. Ele retrata, através de um desenho para colorir, uma das primeiras peças expostas no museu. A pedra possui sinais grafados que remetem aos símbolos utilizados pela Companhia de Jesus, como Barcelos (2013) explica.

Na mesma página, verifica-se a apresentação do mascote indígena Teçá, no balão de conversação: “Olá, meu nome é Teçá! Eu sou um indígena das missões jesuíticas e essa é a pedra em que marcamos nossa passagem por aqui. Quando Vacaria era uma grande extensão de gado solto pelos campos”. O box ao lado do desenho acompanha o conteúdo da página com uma breve explicação sobre seus possíveis significados.

Figura 26 – Apresentação do mascote e da primeira peça do livro, a pedra de marco jesuítica.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

No lado direito da ilustração da pedra, encontra-se um box explicativo com a seguinte descrição:

Um semicírculo (selo da companhia jesuítica, uma meia lua com duas estrelas); uma cruz (de Jesus); um sinal gráfico formado por três traços curvos (os três cravos no coração de Maria pela crucificação de Jesus); duas possíveis letras, inicialmente observadas como um "S" e um "A" (podem remeter ao IHS do latim IHESUS); e uma data, "1692" (tendo variações em outros registros). Mesmo possuindo evidências de intervenção por grafite, podem ter relação com a Companhia de Jesus e suas atividades, marcando a passagem de guaranis das missões jesuíticas, entre os séculos XVII e XVIII. Sua função poderia ser delimitar o território do gado, no local onde mais tarde viria a ser Vacaria dos Pinhais. (BARCELOS, 2013, p. 599 - 603).

Novamente, não se busca uma metódica compreensão dos pequenos acerca de todo o conhecimento histórico que envolve esse objeto, mas se deseja que eles comecem a perceber a noção de tempo, isto é, a noção de passado, presente e futuro, de que em um determinado período a cidade começou a existir, que os lugares possuem suas histórias, as quais nem sempre são representadas, enfim estimular o pensamento histórico nas crianças. Outro exemplo, diz respeito ao fato de as crianças perceberem que os indígenas não são somente aqueles desenhos de

rostos pintados e penas coloridas que eles viram na escola, mas que os indígenas existiram – e ainda resistem – nas terras do Rio Grande do Sul, entre tantas outras sutis reflexões entrelaçadas nas páginas desse livro.

Outra questão a considerar é que, provavelmente, o material atingirá também os adultos que estarão acompanhando a leitura com a criança. Adultos que, muitas vezes, podem não conhecer essas versões. Que impactos esse produto pode trazer para os adultos, tais como os familiares da criança, os professores e educadores do museu. Ao visitar o espaço e explorar o recurso com o/a filho/a ou, até mesmo ouvindo seu relato ao retornar da visita com a escola, os pais podem se questionar sobre que formas de acesso à cultura estão oferecendo aos filhos e que ambientes educacionais proporcionam à criança além da escola.

Costa (2012) ressalta sobre o museu como espaço de aprendizagem, não somente para o público que visita o espaço, independentemente da idade, mas também para os professores e os próprios educadores dos museus.

O museu é assim, espaço de aprendizagens, e desta forma, seu potencial para o ensino de história poderá provocar novas práticas educativas, colaborar também para uma formação tanto inicial quanto continuada dos professores – que em uma visita e/ou na preparação para a mesma se formam, apreendem novas práticas, questionam as já adotadas, também se surpreendem com as aprendizagens e com as possibilidades descortinadas. (COSTA, 2012, p. 4).

Ao final do conteúdo da página, há a informação sobre o nome da personagem interlocutora do livro, explicando seu significado e de onde foi extraído, como já visto anteriormente.

4.3.7 A Catedral

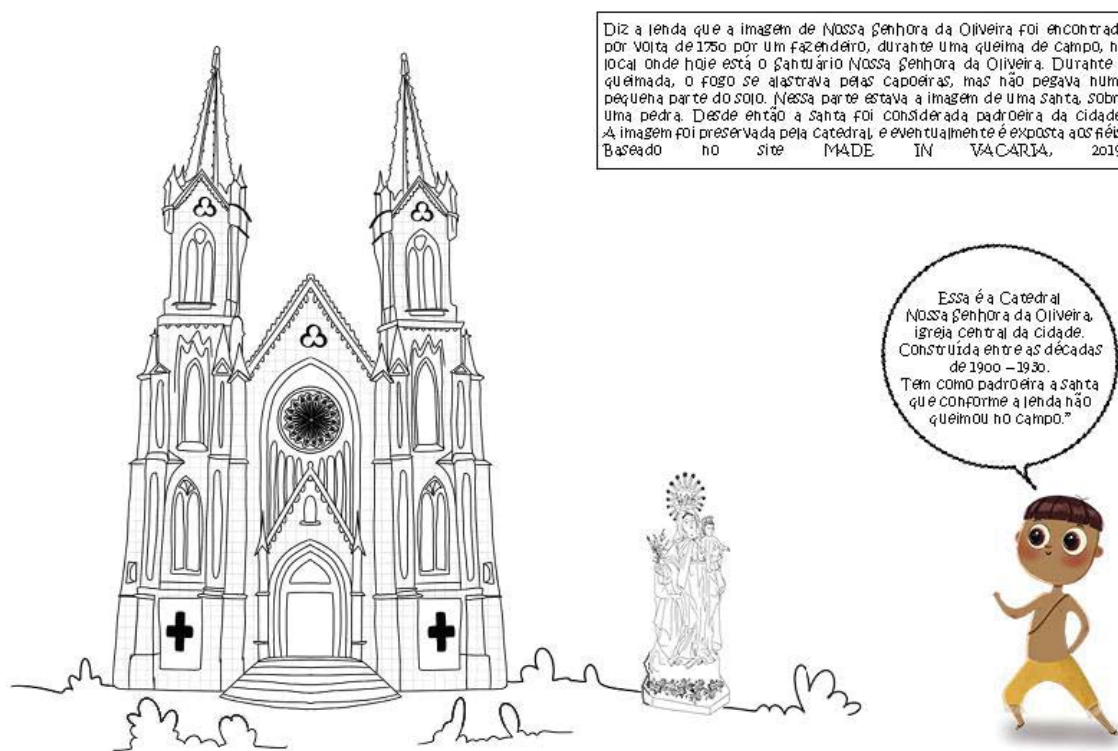
A página 7 traz a ilustração da igreja de pedra central, a Catedral Nossa Senhora da Oliveira, que recebeu esse nome pela santa que foi escolhida como padroeira da cidade. Há uma lenda sobre essa figura de devoção, que é contada no box da página.

Diz a lenda que a imagem de Nossa Senhora da Oliveira foi encontrada por volta de 1750 por um fazendeiro, durante uma queima de campo, no local onde hoje está o Santuário Nossa Senhora da Oliveira. Durante a queimada, o fogo se alastrava pelas capoeiras, mas não pegava numa

pequena parte do solo. Nessa parte estava a imagem de uma santa, sobre uma pedra. Desde então a santa foi considerada padroeira da cidade. A imagem foi preservada pela catedral, e eventualmente é exposta aos fiéis. (Baseado no site MADE IN VACARIA, 2019)

A fala do mascote descreve detalhes da história da igreja: “Essa é a Catedral Nossa Senhora da Oliveira, igreja central da cidade. Construída entre as décadas de 1900 – 1930, tem como padroeira a santa que, conforme a lenda, não queimou no campo”.

Figura 27 – Ilustração da Catedral Nossa Senhora da Oliveira.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

A Catedral pode ser interpretada não apenas como um ambiente religioso, mas também como um espaço social e turístico da cidade. Em geral, a população reconhece sua presença como símbolo histórico e arquitetônico de Vacaria. Sua localização, em frente à praça, faz com que sua contemplação se torne praticamente cotidiana na vida dos vacarianos que passam por ali.

Sobre o ensino de história com as crianças pequenas, Bavaresco e Ferreira (2013) ressaltam que é preciso compreender o conhecimento histórico como uma construção de vários sujeitos. O cotidiano das crianças é uma boa alternativa de

iniciar esse entendimento, oferecendo-lhes a possibilidade de se perceberem como sujeitos da sua história. Os pesquisadores afirmam que “embora sejam crianças, possuem em seu interior um arsenal de capacidades invejáveis. Elas tomam consciência do mundo de maneiras diferentes a cada etapa do seu desenvolvimento” (BAVARESCO; FERREIRA, 2013, p. 210). Os autores percebem a criança como sujeito histórico e apostam nas suas habilidades de perceber e agir sobre o mundo que as cerca.

4.3.8 E se eu fosse o prefeito, o que eu faria?

Uma atividade crítica e reflexiva surge na página 8. Teçá se encontra sentado à mesa que pertencia ao intendente (como era chamado o prefeito) da cidade, e está exposta no museu. Ele explica para a criança sobre esse local, que era o nome dado antigamente para a prefeitura, relacionando ao local onde, hoje, as pessoas que estão gerindo a cidade atuam. O mascote explica: “a intendência era a forma que chamavam o local que, hoje, conhecemos por prefeitura, era o lugar onde as pessoas que regiam a cidade atuavam”.

Teçá convida a criança a refletir sobre o que ela faria em Vacaria se estivesse ali sentada naquela cadeira. O que ela gostaria que existisse ou que não existisse em seu município? O que ela pensa sobre o seu local de vivência e de que forma gostaria de transformá-lo? A proposta da página indaga: “Se fosse prefeito de Vacaria, o que você gostaria de fazer pela cidade?”

Dessa forma, Chicareli e Romeiro (2014) lembram que o conhecimento a ser levado aos alunos precisa estar aliado aos seus interesses e às problemáticas do presente, para auxiliar na compreensão do nosso tempo, assumindo uma das funções do ensino de história. As autoras prosseguem:

Podemos pensar no cotidiano e na relação dos próprios estudantes com a sua cidade ao levantar questões de interesse deles sobre a cidade, assim como sobre o bairro em que moram, o trajeto que fazem para chegar à escola, enfim, utilizando conhecimentos dos alunos em conjunto com a história [...]. (CHICARELI; ROMEIRO, 2014, p. 91).

Assim, neste instante, a proposta que o livro traz provoca a criança a pensar e se expressar além das cores, mas em forma dos traços do seu desenho, sobre o seu local de vivência.

Figura 28 – Página reflexiva “o que eu faria como prefeito da cidade?”.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

O ato de desenhar deve ser um momento de provocação, de desejo de expressão, de registro, de percepção de ideias e/ou de materializar pensamentos. Se o desenho não corresponder às expectativas dos adultos, não significa que para a criança não fez sentido em relação ao que se propôs.

Talvez elas queiram um McDonald's, um parque aquático, um circo gratuito, ou talvez ainda reflitam e apontem questões sociais que possam viver em suas vidas com suas famílias. Talvez demonstrem interesse em ter mais recursos nas escolas que frequentam, talvez mencionem algo sobre algum padrão social que as atinjam e ainda não sabemos o que pensam e gostariam de dizer a respeito.

Com essa proposta de atividade e percebendo o museu como ambiente de promotor da educação, Costa (2012) cita os estudos de Pereira (2009) a respeito das visitas feitas nesse espaço e afirma:

A visita educativa é [...] prática de pensar historicamente, compreendendo não só o passado como dinâmico, em sua interface com outras temporalidades (presente e futuro), mas presente como cenário conflitante, inquietante. O visitante é incitado a inquietar-se, estranhar, investigar, propor, decompor, debater, há, neste museu, o convite à desconfiança das

narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a história. (PEREIRA, 2009, p. 5 apud COSTA, 2012, p. 3).

É nesse estranhamento e desconfiança que o autor instiga a pensar “o que poderia ser?” e a imaginar outras versões das histórias contadas. É nesse momento que se abrem as portas para refletir com as crianças e a colocá-las em posições que, talvez, ainda não tivessem se imaginado, como ocupando lugares políticos onde possam planejar e propor diferentes ações na sua comunidade.

Esses momentos são experimentos e tentativas de, pouco a pouco, estimular nas crianças e nos adultos que as acompanham, propostas educacionais em todos os âmbitos com os pequenos cidadãos.

4.3.9 A Fazenda do Socorro

Seguindo na página 9, o desenho apresenta a Fazenda do Socorro. Ela foi uma das primeiras ocupações portuguesas na região, por volta de 1785 (IBGE, 2011). O nome de José de Campos Bandemburgo é diretamente ligado ao local, já que ele é considerado o provável fundador da fazenda, que fez parte do início da ocupação europeia. Sabe-se que a fazenda era o local onde os tropeiros encontravam refúgio e podiam descansar depois de muitos dias de viagem de mula ou do de cavalo.

Nessa página, onde está localizada a ilustração da Fazenda para colorir, há um breve relato sobre seu histórico: “A Fazenda do Socorro abriga o princípio da ocupação portuguesa. Existente desde 1770, sendo uma das mais antigas fazendas do estado. Uma das principais personagens pela qual a fazenda hoje é reconhecida foi Dona Lourdes Noronha. O local foi parada dos tropeiros”. Ressalta-se que Dona Lourdes vem a residir na fazenda anos mais tarde, por volta do final do século XX.

Figura 29 – Ilustração da Fazenda do Socorro.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

A fala do mascote ainda explica que a Fazenda é conservada até os dias de hoje, possuindo acervo próprio, sendo que é possível realizar visita marcando horário com os atuais proprietários, o que pode vir a ser um planejamento para educação patrimonial com as crianças, além da visita ao museu.

Outro nome que se destaca sobre a localidade é o de Dona Lourdes Noronha ou, como era conhecida popularmente, a viúva Coelho, personagem já dos anos 1930, aproximadamente, que contribuiu para o desenvolvimento e preservação do lugar (REPÓRTER RIOGRANDENSE, 2011, s./p.). Essa personagem muito contribuiu com o desenvolvimento e a modernidade da propriedade, na sua época de gestão, tendo grande interesse por objetos históricos e memorialistas, criando, assim, uma significativa coleção de peças na fazenda.

4.3.10 A praça

Um fragmento da praça General Daltro Filho aparece na página 8, com o convite para colorir o letreiro "EU ♡ VACARIA", estimulando a conhecer as letras que compõem o nome da cidade onde moram. Esse ponto específico, que passou a existir recentemente, tornou-se ambiente turístico, para fotografias e

passeios. É importante ressaltar que essa referência de localização é recorrente em múltiplos lugares.

Há outros elementos que compõem a praça central que abordam mais sobre a história do município ou representações dessa história, como bustos de estátuas e placas informativas. Do outro lado da área, encontra-se, no chão, uma grande rosa dos ventos e um termômetro de rua, que também podem ser utilizados para atividades pedagógicas com as crianças, conforme cada faixa etária e cada objetivo de aprendizagem.

Figura 30 – Ilustração de letreiro presente na Praça General Daltro Filho.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

O balão conversativo de Teçá menciona: “Aqui temos o letreiro da Praça Daltro Filho, conhecido por homenagear a nossa cidade”.

Lia, Costa e Monteiro (2013) recordam sobre a utilização de materiais didáticos no ensino de História, apontando que os alunos podem criar vínculos mais significativos com o conhecimento na utilização desses materiais. “Através da produção desse recurso, o aluno cria intimidade com o assunto trabalhado, sendo capaz de perceber os significados dos processos históricos e identificar sua própria identidade dentro dos mesmos” (LIA; COSTA; MONTEIRO, 2013, p. 43).

Para as pesquisadoras, os recursos alcançam mais os educandos do que somente explicações orais, pois “a prática, em geral, cativa mais a atenção do

discente do que a exposição oral, permitindo que o aluno descubra novas interpretações para os fenômenos históricos, identificando suas habilidades e competências dentro desse universo” (LIA; COSTA; MONTEIRO, 2013, p. 43).

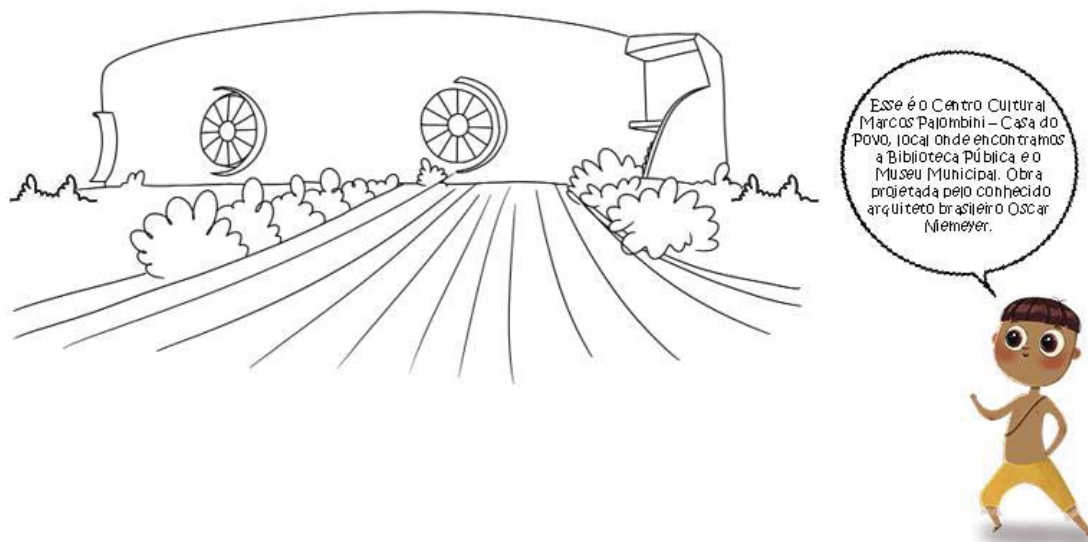
Nesse momento, foi escolhido de modo mais dinâmico o letreiro, para os pequenos fazerem associações do que estão encontrando no museu e no livro com locais presentes na sua vida real e diária dentro de sua cidade.

4.3.11 Casa do Povo

Na página 9, o desenho da Casa do Povo, agora em preto e branco para ser ressignificado com as cores preferidas da criança, apresenta um breve histórico desse ambiente.

Tejá explica: “Esse é o Centro Cultural Marcos Palombini – Casa do Povo, local onde encontramos a Biblioteca Pública e o Museu Municipal. Obra projetada pelo conhecido arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer”.

Figura 31 – Desenho para colorir Casa do Povo.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

O local conta com espaço para apresentações, onde talvez algumas crianças já tenham participado de shows culturais que as escolas infantis promovem. Atualmente, dispõe da Biblioteca Pública, com espaço kids, onde há um

planejamento para receber as crianças. Além disso, também abriga o espaço em questão, isto é, o Museu Municipal, que poderá oferecer, agora, um recurso ilustrativo elaborado especialmente para o público infantil.

4.3.12 Monumento ao Ginete

O monumento ao ginete se faz presente na página 10. Ele representa a seleção do acervo sobre os objetos da cultura e do tradicionalismo gaúcho e uma das maiores festas da cidade, o Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria. O monumento feito de concreto com pintura em bronze está localizado na rótula da BR 116 com a BR 285, próximo ao bairro Monte Claro. Já a sua ilustração está no livro didático do museu.

O mascote o apresenta da seguinte maneira: “O monumento ao Ginete faz memória ao tradicionalismo gaúcho e aos populares rodeios internacionais de Vacaria. Você sabe onde ele fica localizado? O que já ouviu falar sobre ele?”

Figura 32 – Ilustração Monumento ao Ginete.



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

Para compreender a simbologia do monumento, novamente, utilizam-se informações retiradas do site Made in Vacaria⁷⁴, o qual explica que as gineteadas são uma das principais atrações da festa, concedendo prêmios consideráveis aos participantes. O ginete é uma espécie de domador de cavalos, um homem entre o campo e a cidade que se aventura a montar em um cavalo “xucro”, ou seja, que ainda não foi adestrado. Sendo uma das provas mais esperadas dos rodeios, onde muitas pessoas se reúnem para conferir os ginetes montarem no lombo dos cavalos, sem cela, disputando quem consegue permanecer por mais tempo em cima deles, enquanto o animal corcoveia (MADE IN VACARIA, s./d., s./p.). O site descreve o seguinte relato:

“Há 20, 30 anos atrás, os ginetes eram os peões das fazendas, da lida campeira. Montar e domar fazia parte do dia a dia deles. Na gineteada, o peão praticava o que gostava, encontrava os amigos e tinha a oportunidade de aumentar a sua renda” conta Nilson Hoffmann, tradicionalista e narrador de rodeios. (MADE IN VACARIA, s./d., s./p.).

O endereço eletrônico ainda traz como curiosidade a provável origem da prática de gineteada nas atividades de povos indígenas, quando os indígenas seguravam nas crinas dos cavalos para montá-los e domesticá-los, com intenção de utilizá-los no auxílio de suas necessidades (MADE IN VACARIA, s./d., s./p.).

4.3.13 Percebendo a imagem

A atividade que surge na página 14 foi pensada como um momento de experimentação sobre as figuras e os conteúdos tratados no decorrer do livro. Não carrega sentido de comprovação de aprendizagem, nem de teste. É um momento desafiador para continuar a explorar as imagens, os locais e suas histórias.

Teçá apresenta o jogo pela sua fala: “Você pode ligar cada parte do museu a sua respectiva sombra? Será que já está craque na história de Vacaria?”.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/monumento-ao-ginete/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

Figura 33 – Jogo de relação de imagem e forma.

Você pode ligar cada parte do Museu a sua respectiva sombra? Será que já está Craque na história de Vacaria?



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

O objetivo a ser atingido neste desafio é o de ligar, com o uso de um lápis, as figuras até as respectivas sombras de seus formatos. Esse é um jogo de percepção visual e estabelecer essas relações é um desafio na educação infantil.

Souza e Alves (2011) versam sobre os visitantes nos museus que são convidados a jogar com o acervo, estimulando a conhecer e ressignificar os conteúdos ali dispostos através da experiência sensorial, o toque. Poder tocar nos elementos, ou objetos que façam referência a eles, como os materiais didáticos, seus jogos, etc., rompem a lógica do distanciamento, ainda frequente em museus com estruturas tradicionais. Poder manusear e explorar, facilita o processo de apropriação de significados (SOUZA; ALVES, 2011). As autoras ainda refletem:

Portanto, se o jogo abre a possibilidade de criarmos e reinventarmos o mundo e instituir novas formas de sociabilidade, o jogo pode assim contribuir para a reinvenção de uma nova atmosfera nos museus, que possa ser marcada pela vontade da descoberta, responsabilidade coletiva e o desenvolvimento da capacidade de criação. (SOUZA; ALVES, 2011, p. 3).

As estudiosas defendem o uso de atividades lúdicas, como os jogos com e nos museus, pois elas oportunizam “a exploração do conteúdo e das informações

acerca das obras e da exposição, de maneira a contribuir para que os sujeitos visitantes aprendam e construam sentidos nessa interação [...]” (SOUZA; ALVES, 2011, p. 3). Evidenciando um espaço democrático, onde é possível acessar diversas maneiras de atingir os públicos.

4.3.14 O caminho é um labirinto

Um desafio aparece na página 13. Trata-se de um jogo de trilha. O objetivo é conduzir a figura do mascote até a Casa do Povo, onde está o museu. O livro apresenta o exercício: “Labirinto! Ajude nosso menino indígena Teçá a chegar até a Casa do Povo, ele precisa ficar pertinho de sua história”.

Embaixo da explicação e do convite para o desafio, é possível observar a imagem do labirinto.

Figura 34 – Jogo de labirinto.

Labirinto! Ajude nosso menino indígena Teçá chegar até a Casa do Povo, ele precisa ficar pertinho de sua história!



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

A escolha da tipologia do jogo se dá pela faixa etária das crianças, como já visto anteriormente, um jogo que perde o sentido da diversão não é jogado. A brincadeira precisa ser instigante e prazerosa. Assim, a seleção dos jogos presentes foi pensada numa mecânica equivalente ao público que quer atingir.

Nesse material educativo, o jogo não tem objetivo de fixar conteúdo, mas de ser um momento lúdico e agradável à criança, enquanto continua a explorar esse grupo de figuras, conceitos, objetos e lugares. Analisando o jogo como momento de brincadeira, Fortuna (2013), mais uma vez, colabora, refletindo: “[...] o que penso em relação potencial do brincar para o ensino e a aprendizagem: é preciso acreditar, apostar; enfim, entrar no jogo do ensinar e aprender” (FORTUNA, 2013, p. 89).

Assim, pode-se entender que é preciso tentar. Oferecer a ludicidade como meio de ensino e aprendizagem, o “brincar por brincar” não é banal no ensino dos pequenos e, certamente, em todas as ações traz aprendizados. A autora ainda afirma:

Portanto, tem todo o sentido afirmar que, brincando por brincar, também se aprende, e que brincar pode, sim, ensinar, tanto quanto no brincar se pode aprender, desde que continue sendo brincadeira. Para isso, é preciso apostar no brincar – o que só é possível entrando em seu jogo, isto é, brincando. Pode-se, pois, concluir, que brincar é, efetivamente, aprender. (FORTUNA, 2013, p. 90).

Portanto, os jogos apresentados no livro educativo são simples em sua operacionalidade e trazem consigo o sentido da brincadeira e diversão, conforme o público-alvo que se pretende atingir.

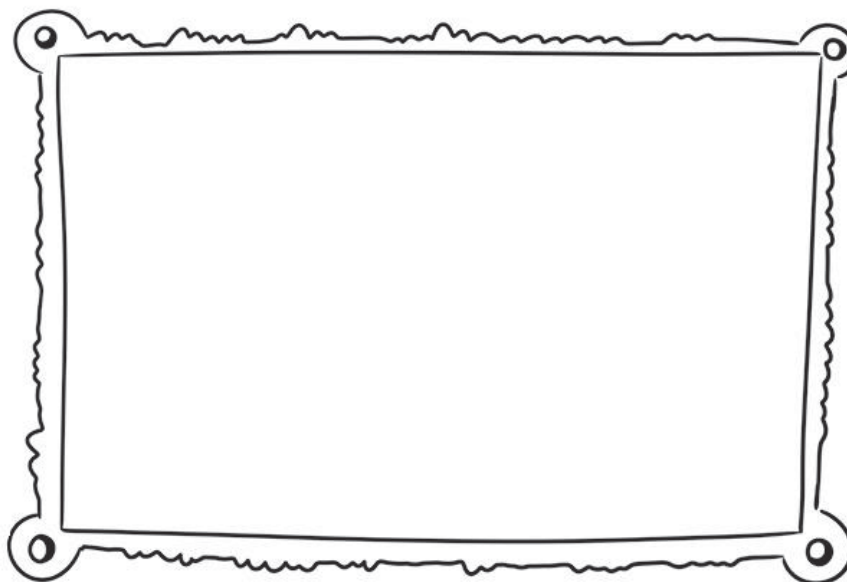
4.3.15 Museu sobre a minha vida

Após ser apresentados alguns objetos do acervo do museu e alguns locais históricos e culturais, algumas atividades surgem desse conhecimento. A primeira proposta aparece na página 12, onde a criança será indagada: “Agora quero saber sobre sua história! Se o museu fosse sobre a tua vida, o que você colocaria como representativo, como importante nele?”

Com um espaço amplo para desenhar, que ocupa quase a página inteira, o pequeno visitante do museu é direcionado a pensar essa questão, o que seria representativo de sua vida para expor no seu próprio museu? Que pessoas, objetos e/ou momentos apareciam? Quais memórias e lembranças? Cada um terá a liberdade de representar o que desejar e achar que irá melhor expressar sua trajetória, através da sua percepção.

Figura 35 – Atividade “Museu sobre a minha vida”.

Agora quero saber sobre a sua história!
Se o museu fosse sobre tua vida, o que você colocaria como representativo?



Fonte: material elaborado pela mestrandia e ilustradora (2022).

Sobre a liberdade de expressão infantil, Ribeiro, Oliveira e Rabelo Júnior (2016) discorrem:

Esta espontaneidade ocorrerá de forma positiva quando a criança sentir vontade e não se sentir pressionada a fazer algo que ela não queira; afinal de contas, desenhar não é um ato imediato, pois é necessário concentração e associar o mundo a sua volta para só assim decodificar o que foi de fundamental e formular o desenho. (RIBEIRO; OLIVEIRA; RABELO JÚNIOR, 2016, p. 4).

Assim, pela visão dos autores, ao desenhar com propostas de materiais educativos, o educador deve estar atento para que, a partir das produções artísticas, a criança desenvolva diferentes percepções. As atividades propostas em materiais educacionais podem favorecer o desenvolvimento da percepção infantil, além de permitir sensações táteis e visuais, que servem como recurso motivador, onde a criança irá produzir de acordo com as suas próprias conclusões ao utilizar o material apresentado (RIBEIRO; OLIVEIRA; RABELO JÚNIOR, 2016).

O que não é apropriado ao mediador fazer é obrigar a criança a cumprir todas as atividades propostas no material didático. O museu não é segmento da escola,

portanto seus parâmetros não são os mesmos, isso deve ficar claro na percepção do público mirim. Até mesmo a escola não deve ser um local que obriga. As pinturas, os desenhos e as explorações devem ser um momento de ludicidade, conhecimento e expressão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso, foram vivenciadas diferentes fases para a elaboração do material e sua efetiva concretização. Inicialmente, tinha-se a ideia de investir num produto digital, visto as incertezas causadas pela pandemia e a era tecnológica que o mundo está inserido. Porém, no decorrer do projeto, a ideia foi se encaminhando para outro resultado, e nas buscas por desenhos para colorir, chegou-se ao livro/e-book. Sem perder a funcionalidade de ser uma sugestão de conectividade com o público mirim, chegando, assim, até a proposta educativa e a propensão de sua operacionalidade para a educação e consciência histórica das crianças de Vacaria/RS.

Como ideia de atividade educativa para o museu e para o ensino de história local, foi desenvolvido um livro educativo, disponível tanto na versão impressa (se houver recursos) quanto digital (e-book), que conta algumas partes do passado da cidade, através do caminho que o museu apresenta durante sua visita, enquanto relaciona e provoca as crianças sobre os dias de hoje.

Enfatiza-se que o produto será sugerido à instituição museal e à Secretaria de Educação Municipal como ideia de instrumento educacional, a ser proposto para as crianças da Educação Infantil, faixa etária de 4 e 5 anos, sendo possível também adaptar seu conteúdo para outras etapas da educação básica, como Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

O produto conta com 16 páginas, sendo que em sua grande maioria aparece a figura de um indígena, chamado Teçá (“olhos atentos”, em tupi-guarani), um menino que acompanha e conversa com a criança enquanto apresenta o conteúdo do recurso para ela. O livro também traz informações adicionais nos boxes complementares e apresenta desenhos para colorir: duas ilustrações de objetos expostos no museu e cinco opções de pontos históricos e culturais de Vacaria/RS.

As atividades reflexivas levam a criança a questionar sobre seu local de vivência, sua vida e sobre sua própria história, instigando um olhar consciente e histórico sobre si mesma e o meio que a cerca. Os jogos educativos são um momento de ludicidade, descontração, brincadeira e desafio, enquanto exploram os temas apresentados. Eles também servem como instante de revisão e retorno do que visualizaram anteriormente.

Com a ideia do material instrucional para crianças da EI, estima-se que as crianças desfrutem de maneira mais interativa da exposição, do espaço, do acervo do museu e, concomitantemente, dos locais da cidade abordados no livro. Além de apresentar uma alternativa lúdica para o público mirim, possivelmente, compreender melhor a história que o rodeia. Despertar o interesse por ambientes de cultura, convidar esses lugares a pensar propostas educativas para seus públicos, continuam sendo objetivos indiretos da pesquisa, entrelaçados em suas linhas.

Ainda sobre os materiais lúdicos, pode-se constatar que, após as análises de autores, como Marandino *et al.* (2016), conforme a maneira que são dispostos nas práticas pedagógicas, os roteiros de visita se tornam recursos de investigação, intervenção, apropriação, protagonismo e vínculo entre o objeto de estudo e a criança.

É preciso, no fim do processo, avaliar as escolhas didáticas, o planejamento, o processo de elaboração e se os objetivos foram alcançados ou não. Marandino *et al.* (2016, p. 38) explicam que “o aprimoramento contínuo dos materiais educativos [...] depende do bom processo avaliativo. Apontar pontos positivos e negativos do material e de sua aplicação”, ou seja, para se obter um bom resultado, é necessário estar atento ao recurso, percebendo seus aspectos em relação a seus objetivos.

Retornando, então, aos objetivos iniciais, esses eram analisar e planejar uma proposta educativa para o museu municipal, promovendo um ensino de História com maior contato ao público mirim. Esse material foi pensado, planejado e construído, procurando oferecer uma possibilidade de conscientização histórica às crianças da cidade. Certamente, sempre haverá melhorias para se fazer, dependendo de diferentes perspectivas que possam ser contempladas.

É fundamental ressaltar que o ato de realizar as atividades sugeridas pelo livro instrucional deve ser visto como um momento de aprendizagem significativa e de brincadeira prazerosa, e não de pressão emocional. A criança deve ter a liberdade de expressar suas preferências, saber identificar qual jogo mais gostou, qual desenho quer colorir, em que página ela quer desenhar e qual das atividades fez mais sentido para ela. Esse é o sentido do material: oferecer possibilidades de conhecer e imaginar, sem doutrinar. Lopes acrescenta que não se trata de promover ou reafirmar uma escolarização do museu, e sim de estudar a multiplicidade de papéis educativos que podem ser assumidos pelo espaço museológico (LOPES, 2004 apud LEITE, 2017).

Desse modo, fica explícito que as crianças não precisam cumprir todas as etapas das páginas do livro. Ao mediador que futuramente poderá aplicar o material, cabe à percepção sensível para a quantidade de páginas que serão exploradas. O livro pode ainda ser um recurso utilizado por muitas vezes, por exemplo, na escola, pode ser um projeto de vários dias, com pequenas explorações diárias.

Ressalta-se que o material é uma proposta de ensino de história lúdica no museu (e talvez nas escolas), não tendo sido ainda validado com as crianças. Por isso, não é possível, no momento, verificar seu desempenho com o público, se realmente contribuiu para a aprendizagem das crianças em História, se trouxe maior relação desse público com o museu, se os professores gostaram de realizar as atividades com os pequenos e se despertou interesse neles. Talvez, numa continuidade da pesquisa, seja possível relatar a avaliação da aplicação do material, analisando sua realização com o público mirim. No momento, ele ainda é uma sugestão, com desejo de ser efetivada.

Para essa perspectiva de utilização do material didático planejado, é necessário que quem planeja e analisa a produção do livro permaneça atento às experiências realizadas em outros lugares, em outros museus, acolher as sugestões e continuar em constante formação. As revisões do material também devem ser frequentes (MARANDINO *et al.*, 2016).

No Brasil e nos demais países americanos, não é novidade a utilização de materiais educacionais nos museus. No entanto, para o município de Vacaria, um instrumento infantil sobre a sua história pode ser considerado uma inovação. No decorrer do texto, foi verificado que uma minoria da população é frequentadora desses locais. Além disso, segundo o site Agência Brasil (2019), nessa minoria, a classe econômica predominante são as classes A e B. Portanto, a oferta desse material nas escolas públicas municipais infantis pode vir a ser uma tentativa de alteração desses dados culturais e estruturais.

Sobre os desafios de produção, podem-se destacar o constante cuidado de procurar manter o conhecimento histórico sem minimizações e, ao mesmo tempo, abordar uma linguagem lúdica e própria para o público infantil. Correções e alterações foram feitas no decorrer do processo de elaboração do material, desde as escritas, os desenhos, as propostas e como seriam atribuídas no livro, para tentar envolver as crianças nesse assunto.

Além das dificuldades naturais do processo de construção de dissertação do mestrado, aprender a pesquisar como historiadora foi desafiador. As dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa foram nas questões de acesso às pessoas responsáveis pelos setores públicos, como coordenação do museu, ou responsáveis pela Secretaria de Cultura. Em alguns momentos, o fato de não sentir abertura para diálogos mais abrangentes e parcerias gerou angústia quanto a poder vir a ser ofertado o material às crianças.

Entretanto, num período mais próximo do fim da elaboração do material, foi encontrado pessoas que se interessaram pela proposta e cogitaram a aplicabilidade do material no museu de Vacaria/RS e/ou nas escolas. Sabe-se que o material foi pensado como sugestão.

Pode-se dizer, então, que o objetivo do trabalho foi atingido, visto que o material foi planejado e elaborado, assim como será proposto à comunidade de Vacaria. A estética do livro é algo que me agradou, a ilustradora/designer conseguiu expressar e representar as ideias, tornando-as concretas e lúdicas.

Como verificado no estudo, há muitas alternativas para propor visitas educativas nos espaços museais, de modo que o uso do material didático é uma sugestão ao município de Vacaria/RS, no sentido de planejar atividades a todos os diversos públicos.

Ao museu, se dedica o material e a reflexão de acolhimento e planejamento a diferentes camadas sociais. Aos professores, se oferece o livro, a fim de que auxilie no processo de ensino aprendizagem em História na Educação Infantil, um recurso a utilizar com os pequenos, em visita ao museu, ou nas escolas. Os educadores podem também se abastecer de algumas ideias ou páginas propostas para o planejamento de aulas com as crianças.

Às crianças, deseja-se conscientizar sobre patrimônio, desenvolvendo sentimentos de preservação e pertencimento. A noção de perceber-se integrante do seu local de vivência, sujeito histórico-social, com suas capacidades e direitos de participação e acesso às culturas e às atividades sociais.

A pesquisa ainda poderia ter outros caminhos a seguir, verificar a aplicabilidade do livro pedagógico, talvez pensar em outras edições para outros públicos. No que se pretendia alcançar num primeiro momento, ela se contém aqui.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Classes A e B reúnem 82% dos frequentadores de museus.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/classes-e-b-reunem-82-dos-frequentadores-de-museus-diz-pesquisa>. Acesso em: 12 out. 2021.

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola.** 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

APPIO, Francisco. **Vacaria das Oliveiras:** Suplemento comemorativo ao 159º aniversário de Vacaria tem o propósito de divulgação e promoção da história, fatos e pessoas. Vacaria/RS, 2009.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. **O Mergulho no *Seculum*:** exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial. Porto Alegre: Editora Animal, 2013.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; FERREIRA, Andres. O Ensino de História na Educação Infantil: um novo tempo. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba. v. 4, n. 2, p. 207-214, 2013.

BLOG MUSEU DA IMAGINAÇÃO. **A importância de desenhar para o desenvolvimento infantil.** Disponível em: <https://www.museudaimaginacao.com.br/blog/a-importancia-de-desenhar-para-o-desenvolvimento-infantil>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BLOG MUSEU DA IMAGINAÇÃO. **O lúdico no auxílio a saúde mental das crianças em tempos de confinamento.** Disponível em: <https://www.museudaimaginacao.com.br/blog/o-ludico-no-auxilio-a-saude-mental-das-criancas-em-tempos-de-confinamento>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRASIL ESCOLA. **Considerações históricas dos jogos no âmbito educacional.** Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/consideracoes-historicas-dos-jogos-no-ambito-educacional.htm>. Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017, p. 37.

BRASIL. Constituição Federal. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Lei nº 11.904, Artigo 1º de 14 janeiro de 2009.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009, Artigos 4º e 9º.

CAETANO, José Carlos Gonçalves. O museu histórico como um espaço de ensino e aprendizagem para a história: o museu Ernesto Bertoldi como proposta. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGIA*, 2, 2012, Maringá. Anais. Maringá, 2012, p. 1-10.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA. “Cria Museu Municipal”. **Lei Ordinária Nº 1477 de 10 de novembro de 1993**. Disponível em: https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/1993/1/0/3791#lista_texto_proposicao. Acesso em: 20 jan. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA. “CRIA O ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VACARIA”. **Lei Ordinária Nº 1641, de 28 de maio de 1996**. Disponível em: https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/1996/1/0/3955#lista_texto_proposicao. Acesso em: 31 jan. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE VACARIA. “DENOMINA DE ESPAÇO CULTURAL DR. ADHEMAR PINOTTI, O LOCAL DESTINADO AO ACERVO HISTÓRICO DE VACARIA”. **Lei Ordinária Nº 3191, de 08 de novembro de 2011**. Disponível em: https://www.camaravacaria.igamtec.com.br/camara/proposicao/pesquisalegislacao/2011/1/0/2061#lista_texto_proposicao. Acesso em: 31 jan. 2021.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O Público Infantil nos Museus. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ - Brasil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623652329>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 272-292, jun. 2018.

CESCON, Juliane Petry Panozzo. Patrimônio cultural, memória social e imagem. **IV Jornadas Mercosul: Memória, Ambiente e Patrimônio**. Unilasalle, Canoas/RS, de 7 a 9 de novembro de 2016. p. 183.

CHICARELI; Larissa S.; ROMEIRO, Kauana C. Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. **Revista Confluências culturais**. Ed. Olhares urbanos e espaços temáticos – Patrimônio urbano e patrimônio rural; Patrimônio cultural, desenvolvimento e sustentabilidade; Memórias e urbes; Reespacializações culturais, v. 3, n. 2, p. 85-93, set. 2014.

COSTA, Júlio César Virgínio da. **O Ensino de História mediado pelo museu: tempos, conceitos e patrimônio**. XVIII Encontro Regional ANPUH. Minas Gerais, 2012.

COSTA, Leandro Demenciano. **O que os jogos de entretenimento têm que os jogos educativos não têm**. VIII Brazilian Symposium on Games and Digital Entertainment. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. 2009. Disponível em:

<http://sbgames.org/papers/sbgames09/artanddesign/tutorialArtes3.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.

DATNER, Yvette. **Jogos para educação Empresarial**. Jogos, jogos dramáticos, roleplaying, jogos de empresa. 2. ed. São Paulo: Agora, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e o ensino de história. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de; POSSAMAI, Zita Rosane. O curso de organização de museus escolares do Museu Histórico Nacional (BRASIL, 1958). **Revista História da Educação**, v. 23, p. 1-37, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/80222>. Acesso em: 9 fev. 2021.

FEE. Fundação de Economia e Estatística. **Renda interna municipal RS - 1939-1980**. Porto Alegre, outubro de 1986. 365p. ilust. tab. Renda interna, I. Título. II. Agregados econômicos RS. III. Série. CDU 339.32(816.52).

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. “Qual a relação entre a história pública e o ensino de história?” In: Mauad, Ana Maria; Santhiago, Ricardo; Trindade, Viviane Borges (org.). **Que história pública queremos?** São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2018. p. 29 – 38.

FORTUNA, Tania. Brincar é aprender. In: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz (org.) **Jogos e o Ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Evangraf/UFRGS, 2013.

GANZER, Adriana Aparecida. Museu, educação e curadoria: diálogos possíveis. **Séries Iberoamericanas de Museología**, v. 2, p. 213-225, 2012. Disponível em: <http://www.uam.es/mikel.asensio>. Acesso em: 7 jan. 2021.

GRANZA. **3 Dicas de design para criação e impressão do seu material gráfico**. Disponível em: <https://granza.com.br/3-dicas-de-design-para-criacao-e-impressao-do-seu-material-grafico/>. Acesso em 20 abr. 2022.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **20ª Semana Nacional de Museus**. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/eventos/20-semana-nacional-de-museus>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ICOM. International Council of Museums - Brasil. **Dados para navegar em meio às incertezas**. Resultado da pesquisa com profissionais e públicos de museus. 2020. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf. Acesso em: 31 jan. 2021.

IMHC. Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul - UCS. **Publicação em rede social**. Disponível em: <https://www.instagram.com/ucs.imhc/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **Vacaria terá um Museu**. Vacaria/RS, 02/03/1996, p. 5. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **Museu conta parte da História de Vacaria**. Vacaria/RS, 25/05/1996, p. 10-11. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **Raízes de Vacaria I**. Vacaria/RS, 25/05/1996, p. 10. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **CÂMARA MUNICIPAL DE VACARIA LEI Nº 1641 DE 28 DE MAIO DE 1996 “CRIA O ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VACARIA”**. Vacaria/RS, 01/06/1996, p. 4. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **Vacaria Cria Museu Público**. Vacaria/RS, 10/08/1996, p. 5. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL CORREIO VACARIENSE. **A Semana Farroupilha Evoca a Consciência e Analisa os 160 Anos da Proclamação Rio-Grandense**. Vacaria/RS, 07/09/1996, p. 5. Arquivo Correio Vacariense.

JORNAL O PIONEIRO. **Oscar Niemeyer vai projetar Casa do Povo de Vacaria. Obra será concluída em 1986**. Caxias do Sul, 26 de outubro de 1984, p.10.

LEITE, Marcelo H. **Qual é o lugar do museu no campo de pesquisa do ensino de história?** XXIX Simpósio Nacional de História – Contra os preconceitos: história e democracia. ISBN: 978-85-98711-18-8. Brasília, 2017.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Infância e produção cultural: Desenho infantil**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papyrus, 2005.

LEME. Laboratório de Ensaio e Modelos Estruturais. **LEME firma convênio para o restauro da única obra arquitetônica de Oscar Niemeyer no Rio Grande do Sul**. UFRGS: Porto Alegre, RS. 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/leme/news/leme-firma-convenio-para-o-restauro-da-unica-obra-arquitetonica-de-oscar-niemeyer-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 24 jan. 2021.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. A produção de material didático para o ensino de História. **Revista Latino-Americana de História**, Edição Especial, PPGH-UNISINOS, v. 2, n. 6, p. 40-41, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/175/133>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MACHADO, Ironita Policarpo. Museus e ações educativas frente às novas tecnologias. **MÉTIS: história & cultura**, v. 18, n. 35, p. 121-132, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/7800/3932>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MADE IN VACARIA. **Fazenda do Socorro**. 2019. Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/fazendasocorro/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MADE IN VACARIA. **Catedral Nossa Senhora da Oliveira**. s/d. Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/catedralvacaria/> Acesso em: 30 jan. 2021.

MADE IN VACARIA. **Monumento ao Ginete – Uma homenagem ao grande personagem dos Rodeios**. Disponível em: <https://www.madeinvacaria.com.br/monumento-ao-ginete/>. Acesso 18 abr. 2022.

MARANDINO, Martha; MONACO, Luciana; LOURENÇO, Marcia F.; RODRIGUES, Juliana; RICCI, Fernanda Pardini. **A Educação em Museus e os Materiais Educativos**. São Paulo: GEENF - FEUSP, 2016.

MEINERZ, Carla Beatriz. Jogar com a História na sala de aula. In: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz (org.). **Jogos e o Ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Evangraf / UFRGS, 2013.

MELLO, Bruno César Euphrasio; ALVAREZ, Cícero. Casa do Povo na porteira do Rio Grande obra de Oscar Niemeyer no Município de Vacaria – RS. **Revista Vitruvius. Arquitectos**. ano 12, abr. 2012. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitectos/12.143/4314>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Educação Museal**. Disponível em: <https://sabermuseu.museus.gov.br/educacao-museal/#:~:text=Assim%2C%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Museal%20diz,e%20referencial%20para%20a%20sociedade>. Acesso em: 14 ago. 2022.

MUSEU ARTE SACRA. **Re Criando o Museu – para desenhar e colorir o Museu de Arte Sacra**. Disponível em: <http://museuartesacra.org.br/re-criando-o-museu-para-desenhar-e-colorir/>. Acesso em: 13 out. 2021.

MUSEU DA INFÂNCIA. **Portal**. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/museu-da-infancia/apresentacao>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MUSEU OSCAR NIEMEYER. **Museu Oscar Niemeyer**. Disponível em: <https://museuoscarniemeyer.org.br/acaoeducativa/uma-noite-no-mon>. Acesso 10 fev. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 8 fev. 2021.

OLIVEIRA, Alessandra. Museu: um lugar para a imaginação e a educação das crianças pequenas. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa. **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papirus, 2013. p. 313-330.

OLIVEIRA, Fabiana. A Criança e os Espaços Públicos: reflexões acerca das implicações da participação infantil. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro/SP, v. 28, n. 57, p. 41-57, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11019/8560>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O Museu como lugar de aprendizagem: o tempo histórico**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis – SC. Julho, 2015.

PELLEGRINE, Marina J. **A importância dos Jogos e das Brincadeiras na Educação Infantil**. São Paulo, PUC – Faculdade de Educação, 2007, p.13.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Jogos e o Ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Evangraf/UFRGS, 2013.

PERES, Marilen Fagundes. **Produção de Material Didático Pedagógico para Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural de Tupanciretã**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis – SC. Julho, 2015.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSEAL. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

PINOTTI, Adhemar Antonio Martins. **Só para lembrar: Vacaria em fotos**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA. **Dados gerais**. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/vacaria/dados-gerais>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA. **História**. Disponível em: <https://www.vacaria.rs.gov.br/vacaria/historia>. Acesso em: 26 dez. 2020.

RADÜNZ, Roberto. Ensino de história: memória em linguagem digital. **Aedos**, n. 11, v. 4, p. 429-441, set. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30764/20879>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no Ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. São Paulo: Martins, 1962.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação do Estado. **Referencial Curricular**. Lições do Rio Grande. v. 1., p. 23. 24/08/2009. Disponível em:

https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação do Estado. **Referencial Curricular Gaúcho: Humanas**. v. 1. Porto Alegre: Departamento Pedagógico, 2018. p. 138. Disponível em: <http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós – Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/102266/58383>. Acesso em: 22 fev. 2021.

REPÓRTER RIOGRANDENSE. **Legendária Vacaria – Origem da Fazenda do Socorro**. 2011. Disponível em: <https://www.reporterriograndense.com.br/2011/05/origem-da-fazenda-do-socorro.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

RIBEIRO, Rosângela de Meneses Melo; OLIVEIRA, Mariany Santos; RABELO JÚNIOR, Lindolfo de Oliveira. **A Importância do Desenho na Educação Infantil: uma atividade dotada de várias significações**. Trabalho apresentado para Conclusão de curso na Faculdade São Luís de França, 2016.

ROQUE, Maria Isabel. A (in)definição de museu. **Blog A.mu.arte**. 27 set. 2017. Disponível em: <https://amusearte.hypotheses.org/1955>. Acesso em: 16 fev. 2021.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (orgs.). **Coleção História do Tempo Presente: vol. 2**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar história: como jogar com isso? In: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz (Org.). **Jogos e o Ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Evangraf / UFRGS, 2013a.

SEFFNER, Fernando. **Aprendizagens em História**. In.: Teoria & Fazeres: caminhos da educação popular. pp. 34-37 Gravataí, SMEC, 1998 v.1.

SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz (org.). **Jogos e o Ensino de História**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Evangraf /UFRGS, 2013b.

SELLI, Paula Hilst. **Crianças, museus e formação de público em São Paulo**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2013.

SOUZA, Ivana; ALVES, Lynn. **Jogando nos Museus Virtuais - Considerações preliminares: os jogos online como experiência educativa nos museus virtuais**

brasileiros. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. X SBGames – SBC. Proceedings of SBGames. Culture Track - Full Papers. Salvador – BAHIA, 2011.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. **Museu das crianças:** a experiência piloto no Brasil. Pernambuco: Editora Universitária UFPE/FAPESC, 2008.

ANEXO A – CARTA ENDEREÇADA A OSCAR NIEMEYER



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA

Vacaria, 13 de julho de 1984

Professor Oscar Niemeyer

Saudações

Inicialmente, queremos dizer da nossa satisfação em poder manter um contato com V.Sa. através desta carta que lhe é levada pelo Dr. Hernani Azevedo e Silva, empresário paulista, nosso amigo, e que é proprietário em nosso Município, do Haras São Luiz.

Somos uma Administração Municipal pela legenda do PMDB, que tem por objetivo a realização de uma Administração exclusivamente voltada para o social visando utilizar o Poder Público Municipal exclusivamente para os interesses do povo.

Estamos realizando uma série de projetos administrativos de alto interesse popular que certamente o portador, Dr. Hernani, poderá relatar a V.Sa.

Dentre os nossos objetivos administrativos, está a construção de uma obra arquitetônica que chamaremos " A casa do povo " , visto que o nosso Município possui uma população urbana de 40.000 habitantes e 20.000 na zona rural, sendo a quase totalidade de baixa renda, portanto, sem acesso aos clubes sociais da cidade.

A nossa idéia é a construção de um prédio para servir a todas as necessidades da comunidade em termos de local para reuniões.

Podemos destacar como eventuais utilizações pelo povo, o seguinte:

- 1º) Comícios partidários (5.000 pessoas em pé);
- 2º) Conferências, palestras e debates públicos;
- 3º) Bailes populares e estudantis;
- 4º) Assembléias de classe;
- 5º) Festas e casamentos;
- 6º) Formaturas escolares;
- 7º) Cerimônias Cívicas;
- 8º) Teatros, shows artísticos, e apresentações musicais (orquestras, bandas, artistas);
- 9º) Feiras e exposições;
- 10º) Churrascos populares;
- 11º) Local para abrigo em caso de calamidade pública.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA

Destacamos alguns fatores locais que determinam estas prioridades.

Vacaria é um município de clima frio, onde temos invernos longos com geadas até o mês de novembro, que dificultam a realização de concentrações populares ao ar livre.

Pretendemos levar cultura ao nosso povo através de palestras e conferências.

Nosso Município possui aproximadamente 13.000 estudantes que atualmente não possuem um local para suas promoções, como bailes, visto que os clubes existentes na cidade não cedem seus salões.

A cidade não possui atualmente nenhum recinto próprio para apresentações teatrais, artísticas ou musicais.

Devido aos rigores do clima, dificilmente estas apresentações podem ser feitas ao ar livre.

Vacaria é hoje o maior produtor de maçãs do Rio Grande do Sul, atividade recente e que se desenvolve nas pequenas propriedades rurais assumindo grande importância sócio-econômica como sustentáculo das mesmas.

Já sentimos a necessidade da realização de uma "Feira da maçã", provavelmente de caráter nacional que viria fimar este setor econômico.

Passamos a transmitir a V.Sa. alguns dados que entendemos serem de necessidade técnica para a realização do projeto.

Vacaria é um município localizado no Planalto do Nordeste do Rio Grande do Sul, com uma altitude média de 1.000 metros, aonde temos invernos com uma média de 35 geadas anuais e de uma a duas precipitações de neve, sendo que algumas de grande intensidade, chegando acumular até 30 cm. de gelo.

As temperaturas extremas registradas nos últimos 30 anos: máxima absoluta 32°C e mínima absoluta de 10° negativos.

As construções existentes em nossa região necessitam de telhado sendo que as estruturas de concreto a descoberto não são utilizadas, devido ao fato de sofrerem fissura de dilatação e compressão devido a variação de temperatura.

A precipitação pluviométrica anual é da ordem de 2.000 mm.

Possuímos uma boa infra-estrutura de mão-de obra para construções.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA

A Prefeitura possui um departamento de engenharia chefiado por engenheiro civil. O solo da nossa região é argiloso e de rocha basáltica.

Segue anexo uma planta altimétrica do terreno destinado a esta obra. Este terreno é dividido em três partes, sendo que a de nº 1 já é de propriedade da Municipalidade, as de nºs. 2 e 3 serão adquiridas pela Municipalidade breve. Através de um mapa do perímetro urbano, V.Sa. poderá facilmente localizar o terreno em apreço.

Temos conhecimento de que o Rio Grande do Sul não tem um projeto seu realizado. Sabemos que há um projeto da AMRIGS em construção em Porto Alegre.

Para o povo de Vacaria seria uma glória poder ter uma obra de Oscar Niemeyer.

Eu, imbuído desta pretensão que a nossa Administração na tentativa de dar ao povo de nossa terra algo mais do que lhe é permitido sonhar, aventura-se a solicitar a V.Sa. a possibilidade desta realização.

Somos um Município de economia primária com um orçamento de Cr\$ 2.000.000.000,00 (Dois bilhões de cruzeiros), com uma área territorial de 5.340 Km²-, escasso para a realização das necessidades administrativas, fato este que não é peculiar à Vacaria, mas sim a todos os Municípios brasileiros que são as grandes vítimas do centralismo Federal.

Coscientes somos das nossas limitações financeiras, gostaríamos de ter uma informação de parte de V.Sa. de quanto a Municipalidade terá que lhe remunerar por este projeto, a fim de que como administradores da coisa pública, possamos estudar a possibilidade da realização de uma obra de Oscar Niemeyer em Vacaria.

Pensando ter lhe fornecido as linhas básicas de nossas intenções, fazemos do portador, Dr. Hernani, nosso contato com V.Sa.

Ficamos no aguardo de vosso pronunciamento.

Atenciosamente,

Marcos Falcão Bini
 Prefeito Municipal

ANEXO B – DOCUMENTO DE RECONHECIMENTO DE OBRA

FUNDAÇÃO OSCAR NIEMEYER

Exmo. Sr.
AQUILES SUSIN
Prefeitura Municipal de Vacaria

Rio de Janeiro, 26 de novembro de 2004

Exmo. Senhor Prefeito,

Em atendimento a sua solicitação, venho informar que o projeto *Casa do Povo* consta do Catálogo Técnico da Obra de Oscar Niemeyer também sob a denominação de *Salão Polivalente em Vacaria*, como realização do ano de 1983.

O Catálogo Técnico é uma realização da equipe de pesquisa da Fundação Oscar Niemeyer, elaborado entre os anos de 1993 e 1995, sendo, desde então, atualizado periodicamente. O Catálogo digital encontra-se disponível somente na sede da instituição no Rio de Janeiro.

Caso necessite de outras informações, coloco-me à inteira disposição para demais esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

Fernanda Martins
Coordenadora
Fundação Oscar Niemeyer

ANEXO C – ENTREVISTA VIA E-MAIL COM ADHEMAR A. M. PINOTTI

Manoela - Como e quando começou a pesquisar sobre a história do município? Quando surgiu o interesse e como esse processo foi acontecendo? Em 1993, o prefeito Marcos Palombini “criou o Museu Municipal”, já era com suas fontes?

Dr. Pinotti - *Em 1993, ainda não tinha o entusiasmo voltado para o museu. Minha participação neste sentido iniciou com a minha presidência na Câmara Municipal de Vereadores, 1995/1996. Ai officiei a Indústria e Comércio de Vacaria mandarem seus históricos. Fui compilando e despertou-me a vontade de pesquisar sobre Vacaria. Foram longos anos com participação no jornal Correio Vacariense e programa nas duas emissoras. Assim, depois de muito estudo, pesquisa e contribuições da sociedade com fotos, em 2010, resultou no livro “Só para lembrar - Vacaria em Fotos”.*

Manoela - Como foi reunir o acervo que hoje está no Museu, assim como o material do seu livro, publicado em 2011?

Dr. Pinotti - *A sociedade de Vacaria colaborou com o acervo do museu. Da minha parte, com a divulgação de fotos e textos no jornal e o programa radiofônico (Só para Lembrar), tudo foi se consolidando. Assim, nestes anos todos fui arquivando fotos e documentos que resultaram na edição do livro “Só para lembrar - Vacaria em Fotos”.*

Manoela - O que te motivou nesta busca?

Dr. Pinotti - *Eu tenho uma paixão por fotos (preto e branco) que se relacione com Vacaria. Grande parte de minhas leituras diárias fazem referência a Vacaria. Acho que tenho o maior acervo de fotos e livros relacionados a Vacaria. Assim, a minha curiosidade sobre Vacaria é aguçada a cada dia que passa. Não paro nunca. Ainda tenho muito que pesquisar e escrever.*

Manoela - O que o senhor poderia contar sobre a inauguração do Museu na cidade em 1996? Ou, como antes denominado, quando o senhor era presidente da Câmara Municipal de Vereadores, “Arquivo público e histórico do município de Vacaria”?

Dr. Pinotti - *Foi um acontecimento que mexeu com a cidade. Não tenho muita lembrança do acontecido. Mas foi dado o início do que hoje é uma realidade.*

Manoela - Qual seu sentimento em 27 de agosto de 2020, onde o senhor recebe a homenagem de ter seu nome como nome do Museu?

Dr. Pinotti - *Sentimento de orgulho. Embora a Lei 3191 tenha sido aprovada em 2011, a divulgação do nome só veio a acontecer em 2020, senti-me super lisonjeado com tamanha distinção. Por isso, não devo parar de contribuir até o último de meus dias.*

Manoela - O que o senhor gostaria de acrescentar sobre este assunto que não foi abordado acima?

Dr. Pinotti - *Agradecer aos munícipes que reconheceram meu nome. [...] Sinto que tenho o reconhecimento do povo de Vacaria pelos humildes trabalhos prestados a essa comunidade.*

ANEXO D – OFÍCIO DO IPHAE PARA A SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DE VACARIA AUTORIZANDO AS OBRAS NA CASA DO POVO.



Ofício Nº 152/2019/IPHAE

Porto Alegre, 08 de agosto de 2019.

Ao Sr.
João Alfredo Acauan Filho
Secretário Municipal de Planejamento e Urbanismo
Rua Borges de Medeiros 915 – Centro
Vacaria – RS 95200-061

Senhor Secretário

Ao cumprimentá-lo, e em atenção ao Ofício nº 105/SMPU/2019, referente a adequação do projeto de construção do Museu e Biblioteca do interior da Casa do Povo de Vacaria/RS e guarita anexa à mesma, estamos encaminhando a **Informação nº 245/2019/IPHAE**.

Atenciosamente,

Renata Galbinski Horowitz
Diretora IPHAE



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

INFORMAÇÃO Nº 245/2019/IPHAE

Porto Alegre, 07 de agosto de 2019.

Prezada Diretora,

A "Casa do Povo" localizada na rua Borges de Medeiros, 1987, no município de Vacaria é um bem tombado estadual conforme portaria 06/2008 de 23/04/2008, publicada no Diário Oficial do Estado em 25/04/2008 e pertence a Prefeitura Municipal de Vacaria.

No Ofício no. 077/SMPU/2019 encaminhado pela Secretário Municipal de Planejamento e Urbanismo de Vacaria, Sr. João Alfredo Acauan Filho é solicitada análise e parecer do IPHAE quanto ao projeto de adequação e requalificação dos espaços internos da edificação para abrigar o Museu e Biblioteca Municipais.

Após análise da documentação apresentada, foram solicitados alguns ajustes e complementações através da Info.184/2019/IPHAE.

Através do Ofício no.105/SMPU/2019 de 04 de julho de 2019 foi encaminhada nova documentação técnica ajustada e complementada, conforme solicitado.


Após nova análise, informamos que nada temos a opor quanto as intervenções propostas e salientamos que devem ser tomados todos os cuidados necessários para que não ocorram danos na edificação existente.

Sendo o que tínhamos a considerar.

Atenciosamente,


Lisandra Weiler
Arq. Urb. CAU A22331-0

De acordo,
Em 07/08/2019


Renata G. Horowitz
Diretora do IPHAE